



Organização:
Jose Felicio
José Renato Polli
Márcio Martelli

São Francisco

O mensageiro da paz

otto



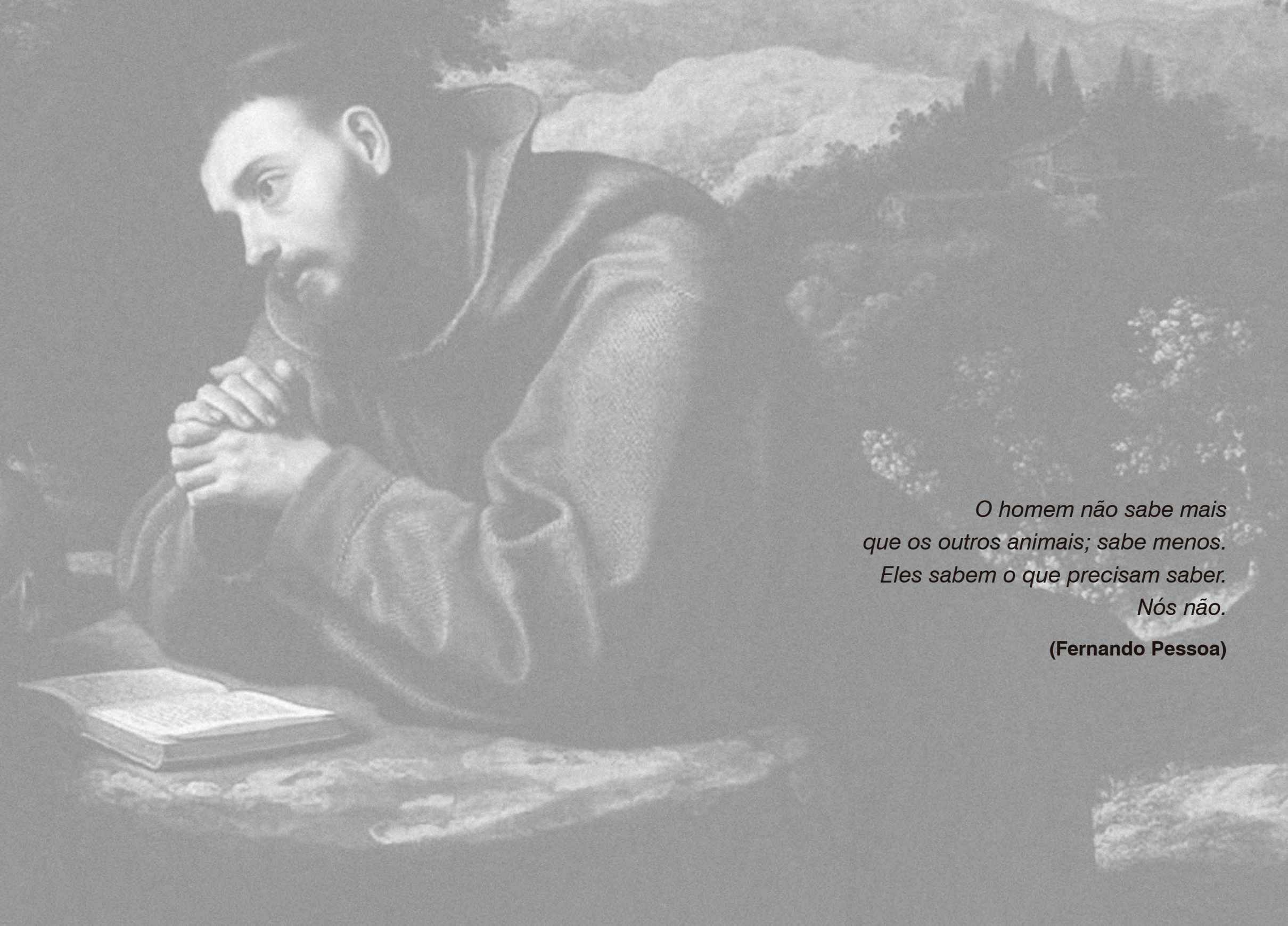
Foto: Divulgação

São Francisco, o Mensageiro da Paz

Organização:

José Felício | José Renato Polli | Márcio Martelli





*O homem não sabe mais
que os outros animais; sabe menos.
Eles sabem o que precisam saber.
Nós não.*

(Fernando Pessoa)

Organização: José Renato Polli, José Felício e Márcio Martelli
Editor responsável: Márcio Martelli
Capa / Projeto gráfico e Editoração:..... Márcio Martelli
Revisão gramatical: José Felício

Todos os direitos desta publicação são reservados e protegidos à Editora In House nos termos da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto nº 1825, de 20 de dezembro de 1907.

Os textos aqui reproduzidos são de autoria e responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, a opinião da Editora, nem dos organizadores desta Antologia.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização por escrito do editor e dos organizadores.

Jundiaí, SP, outubro de 2023.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

São Francisco, o mensageiro da paz / organização
Jose Felício, José Renato Polli, Márcio
Martelli. -- Jundiaí, SP : Editora In
House, 2023.

Vários autores.
ISBN 978-85-7899-722-9

1. Francisco, de Assis, Santo, 1181 ou 2-1226
2. Igreja Católica 3. Santos católicos - Biografia
I. Felício, Jose. II. Polli, José Renato.
III. Martelli, Márcio.

23-175248

CDD-282.092

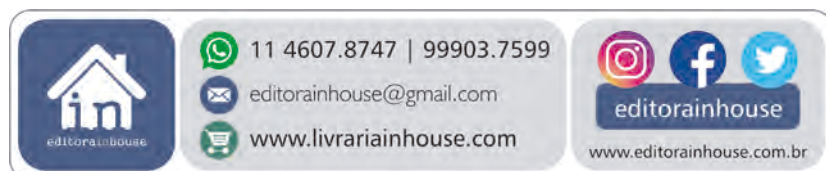
Índices para catálogo sistemático:

1. Santos : Igreja Católica : Biografia 282.092

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário

INTRODUÇÃO - São Francisco, o Mensageiro da Paz.....	9
CESAR NUNES Francisco de Assis (1181-1226) uma vida para renovar a vida das pessoas, para encantar o mundo, para preservar a biodiversidade .	11
MÁRCIO MARTELLI Um dia desses me contaram a seguinte historinha.....	18
MARTHA CIMITERRA O Santo de Assis	21
Um Santo chamado Francisco	23
JOSÉ RENATO POLLI O Santo, o homem e a natureza	24
CLAYTON SILVA São Francisco na arte.....	27
VERA MUSSI HAGE A reverência de Francisco	28
ARISTIDES ALMEIDA ROCHA São Francisco e o Futebol.....	30
IVANE PADILHA DE SOEIRO ROCHA São Francisco e a Geografia	33
PÉRSIO LUÍS MARCONI Uma luz que brilhou sobre o mundo.....	37
NADIME BOUERI NETTO COSTA “Francisco, reconstrua a minha Igreja!”	39
MAURÍCIO MOURA São Francisco na minha vida	44
São Francisco e Cauby	46
VERGINIA LUCCHETTA DI NALLO Sonho meu.....	49
FABIO SPINA Tica.....	52
DINAH THOMAZETTO ZANATTA Releitura da Oração de São Francisco	54



LUIZ ALBERTO CARLOS	
São Francisco	56
Magia Franciscana.....	57
FLAVIA CUNHA	
Singelo poema para São Francisco	60
GILBERTO ANGELO BEGIATO	
Ladainha: Cadê Francisco de Assis?	62
ROBERTA BASSANI FEDERIZZI	
O caminho de Assis	66
JOÃO CARLOS JOSÉ MARTINELLI	
São Francisco de Assis, protetor dos animais e Santo da Ecologia!	70
EVANDRO FERNANDES DA SILVA	
São Francisco	73
IVONETE PICCINATO DE FREITAS	
Santinho das minhas idas e vindas.....	74
THIAGO RODRIGUES	
Uma imagem para São Francisco de Assis inspirada por uma música de André Mehmari	76
THIAGO CARONE	
Meditações Franciscanas	79
DALVA MARIA BANNITZ BACCALÁ	
Francisco	86
DALTON LUIZ SIBINEL	
Querido São Francisco de Assis	88
Oração de São Francisco	91
ARIADNE RODRIGUES DE MORAES	
Francisco.....	92
ANDRÉ L P TRINDADE	
Presença	94
ANA CELESTE PEREIRA FERREIRA	
Encontros Com Francisco	95
São Francisco	98
JOSÉ FELICIO RIBEIRO DE CEZARE	
Asisium.....	99
HERMINIA APARECIDA BALBUENA	
Quem é você, São Francisco?	102
SUSANA BUENO DE SOUZA	
Ó Mestre, fazei que eu procure mais... ..	104
VALDEREZ DE MELLO	
A protetora	107
MELISSA MAIA DE SOUZA	
Oração a São Francisco	110
RONALDO ALBERTO MARTELLI	
São Francisco de Assis: uma visão espírita.....	113
Chico	115
LUCIANA BANNITZ BACCALÁ RIGHETTO	
Casa	117
IRACI FERREIRA DA SILVA	
Os 104 de Laura.....	120
LAURINDA AUGUSTA DE MORAES	
São Francisco de Assis	125
VANDERLEI NEGRO	
São Francisco de Assis	129
CLAUDEVALDA SOUZA-CLAUDIA	
Oração e Poesia.....	130
JEFFERSON DIECKMANN	
Francisco amigo... ..	131
GABRIELA WEBER BUONOCORE	
Viagem ao coração. Um encontro com São Francisco	132
JULIANA BORGES DE CEZARE	
Um chamado de Francisco	134
FOTOGRAFIAS	
Álbum de São Francisco	137
Uma viagem por Assis, Itália	148



Introdução

São Francisco, o Mensageiro da Paz

[...] Entre Tupino e o rio, que descende
Fértil encosta de alto monte pende.

Dali baixa a Perúgia o frio e o caldo
Pela porta do Sol; atrás padece
Em duro jugo Nócera com Gualdo.

Onde declive menos agro desce
Nasceu ao mundo um sol tão luminoso,
Como o que ao Gange às vezes esclarece.

Desse lugar quem fale portentoso
Não diga Assis, que pouco declara:
Chame Oriente o berço glorioso.

Do nascente este sol pouco distara,
Quando o conforto a receber a terra
Já das virtudes suas começara. [...]

Dante Alighieri

Canto XI, Paraíso, Divina Comédia (1304 - 1321)
Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro (1822 - 1882)

Há uma oração atribuída a **São Francisco de Assis**, na qual ao rogar, pedimos para nos tornarmos aqueles que levarão ao mundo: paz, amor, perdão, união, fé, verdade, esperança, alegria e luz.

O santo, num período tempestuoso – não diferente do atual –, disse ao povo que a criação é maravilhosa, o mundo é bom e devemos cuidar de todos. Colocou-se à

disposição dos pobres e doentes, preocupando-se inclusive com a vida animal.

Vamos, juntos de Francisco, tornarmo-nos o instrumento da mudança que queremos. Vamos, por meio da literatura, despirmo-nos da ilusão da individualidade e acolhermos o mundo com as nossas palavras nesta bellissima obra.

Os organizadores

Francisco de Assis (1181-1226) uma vida para renovar a vida das pessoas, para encantar o mundo, para preservar a biodiversidade

Tenho sempre buscado decifrar minhas referências de vida, num esforço de buscar entender melhor minha existência. Não se trata de uma busca solipsista. Quero me entender melhor, honesta e criteriosamente, para entender o mundo que me cerca e me condiciona. Tenho buscado o propalado “cuidado de si”, que nos recomenda Michel Foucault, como paradigma para legitimar o desejado cuidado dos outros. Vamos vivendo e existindo, existindo e vivendo, e há momentos em que as condições objetivas nos interpelam para enfrentar o jogo mais difícil de nossas vidas, a nossa relação com a verdade de nós mesmos. Já busquei a Psicanálise, por algum tempo, para me restabelecer diante de meus pais, pois os pais são nossas referências estruturantes, olhar nos olhos dessa relação é sempre o mais difícil desafio.

Mas, depois de algum refrigério na alma, busquei dialogar com outras referências de meu existir, com destaque para a minha longa experiência de viver num Seminário Católico, para decifrar o panteão cristão que sempre fez parte de meus universos emocionais e culturais, bem como a marcante relação com o sagrado, a reiterativa questão da religião em minha vida, e outras tantas indagações sempre vivas em mim. As lembranças – nesse catártico processo – vão subindo à tona e parecem consolar a alma que continua no purgatório cotidiano da agonia dos dias em seu desfilar cronológico.

A primeira lembrança que me vem à mente, nesse voltar ao coração, que é a raiz da palavra “re-cordare”, é a figura da mãe de Jesus. Sempre tive uma relação profunda e amorosa para com a figura de Maria, a quem dediquei grande parte de meus melhores anos e dos melhores anelos de minha existência juvenil. Escrevi poemas para Maria, compus músicas, escrevi versinhos, montei peças de teatro,

sempre destacando a maravilhosa figura de Maria de Nazaré. Sou ainda profundamente conectado com Maria! Mas, não é sobre ela este texto simples e quase pueril de hoje, escreverei sobre Maria em outra ocasião.

Vou buscar escrever sobre Francisco de Assis. Resolvi pensar e dialogar comigo mesmo sobre a pessoa amorosa de Francisco de Assis. Em primeiro lugar, o espanto. Como pode uma pessoa, nascida e vivida no século XII, na Itália, continuar a brilhar e exarar sentido para as pessoas – como eu – do século XXI, qual é o nexos, o *elán*, a causalidade possível? Confesso que ainda não sei como responder a esse mistério e a essa agradável contradição.

Fui criado na Igreja Católica, a atmosfera de minha infância e de minha juventude foi sempre plenamente povoada de símbolos e de identidades do universo católico: um amplo conhecimento das liturgias dos santos, das santas, de rezas, de missas e de procissões, de comunhões, de confissões e confessionários, de batizados, de sacramentos, de cantos, oferendas, bênçãos e sacralidades. Essas realidades estão intrincadas em minha alma. São referências, ainda hoje, para meus pensares e para meus escritos.

Estudei Teologia, três anos e meio, no limiar dos anos 1980; e deixei o Seminário depois de 14 anos de vida religiosa, entre internatos e instituições abertas, tendo ali permanecido dos 11 aos 25 anos de idade, em três diferentes instituições religiosas de formação clerical – escola de seminaristas. Não é fácil pensar nisso tudo. Não é fácil, mas é necessário. Preciso desse preâmbulo para chegar em Francisco.

Pois bem, vamos lá. Fui aprendendo muitas coisas sobre os santos em minha vida de seminarista. Sempre fui muito atencioso e prestava profunda atenção nos detalhes. A “vida dos santos” sempre fora um recurso didático exemplar para a formação eclesial ou clerical, juntamente com outras práticas adjutórias. Com 11 anos de idade uma criança acaba recebendo essas heranças culturais, no âmbito religioso, quase sem resistências. Depois, com o passar do tempo, vamos tendo condições de fazer escolhas, de ponderar, de comparar e de fundamentar nossas pequenas e as grandes devoções, com o critério da razão e da vontade, da admiração, da identificação, nessa miríade de símbolos e de devaneios místicos. Os santos povoam nos-

sa vida com tal cumplicidade que poucas pessoas haveriam de imaginar. Lembro-me de jogar o deslumbrante jogo de “bate-figurinhas”, debaixo da escada grande do dormitório comum, com um punhado de santinhos e santinhas na mão, devidamente seguros por um elástico ou um pedaço de barbante. Outros meninos, certamente, jogavam o mesmo jogo, fora do Seminário, em suas casas e na rua, com astros do futebol.

Fui levado, primeiramente, a gostar de Santo Agostinho (354-430). Busquei ler sobre sua vida, meditei sobre seus escritos, encantei-me com sua argúcia, sua espantosa inteligência e sua militância apologética. Andava com o “santinho” de Santo Agostinho comigo, colocava suas frases nos cadernos, desenhava seu rosto, ou o que eu considerava que fosse seu rosto, e passava longos tempos imaginando como seria meu encontro – na eternidade – com Santo Agostinho. Foi um momento de identificação e de internalização de arquétipos de autoridade paternal, penso hoje. Depois questionei muito a teologia agostiniana, mas isso não vem ao caso. *Profundeor, domini* - diziam meus mestres.

Depois fui apresentado a São João Maria Vianey (1786-1859), o Cura D’Ars. Era o padroeiro das vocações sacerdotais – hoje compreendo que a insistência na promoção do Santo Cura D’Ars, pela Igreja, era uma forma de nos enquadrar nessa identidade clerical –, pois ele era um pároco simples, austero, que vivera na França. Afeiçoei-me a ele e passei a cultivar seus hábitos, buscava imitar seus gestos e sentia sua santidade na sua simplicidade. Foi uma adesão vocacional intensa e fantástica. Deixei Santo Agostinho e passei a ter “santinhos” do Cura D’Ars. Ainda hoje tenho alguns *santinhos* deles em meu relicário sagrado. Ah, também gostei muito da carmelita descalça Santa Teresinha do Menino Jesus (1873-1897), que morrera com menos de 25 anos dedicada ao amor de Deus na vida reclusa. Foi um amor à primeira vista, à primeira leitura. Tudo nela me causava beleza, elevação e encantamento.

Fui apresentado, mais tarde, a São Jorge (275-303) e a Santo Inácio de Loyola (1491-1556). Respeitei-os muitíssimo, mas nosso “santo” não bateu, como se diz no gentil pensamento popular do Brasil. Fiquei na admiração padronizada, reproduzindo lugares-comuns

sobre ambos. Até que um dia uma luz invadiu todo o meu ser: fui apresentado a Francisco de Assis! Foi uma aparição dessas de abduzir a pessoa. Comecei a ler a vida de Francisco e a encantar-me com sua personalidade, sua originalidade e sua ternura. As liturgias frias e burocratizadas do Seminário desvaneciam-se diante de mim ao ler sua vida cheia de contradições entre a riqueza e as paixões, depois abandonados, o amor, a espiritualidade, a alegria, a dor, o misticismo e a sua corajosa defesa dos pobres e da vida comum. Ao assistir ao filme *Irmão Sol, Irmã Lua*, dirigido por Franco Zeffirelli no ano de 1972 – e que eu só pude assistir no ano de 1975 – tudo mudou em minha alma de criança. Ao voltar do cinema – os nossos superiores nos permitiram a exceção de poder ver o filme no cinema – eu era outra pessoa! Francisco me capturara inteiramente! Eu terminava uma dramática peregrinação por dentro de mim mesmo, de décadas e décadas vagando. Eu queria viver e amar como Francisco. Eu tinha encontrado meu ponto de mutação!

Estudei a vida de Francisco, tudo o que havia sobre Francisco eu buscava ler. Vi sua identidade de classe e conheci a fundo os seus problemas com a família e com seu pai. Foi confortante ver que os santos tiveram erros, padeceram de imperfeições e cometeram pecados. Isso me alforriava da culpa perene que teimava em encalacrar a minha alminha desde criança. Senti o seu renunciado amor por Clara, e testemunhei o amor incontestável do *Poverello* pela sua Igreja. Francisco passou a personificar, para mim, a presença inefável de Deus e de sua graça. Dante Alighieri (1265-1321) chamou Francisco de *luz da humanidade*. Herman Hesse (1877-1962) o definiria como uma das mais *lindas e admiráveis personalidades humanas*. Francisco fez a crítica da Igreja sem se afastar dela, a Renascença tem seguras influências de Francisco, que definiu o mundo criado por Deus como uma criação de amor e de beleza, retirando o sentido de mundo de pecado e como lugar desprezível das teologias anteriores. Francisco é o primeiro humanista da modernidade, bem antes dela, para minha ousada leitura de mundo.

Imaginei muitas vezes São Francisco lendo o Salmo 130 – “*Senhor, meu coração não é orgulhoso, nem arrogante é o meu olhar, não ando à procura de grandezas, nem de coisas maravilhosas demais*

para mim (...) sim, eu guardo minha alma, na paz e no silêncio, minha alma em mim está tranquila, qual uma criança no colo de sua mãe!” Essa imaginação fez a revolução de minha fé, de minha alma, de minha vida. Tantas vezes imaginei Francisco lendo o Salmo 130 que um dia julguei tê-lo visto, materialmente, numa tarde linda e mística de outubro. Mas isso é assunto para outra escrita.

Entendi que a minha Igreja, santa e pecadora, tivera a chance de se transformar com a crítica amorosa de Francisco. Seu ideal de vida – viver com os pobres, viver em comunhão – restaurava o fundamento da criação da Igreja de Jesus, que alterou profundamente a cultura e a civilização. Francisco questionou a opulência e o desvario do poder da Igreja medieval. Apelou para o amor, para a vida simples, para a comunhão com os mais pobres. Nos anos 1980, essa *opção preferencial pelos pobres* ecoava em minha mente e em todas as esferas e cantões das Igrejas do Vaticano II, das comunidades de base (CEB’s), da Teologia da Libertação, das pastorais da terra, da habitação, da dignidade de toda pessoa humana, dos Direitos Humanos, pautas que abracei para minha vida inteira. Francisco foi o fiador e o penhor de minhas escolhas éticas, estéticas e políticas.

Francisco irradiava a luz da humanização e da amorosidade. Os franciscanos, seguidores de Francisco através dos tempos, mantinham sua voz firme e autêntica na pessoa de D. Paulo Evaristo Arns, ofm (1921-2016) e, depois dele, de Dom Cláudio Hummes, OFM (1934-2022), em São Paulo. Eu continuava a ouvir as palavras de Jesus para Francisco – “*reconstrói a minha Igreja*” – nos becos, nos antrós e cantos de dores e de injustiças da triste São Paulo e de outras tantas cidades do meu sofrido Brasil.

Deixei o Seminário em 1982. Deixei, na sequência, algumas práticas antes impensáveis de serem descuradas. Perdi-me no trabalho, na militância política, na luta acadêmica e educacional. Fiz a crítica de minha formação no Seminário, escrevi coisas doloridas, ainda que necessárias, perdi muitas coisas da minha Igreja, mas Francisco ficou comigo! Continuo a admirar e a amar Francisco de Assis. Ele está vivo em minhas esferas públicas e privadas. Eu consigo dialogar com Francisco e interagir, a partir dele, com todos os demais interlocutores de minha formação.

Um dia pude visitar Assis, na Itália. Vi sua casa, vi seus trajes e suas sandálias. Fui tomado de uma emoção que me abalou por demais, provocando um choro incontido por solenes e longos minutos. Nas minhas orações, aos pés do altar, Francisco parecia sussurrar que eu não tivesse medo, continuando a manter a fé que em menino eu acolhera no coração. E que eu não me *esquecesse dos irmãos mais pobres*. Vivi ali uma experiência mística, linda de viver, difícil de relatar.

Na minha casa tenho um pequeno altar. Ali estão meus santos e minhas santas, gosto demais de Santa Isabel de Portugal (1271-1336), a Rainha das Rosas, que viveu e morreu entre as Clarissas, e de outros tantos e tantas, meus companheiros de jornadas históricas, psíquicas e sociais. Ali, vez ou outra, busco forças para enfrentar momentos difíceis. E ali está a pequena figura de Francisco de Assis.

Agora mesmo, nas formações que tenho sido chamado a realizar em escolas e cidades, eu sempre pergunto: como poderemos amar tão definitivamente o mundo, as crianças, os animais, a vida, tanto quanto nos ensina Francisco? Imaginem o grau de comunhão com a vida, a plenitude da vida, quando alguém engendra, da forma mais original possível, que se sente “irmão Sol”, que chama aos astros de “irmã Lua”, irmão fogo”, “irmã água”, “irmã árvore”. Qual filosofia ou teologia expressou tamanha identificação? Não há parâmetro em nenhuma filosofia ou proposta de sustentabilidade que tenha essa radical pressuposição; somos todos irmãos e irmãs, a biogênese nos constitui! É certo que ele chamou a morte de “irmã morte”. Essa grandeza eu ainda não desenvolvi. Sou pequeno demais.

Mas, tem muito mais. Estava com o coração apertado, com os rumos de minha Igreja no pontificado longo e contraditório de São João Paulo II (1920-2005), nos anos 1980. Seu pontificado perdurou de 1978 a 2005. Depois de algumas tristezas e do passamento do *papa popstar*, acenei para Bento XVI (1927-2022), a contragosto, para manter minha adesão eclesial, para permanecer em comunhão na minha escolha e valorizar o pertencimento à Igreja de meus pais. Até que um dia, um Jesuíta, logo alguém do grupo *deles*, e ainda por cima, um argentino, Jorge Mario Bergoglio, nascido em 17 de dezembro de 1936 e eleito Papa em 13 de março de 2013, sendo solenemente

anunciado como Papa de nossa Igreja, com aplausos e tensões! O coração veio à boca quando o *Papa do fim do mundo* anunciou a sua primeira bênção papal, pedindo que todo o mundo rezasse por ele. Renunciou às vestes e pompas eclesiásticas papais e escutou do cardeal franciscano D. Cláudio Hummes, OFM, articulador de sua candidatura ao cargo maior de nossa Igreja – “*Não se esqueça dos pobres!*” Até então eu não sabia o nome do novo papa: e ele disse – Francisco! Um vendaval arrebatou-me para as esferas mais inefáveis da fé. Vivemos a plenitude da mensagem de amor de Francisco ao nosso mundo, dramático e maravilhoso.

Essa é uma das experiências que a razão não é capaz de decifrar. Francisco, renova-se nele o carisma do jovem de Assis, emerge a mensagem de Jesus – eu tenho comigo que Francisco foi o ser humano mais próximo de viver a mensagem de Jesus, de conclamar a busca da simplicidade, o cuidado com a irmã natureza, o apelo ao amor às crianças e aos jovens, o apelo profundo ao tema da misericórdia de Deus, revitalizado em nossos tristes e obscuros dias. Francisco está novamente no centro de nossas vidas. Novamente Deus dispõe esse conselho: “*Reconstrói a minha Igreja!*” Acho que hoje a mensagem de Deus seria: “*Francisco, inspira a reconstruir o mundo, a preservar o planeta, a salvar a beleza de nossa biodiversidade!*”



CESAR NUNES

Livre docente em Educação, Professor Titular de Filosofia e Educação da Faculdade de Educação da Unicamp, Brasil, é Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas PAIDEIA e Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas e Promoção dos Direitos Humanos.

Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0003-3548-9486>

E-mail: cnunes@unicamp.br

Um dia desses me contaram a seguinte historinha...



Era uma vez São Francisco que
caminhava pelas pradarias
sozinho, à procura não se sabe do quê...

Devagarinho, ele ia olhando a paisagem e
ouvindo o cantar dos passarinhos.
Ao descansar à sombra
de uma árvore florida e dourada,
Chiquinho pensava em como a natureza
podia ser tão bela e sorria ao céu.
Ele, o santo homem, apreciava a vida,
pensava nas estrelas, nas nuvens de algodão...
Foi quando um passarinho pousou em seu ombro
– Em que posso ajudá-lo? – perguntou o Santo.
– Nada, só queria estar bem pertinho de ti – respondeu.

Começaram os dois a cantar
e a eles, outros amiguinhos se uniram.
Um coral afinado como harpas angelicais
que por toda a pradaria a canção chegou.

Notas musicais cantadas por todos:
esquilos, vacas, patos, raposas
jumentos, cachorros, gatos e sapos.
Até mesmo o grilo, a cigarra e a dona formiga
entrosaram-se em perfeita harmonia
neste cantar ao entardecer multicolor.
Peixes pululavam na água
espichando-se para poderem enxergar
a festa que o Santo, sem querer, criou.

Era uma grande alegria, um refestelar de almas
a contemplar essa criação maravilhosa
e a união entre o homem e os animais.

Anoitecia e nessa hora o Santo
abrigou-se numa pequena gruta na encosta
e junto dos seus amiguinhos ali ficou.

Dividiram as frutas que encontraram pelo caminho
que se multiplicaram para saciar a fome de todos
até o sono aconchegar e todos dormirem.

Na manhã seguinte, era chegada a despedida.
Numa vila ali pertinho tinha Ele de estar,
pois os homens que ali moravam,
precisavam Dele para uma decisão tomar.

Cantarolaram mais uma vez bem juntinhos
e voltaram para as suas tocas e ninhos
e a caminhar todo feliz, continuou nosso Chiquinho.

Ao chegar no vilarejo, espalhou o amor
por todas as coisas e aos animais.
Não queriam que ele se fosse dali, jamais.
Mas Francisco tinha uma outra jornada.
Caminhar pelo mundo, pelas estradas.

E assim o Santinho foi embora
ensinando a todos as lições primordiais:
respeito, caridade, inclusão e educação
que são atitudes e comportamentos essenciais
para se viver neste mundo colorido
com muita fé e solidariedade para com os demais.

Lá vai São Francisco...
...o mensageiro da paz!



MÁRCIO MARTELLI

Escritor brasileiro nascido na cidade de Jundiaí, em 1968. Atual presidente da AJL – Academia Jundiaíense de Letras – Biênio 23/25. Doutorando e Mestre em Ensino e História de Ciências da Terra, no Instituto de Geociências/Unicamp. Editor de livros com mais de 1.000 títulos produzidos. Participou de diversas Bienais Internacionais do Livro no Brasil e de feiras do livro em Portugal. Publicou 50 livros autorais. Em 2021, lançou os livros: *Hermes* (prosa), *Afrodite* (poesia) e *Estuário da Alma* (em coautoria com Jorge Trigo). Em 2023, *Depois da longa e sinuosa estrada* (poemas) e foi coautor de *Encantaria*, além de organizar e participar de diversas antologias literárias.

MARTHA CIMITERRA

O Santo de Assis

Aqueles pés calejados e descalços
Percorriam ruas, enfrentavam percalços,
Espalhavam amor e caridade,
Pregavam, também, pobreza e humildade.

Arrastando sua túnica simplória,
Jamais buscou, pra si, ter qualquer glória;
Queria, apenas, poder bem propagar
Uma maneira mais bela de se doar.

Numa oração escreveu os seus preceitos
Que não são leis, tampouco grandes feitos;
Mostram, somente, como viver em harmonia,
Respeitando gente, planta, bicho: são um guia.

De coração humilde, gestos singelos,
Amou um mundo que não era dos mais belos...
Com Antônio e Clara só construiu amor
Num universo repleto, às vezes, de tanta dor.

Francisco de Assis, um verdadeiro Santo,
Não precisou, sequer, de coroa ou manto,
Pra ser rei na natureza onde vivia
Cercado de flores, animais e boa companhia.

Há muitos Franciscos
Inspirados nesse Santo
Que procuram fazer o bem
E semear amor por todo canto.

São Chicos, Kikos, Quiquinhos...
Pouco importam os nomes que adotam
São sementes de luz pelos caminhos
Que, por onde quer que passem, brotam.



Fotos: Martha Cimiterra

Um Santo chamado FRANCISCO

Irmão Sol, irmã Lua,
Na verdade, somos todos irmãos;
Quem dera, algum dia, nesta vida
Os homens se dessem as mãos.

Irmão Sol, irmã Lua,
Foi São Francisco quem nos indicou
Um caminho para termos a paz
Quando sua oração ele rezou.

Irmão Sol, irmão Lua,
Vivamos juntos a nova lição,
Para aprendermos com ela
A sermos todos um só coração.



MARTHA CIMITERRA

Sou a mais paulista das cariocas, casada, mãe de dois filhos, morando atualmente na França. Como professora de Português e Francês, tive a oportunidade de ler muito e, na maturidade, comecei a escrever.

Tenho três livros infantis publicados *Magie et Poésie* (EvidênciaBr), *Poemas para gente miúda* (Pontes Editora) e *Ciranda de Letras* (EvidênciaBr), além de textos em algumas antologias.

O Santo, o homem e a natureza



Foto: Divulgação

Ele queria viver mendicante. Sua figura foi romantizada e idealizada. Mas seu posicionamento como homem e ser humano, sua importância social e ecológica ainda são referências. Retiraram de sua regra a pobreza extrema. Impediram-no de manter seus princípios, de tratar dos leprosos. Seus seguidores o traíram. Mesmo assim é considerado a principal figura do cristianismo após Cristo.

Giovanni di Pietro Bernardone, Francisco de Assis, aquele que assumiu na vida a opção pelos pobres e sofredores, o homem da paz e da harmonia cósmica. Um fundamento espiritual, moral e político para o momento presente. Seus biógrafos o tratam como santo, mas a santidade dele se fez na imanência, uma transcendência enraizada, concreta. Atribuem-lhe estigmas que indicariam sua santidade. Doente, afetado pela saúde precária, manteve-se fiel a um sentido pleno para a vida, em comunhão com a natureza, com os pobres. Chamava de irmãos e irmãs a todas as criaturas.

Dialogava com pombos e lobos, enfrentava poderes constituídos, tudo com a simplicidade e a coerência quase ingênua diante de um mundo tão cruel e desumano. Com papas e sultões, sabia dialogar respeitosamente, indicando que religiosidade é vida concreta, muito mais que adesão às burocracias do sagrado. Imagens primitivas o apontam como um homem medieval de baixa estatura. De família relativamente bem-sucedida, de mãe delicada e pai grosseiro. Soube enfrentar com galhardia a honra territorial em batalhas que lhe custaram a conversão ao que mais importa: o canto das cotovias, o amor pela vida, pela paz, pela natureza, pela simplicidade.

Ao lado de Clara, pensou uma vida espiritual despojada, dedicada ao sentido existencial alargado, renunciando todas as benesses que a vida poderia lhes conferir. Seu nome está inscrito na história, em lugares e pessoas. O atual líder católico assumiu a sua assinatura: é também um Francisco. Quantos de nós temos Franciscos em nossas famílias, pessoas que continuaram a saga de levar o nome deste grande homem. Meu cão se chama Francisco. Nenhum nome melhor.

O reconhecimento “oficial” de sua santidade imanente foi imediato, um dos mais rápidos processos da história da igreja. Não havia dúvidas, mesmo entre os burocratas da Santa Sé. Nem mesmo um papa-general, o mais importante da Idade Média, Inocêncio III, deixaria de se dobrar aos encantos de um homem como ele, aprovando-lhe a ordem religiosa.

Até hoje, o discurso ecológico, em meio a tantas desgraças provocadas pela ação humana contra a natureza, serve-se de sua imagem e exemplos. Não há como pensar o compromisso ecológico sem as transformações sociais. Os pobres e sofredores da história são parte integrante da salvação da vida social. Os animais, as plantas e os seres humanos fundem-se numa grande sinergia cósmica, sem a qual nenhuma forma de vida pode persistir em existir. Somos uma comunhão inexorável. Os desequilíbrios provocados pela ação humana representam a sua própria destruição, de todas as formas de vida.

Somos um Brasil maravilhoso, um ecossistema inigualável, com abundância de rios, florestas, manguezais, inúmeras formas de vida. Tudo isso está ameaçado pela mão inescrupulosa dos poderes econômicos, da irracionalidade dos governantes sem ética, dos proprietários

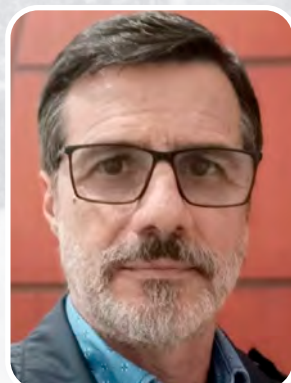
de terra sem escrúpulos, daqueles que investem suas forças e violências contra populações indígenas protetoras deste ecossistema.

Há de vingar, com os sinais que se apresentam, como os estigmas de Francisco, uma nova realidade cósmica, mais harmoniosa, respeitosa, integradora das formas de vida. Oxalá tenhamos a possibilidade de ver nossos filhos e filhas desfrutando deste mundo de paz e de harmonia. Que os pobres se emancipem, que as comunidades indígenas sejam respeitadas, que as plantas, os animais, as águas, o ar e tudo o que é “sagrado”, seja garantido com ações inspiradas na genial vida deste homem comum, mas totalmente diferente, porque exemplar: Francisco de Assis.

CLAYTON SILVA

São Francisco na arte

Na capa da antologia temos uma belíssima obra do artista plástico jundiáense Clayton Silva. Conheça abaixo mais sobre o artista.



JOSÉ RENATO POLLI

Filósofo, pedagogo e historiador. Professor Colaborador junto ao Departamento de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da Unicamp. Membro do Conselho Científico do Instituto Nacional de Pesquisa e Promoção dos Direitos Humanos - INPPDH.



CLAYTON SILVA

Nasceu em Jundiá. Tem no currículo mais de 50 exposições nacionais e internacionais. Expondo em Lisboa, Moscou e Buenos Aires. Bem como na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, Memorial da América Latina, Clube Atlético Paulistano, Salão de Artes de Ubatuba, Salão de Artes de Arceburgo/MG e recentemente no galpão das artes em Brodowski, a convite do Museu Casa de Portinari, entres outras importantes exposições. Comendador e Chanceler Internacional pela Sociedade Brasileira de Arte Cultura e Ensino, título honorífico concedido pela Câmara Municipal de Jundiá, Ordem do Mérito “Conde de Parnaíba”. Membro da CONBLA (Confederação Nacional Brasileira de Letras e Artes) e da ALA (Acadêmica Latino-Americano de Artes).

A reverência de Francisco

Era um hábito de Francisco, a reverência. Precedia a fé. Emoldurava o dia com preces e em fazer o bem. Levantava os olhos pela manhã, e, na companhia dos anjos, entoava cânticos inexprimíveis. Sem pressa, preparava-se. Muito mais para ouvir os recados e sinais do alto que para articular Sua própria voz. Cultivava o silêncio. Não simplesmente se abster da fala, mas conectar-se com Ele mesmo.

Tinha uma inteligência capaz de intuir a necessidade do outro. Do homem aos “mais pequenos” seres da natureza. Conhecia como ninguém a linguagem dos animais. Transcendia em pensamentos quando se tratava do ser humano. Era parte legítima da cerimônia da vida. Permitia-se bailar pelos campos, imprimindo em cada passo, uma bondade extrema aos Seus irmãos de jornada. Muito mais que deixar Suas pegadas por onde passava, Ele demonstrava Seu esforço, cedendo espaço aos que com Ele dividiam teto, que cejavam na mesma mesa; ou até, os que nada tinham.

Priorizava o alimento do espírito. Era o que O sustentava. Era o que O mantinha firme na Fé. Entendia que Seu maior propósito era servir. Compreender. Consolar. Amar. Perdoar. Era mestre da paz. Vivia por ela e com ela. Um sentimento implantado e enraizado em todo o Seu ser.

Decifrar os meandros internos, persegui-los em movimentos constantes, tornava-O cada dia mais santo e sábio.

Ele mantinha um diálogo permanente consigo e com aqueles que encontrava no caminho. Não se surpreendia com nada. Colocava-se como instrumento nas mãos de Deus. Agia com vocação.

São Francisco de Assis cria a assinatura da alma. Além das letras, Suas ações, revestidas dos mais sublimes sentimentos. Sem rabiscos, nem pontos, uma vírgula nos convida a respirar, a alinhar nossas emoções, sempre com o coração e com a vontade divina. Convida-nos a reverenciar para renascer. A “morrer” um pouco todos os dias para conquistar a verdadeira plenitude.

Afirma que há fertilidade nessa força.
Em pleno abandono das coisas mundanas, deixa um legado.
Para mim, traduzido em versos:



Sejamos as mãos da terra,
com graça, com suavidade.
Sejamos as mãos que plantam.
Façamos das flores nosso leito;
do céu, o refrigério.

Tenhamos a gratidão como parceira.
Deixemos fluir em nossas atitudes o amor.
Irrestrito. Incondicional.

Sejamos as mãos que alcançam amplamente
o nosso próximo, envolvendo-o nesse sentimento

Agora vamos: abençoemos cada pessoa que encontrarmos
Toda criação está ao nosso redor
Caminhemos e exercitemos o Amor!



VERA MUSSI HAGE

Natural de São José do Rio Preto/SP. Escritora, poetisa e advogada, pós-graduada em MKT. Colaboradora da *Revista Bem-Estar do Diário da Região*. Premiada, enquanto estudante, com o poema *Somos Gente*, escreve poesia desde os 17 anos. Publicou dois livros de poemas: *Minha Alma tem nome* (2018), *O Batismo da Borboleta* (2019) e é coautora em *Faces de Chronos: vozes femininas na pandemia* (2022). Selecionada em dois concursos internacionais de contos em Antologias. Menção honrosa com o conto *Tomate Pelato*. Tem poemas publicados em várias Antologias. Tem dois poemas na Antologia de Natal. Menção Honrosa de um Concurso na 1ª. Antologia de crônicas “Prof. Sérgio Vicente Motta (15 anos da ARLEC – Academia de Letras de São José do Rio Preto). Contadora de histórias, como voluntária no setor de *Conta Contos* no Hospital Einstein de São Paulo.

Contato com a autora: @minhaalmatemnome

São Francisco e o Futebol

Prólogo

No silêncio deste dia que amanhece... quero hoje olhar o mundo com os olhos cheios de amor... essas frases da *Prece dos Homens de Boa Vontade* de São Francisco de Assis, penso, deveriam sempre acompanhar os torcedores de futebol a caminho e na volta dos estádios do Brasil e do mundo. Afinal, embora não pareça, São Francisco tão venerado, e conhecido como o protetor dos animais, está também presente no universo do futebol, seja como patrono de várias agremiações, seja como a mascote, ou ainda simplesmente no nome.

De fato, atualmente, em que a violência campeia entre as torcidas de futebol, quando encontros são previamente marcados para confrontos, literalmente a paus, pedras e garrafas, que deixam mortos e feridos, como seria bom se os componentes de algumas das tais “torcidas organizadas” (talvez fosse melhor o termo desorganizadas, reflexo do caos que reina entre seus componentes), pudessem em algum momento se voltar àquela sensação de tranquilidade e harmonia que emanam de uma breve e simples oração em louvor a São Francisco, o Mensageiro da Paz.

E por falar em São Francisco, apenas lembrar que Giovanni di Pietro di Bernardone ou **São Francisco de Assis**, nasceu em Assis, Itália, em 1182 e morreu na Porciúncula, Assis, em 3 de outubro de 1226. Filho de rico comerciante abandonou a fortuna pela vida monástica, fundando a Ordem dos Frades Menores. Em sua vida de místico pregador e pacificador, foi preso pelos maometanos e submetido à tortura, com violentas surras, mas nunca deixou de levar a mensagem do Cristo. Foi canonizado pelo Papa Gregório IX e tem a festa litúrgica no dia 4 de outubro. São Francisco de Assis reflete amor universal abrangendo toda a criação, e talvez seja mais conhecido pelo amor aos animais e a tolerância com todos.

Mas no panteão de santos da Igreja Católica Apostólica Romana há também o culto a outros São Francisco. Francisco de Jasso Azpilcueta Atondo y Aznáres, canonizado pelo Papa Gregório XV, a 12

de março de 1622 com o nome de **São Francisco Xavier**, o Apóstolo do Oriente. Que pregou principalmente em Goa, Macau e no Japão, onde converteu inúmeras pessoas ao catolicismo. São Francisco Xavier nasceu em Xavier, Reino de Navarra em 7 de abril de 1506 e faleceu em Sanchoão, Ilha da Índia em 3 de dezembro de 1552. Esse missionário português e apóstolo basco – navarro, tem a festa litúrgica a 3 de dezembro e é o Padroeiro dos Missionários de Registro/SP, da Diocese de Macau e Universal das Missões.

E há também **São Francisco de Paula**, filho de lavradores nascido em 1416 e falecido em 1507. O Papa Leão X autorizou o culto a São Francisco de Paula em 1519.

São Francisco nos clubes de futebol

Para a elaboração do livro *Religiosidade nos Clubes do Futebol*, Ed. In House, 2019, percorrendo o território brasileiro de norte a sul e de leste a oeste, também outros países, encontramos *vários clubes de futebol que de algum modo fazem referência ou reverência a São Francisco*:

- **Associação Atlético São Francisco**, de São Francisco do Conde/BA, fundação 10/08/1978; *Emblema-Escudo*: Cruz na cor branca.
- **Clube Atlético São Francisco**, de São Francisco do Sul/SC, fundação 26/03/1931; *Atributo-Apelido*: São Francisco.
- **São Francisco do Conde Esporte Clube**, de São Francisco do Conde/BA, fundação 2001; *Atributo-Apelido*: São Francisco.
- **São Francisco Futebol Clube**, de Santarém/PA, fundação 30/10/1929; *Emblema-Escudo*: Cruz na cor branca.
- **São Francisco Futebol Clube**, de Rio Branco/AC, fundação 10/04/1967; *Atributo-Apelido*: São Chico, Católico e o torcedor Franciscano, Chiquense.
- **São Francisco Futebol Clube**, de Boa Vista/RR, fundação antes de 1974; *Atributo-Apelido*: São Francisco.



- **São Francisco Sport Club**, de Anápolis/GO, fundação 15/03/1951; *Emblema-Escudo*: São Francisco estilizado na cor branca.

Mas também em clubes do exterior São Francisco é lembrado:

- **Club Universitário San Francisco Xavier**, de Sucre, Bolívia, fundação 05/04/1961; *Atributo-Apelido*: **São Francisco Xavier**
- **Saint Francis Rangers Football Club**, de (Haywards Heath), Londres, Inglaterra, fundação 2002; *Atributo-Apelido*: Rangers.
- **San Francisco Deltas**, de São Francisco, Califórnia, EUA, fundação 2016; *Atributo-Apelido*: São Francisco.
- **San Francisco Futbol Club**, de La Chorrera, Panamá, fundação 29/11/1971; *Atributo-Apelido*: Los Monjes (Os Monges).

A São Francisco, o Mensageiro da Paz

A religiosidade sempre esteve presente no universo futebolístico, e então muito pertinente é invocar São Francisco, o Mensageiro da Paz, o protetor dos animais (e o ser humano também o é) para que possa não somente proteger jogadores(as) e torcedores(as), mas principalmente induzir a um comportamento que cultue a amizade, solidariedade e o *fair play*.

Que possamos chegar no meio esportivo, especialmente no Futebol, a utopia da não violência, do amor ao próximo, e que todos os atores (sejam ou não profissionais) que participam dessa maravilhosa forma de entretenimento entendam que, como São Francisco, é preciso que todos sejamos os Mensageiros da Paz; não à violência.



ARISTIDES ALMEIDA ROCHA

Professor de Biologia aposentado. Torcedor do São Paulo Futebol Clube, a quem se dedica em pesquisar seus feitos e história. Publicou pela Editora In House artigos e livros, versando sobre religião, genealogia e esporte.

São Francisco e a Geografia

Prólogo

Professora de Geografia, ciência que estuda as relações entre a sociedade e o meio ambiente, que busca conhecimentos sobre os fenômenos da natureza e as ações dos seres humanos, nunca perdi de vista que nesse contexto, assume vital importância São Francisco de Assis, o Protetor dos Animais, também considerado o patrono da Ecologia.

De fato, esse santo é aquele que deixou ensinamentos a respeito dos seres vivos e suas relações com a natureza, compreendida no seu mais amplo aspecto, as terras, os ares, e as águas dos rios, lagos e mares.

Nesse sentido, muito ainda temos que aprender quanto às necessidades de proteção e preservação dos ecossistemas naturais. E para lá do catolicismo, desde um ponto de vista esotérico, São Francisco de Assis é o mestre ascensionado da Grande Fraternidade Branca, a encarnação do Mestre Kuthumi, aquele que atua no Raio Amarelo Dourado da Sabedoria Amorosa, a esparramar harmonia, trazendo equilíbrio para a ação do ser humano no meio ambiente que o cerca.

Emblemático é pontuar que o atual Papa, que é também Francisco, tem assumido intransigente posição não só na luta pela preservação ambiental, como também na valorização da própria humanidade.

A reverência geográfica a São Francisco

A Geografia se refere às modificações no relevo terrestre utilizando o termo “Acidentes Geográficos”, que podem se referir dentre outros a: ilhas, vales, montanhas, serras etc. Mas também nesse universo são consideradas as modificações provocadas ou introduzidas pelos próprios seres humanos: cidades, casas, estradas, barragens e outros empreendimentos.

Ao se fazer uma sucinta “peregrinação” para verificar até que ponto São Francisco é homenageado, no âmbito geográfico, verifica-se que não somente no Brasil, mas em países de vários continentes o nome do santo Mensageiro da Paz, aparece eternizado.

Embora, nesta resenha se pretenda mencionar apenas as referências brasileiras, não se pode deixar de fazer uma menção à icônica cidade norte-americana da Califórnia, *San Francisco*, da música *I Left My Heart In San Francisco* (Deixei meu coração em São Francisco), de *Douglas Cross/George C JR Cory*, eternizada na voz do saudoso Tony Bennett.



Enfim, vamos às referências ou reverências a São Francisco, em território nacional.

- Com o nome de São Francisco de Assis há uma cidade no estado do Rio Grande do Sul e uma no estado do Piauí, chamada São Francisco de Assis do Piauí.
- Existem quatro municípios brasileiros com o nome São Francisco, nos estados de Minas Gerais, Paraíba, Sergipe e São Paulo. E há quatro municípios brasileiros em que o nome de São Francisco é seguido pelo do estado: São Francisco de

Goiás; São Francisco do Maranhão; São Francisco do Pará e São Francisco do Piauí.

- Também são encontrados sete municípios com o nome São Francisco acrescido ao da cidade ou região: São Francisco de Itabapoana/RJ; São Francisco do Brejão/MA; São Francisco do Conde/BA; São Francisco da Glória/MG; São Francisco do Guaporé/RO; São Francisco do Oeste/RN; São Francisco do Sul/SC.
- Em dois estados estão: São Francisco de Paula/MG e São Francisco de Sales/RS. E menciona-se ainda Santana de São Francisco/SE e os bairros São Francisco do Paranaguá no município de Cachoeira/BA e São Francisco, em Niterói, que inclusive é também nome da praia.

Outras menções se referem a:

- **Ilha** – Ilha de São Francisco, com 327 km² no litoral de Santa Catarina.
- **Vale** – Vale do São Francisco, região do Rio São Francisco e afluentes.
- **Serra** – Serra de São Francisco, nas cidades de Votorantim e Sorocaba/SP.
- **Queda d'água** – Salto São Francisco, no estado do Paraná.
- **Duna** – Dunas São Francisco, na caatinga do semiárido baiano.
- **Rios**
 - São Francisco, o “Velho Chico”, o Rio da Integração Nacional com 2.800 km, cuja bacia hidrográfica com seus 158 afluentes, e suas sete barragens, abastece de água 520 municípios.
 - Rio São Francisco, no estado de Rondônia.
 - Rio São Francisco, ou Parapitinga, no estado de Sergipe.
 - Rio São Francisco Falso (Braço Norte), no estado do Paraná.
 - Rio São Francisco Falso (Braço Sul), no estado do Paraná.

Para finalizar, não se pode esquecer dos inúmeros templos católicos, alguns ao lado de conventos que têm São Francisco como patrono, vários da Ordem Terceira de São Francisco, sejam mosteiros, basílicas ou igrejas.

PÉRSIO LUÍS MARCONI

Uma luz que brilhou sobre o mundo

*If you are going to San Francisco,
Be sure to wear some flowers in your hair...*

(Scott McKenzie, 1967)

Quem ouve o nome Giovanni di Pietro di Bernardone não faz ideia de quem se trata. É o nome de batismo daquele que é considerado por muitos estudiosos, como Susan McMichaels, em seu livro *Jornada para Fora do Jardim – São Francisco de Assis* e o Teólogo Luiz Carlos Susin (Frade franciscano e professor da PUC do Rio Grande do Sul), como a maior figura do Cristianismo desde Jesus, apesar de ter falecido aos 44 anos de idade, com sérios problemas de visão.

Em uma época em que os religiosos costumavam fixar-se nos centros de erudição que eram os Mosteiros, o Frade Francisco, nascido na cidade de Assis, onde é hoje a Itália, fundou a Ordem dos Frades Menores, depois denominada Ordem dos Franciscanos.

Em um tempo em que a visão geral era de que o ser humano era mau e o pessimismo grassava a Europa, sua visão positiva da natureza e do homem foi uma das primeiras forças que levaram à formação da filosofia da Renascença, de acordo com alguns estudiosos, dentre eles, o escritor norte-americano Roger D. Sorrell. O grande Dante Alighieri citou as palavras que compõem o título acima, referindo-se a este homem cuja visão de mundo foi um divisor de águas para o pensamento da Igreja Católica na época.

Curiosamente, Francisco alimentou sempre desconfiança contra os estudos eruditos, jamais foi ordenado sacerdote, não podendo celebrar a missa, permanecendo apenas como diácono por outorga especial do Papa Inocêncio III.

Francisco deixou escritos que, apesar de poucos e sucintos, são uma fonte de grande importância para o conhecimento de suas ideias e objetivos, mas ele não escreveu sua própria história e foi sempre



Foto: Divulgação

- Na Bahia, no Outeiro da Glória, em Porto Seguro, destaca-se a igreja de São Francisco de Assis, datando de 1503.
- Em Belém, no Pará, a paróquia de São Francisco de Assis é de 1962.
- Em Minas Gerais, nas cidades de Belo Horizonte, Diamantina, Mariana, Ouro Preto, Sabará e São João del Rei, as igrejas consagradas a São Francisco de Assis também se fazem presentes.
- Tradicionais igrejas e conventos de São Francisco de Assis são encontrados também em Olinda/PE, Salvador/BA, Anápolis/GO, Vitória/ES, Blumenau/SC, São Cristóvão/SE, e na capital paulista, São Paulo, no Largo de São Francisco.



IVANE PADILHA DE SOEIRO ROCHA

Professora de Geografia aposentada, dedica-se à pesquisa da cultura e das diferentes religiões de povos e etnias diversas.

avesso a relatar sua vida privada, tarefa que ficou para seus biógrafos. Diversos daqueles documentos são de autoria controversa.

Os testemunhos de época relatam que seu estilo de pregação era direto e simples, usando o vernáculo comum, longe da eloquência sacra de seu tempo, mas afirmam que sua sinceridade e compreensão das dificuldades da vida popular, sua habilidade em evocar imagens ilustrativas vivazes em pequenas parábolas ou histórias retiradas de suas experiências do cotidiano entre o povo, e sua capacidade de apresentar a doutrina cristã de forma inteligível, faziam que seu discurso tivesse um efeito persuasivo profundo.

Por seu apreço à natureza, São Francisco é hoje mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente. Ele inspira o atual Papa Francisco e tornou-se um símbolo na luta ambiental.

Inúmeras cidades, catedrais, mosteiros, seminários, centros de estudos pelo mundo levam o nome de São Francisco, em uma tentativa de mostrar à humanidade quem foi o homem, canonizado apenas dois anos após a sua morte, em 04 de outubro 1226.

A cidade norte-americana de São Francisco, na Califórnia (citada na canção icônica na epígrafe) é considerada uma das mais bonitas do planeta, com uma atmosfera única, sendo visitada anualmente por milhões de turistas de todo o mundo. Há lá um pensamento que flui entre seus habitantes que o santo que lhe empresta o nome cuida espiritualmente da cidade, que historicamente é um conglomerado de vanguarda nas artes, na ciência e na proteção do meio ambiente.



PÉRSIO LUÍS MARCONI

Advogado, professor, escritor e revisor. Membro da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura. Autor do *Dicionário de Expressões Idiomáticas Inglesas* – 3ª. edição). Autor em antologias diversas, dentre elas o FLIP (Festival Literário de Paraty). Lecionou direito civil e língua inglesa no magistério superior e atuou por 45 anos no ensino de inglês. Foi diretor de escola e coordenador pedagógico. Membro da UBE (União Brasileira de Escritores).

“Francisco, reconstrua a minha Igreja!”

*São Francisco de Assis foi um poeta
cuja vida inteira foi um poema.*

G. K. Chesterton



Escrever sobre a vida de São Francisco de Assis parece simples, mas não é tão simples assim.

Em primeiro lugar, para entendermos a grandeza desse santo, um dos mais singulares da Igreja Católica, conhecido, admirado e amado no mundo todo, precisamos nos reportar ao contexto histórico e eclesial da época de sua vida. Para compreender porque a sua marca maior, a da humildade, ficou reconhecida mundialmente.

Falar de humildade em tempos como os nossos, é difícil. As pessoas de hoje confundem bastante essa virtude... há as que se consideram humildes seja por professarem sua fé, suas crenças, ideias, ou ideais sociais, porém, quase sempre com o dedo em riste acusando os outros de não o serem!

Querem um mundo melhor e mais justo esperando mais dos outros do que de si mesmas...

Como falar de humildade num mundo competitivo como este em que vivemos?

Como ser humilde?

Como se desapegar de seus bens, de si mesmos, de suas convicções, opiniões, de seus egos inflados?

“A Humildade é uma senhora ricamente trajada que deve passar despercebida”

São Francisco conseguiu.

Viveu essa perfeita humildade. E talvez, por isso mesmo, tenha sido tão enaltecido e admirado! Ele se revestiu dessa “senhora” – a humildade, uma grande e nobre virtude – e desejou passar despercebido a vida toda, amando o Criador acima de todas as coisas. E como Deus exalta os pequeninos, ele, um dos mais humildes santos, tornou-se eterno e estimado entre nós, católicos e não católicos, crentes ou não...

Pois bem... Era preciso “surgir” alguém na Igreja de sua época, que viesse como uma luz nova, como um ensinamento vivo novo, pois a Igreja, naquele contexto histórico, encontrava-se muito aquém dos desígnios de Deus...

Deus, na sua infinita misericórdia e amor por nós, traz-nos um ar novo e fresco, puro e simples, santo e humilde, para resgatar o que estava perdido... para abalar os alicerces do poder, da vanglória, do orgulho, da vaidade, da ganância e perversidade dos líderes e liderados dessa igreja secular.

E esse ar novo, simples, singelo, pobre, despojado de tudo, foi São Francisco.

São Francisco também recebeu o título de Seráfico, em referência à mais elevada das hierarquias angelicais, pela sua humildade e amor total devotado ao Cristo.

Recebeu os estigmas (chagas) de Nosso Senhor Jesus Cristo nas mãos e nos pés... numa visão impressionante de um anjo (Serafim), com seis asas, que lhe apareceu com os braços abertos e pés juntos, em forma de cruz. (O próprio Cristo, que o marcou com os sinais de sua crucificação).

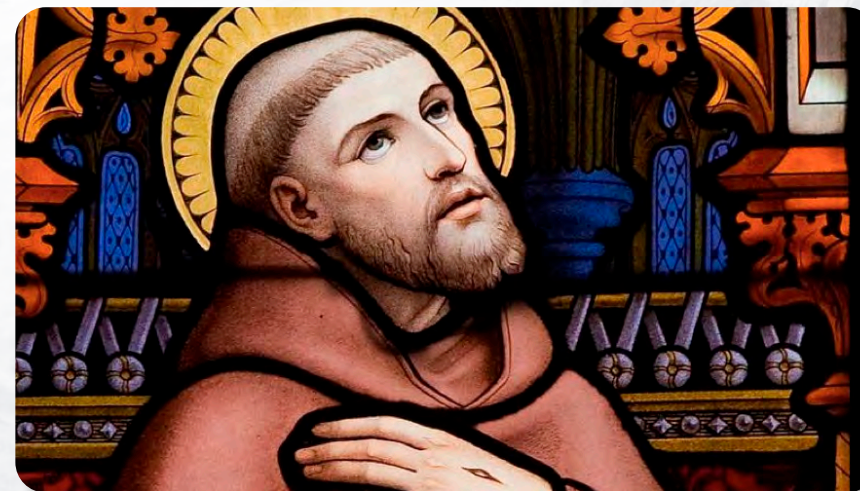


Foto: Divulgação

Dormiu em cavernas, tendo como travesseiro uma pedra ou pedaço de madeira.

Passou por todo tipo de privações, fome, frio, jejuns, penitências, vestindo-se de uma túnica de estopa, usando apenas sandálias nos pés. Abraçou leprosos, curou enfermos, abrandou um lobo (lobo de Gubbio) que passou a segui-lo, totalmente manso...

Viveu com uma alegria e uma paz contagiantes, sem a menor preocupação com o amanhã!

O seu amor pelas criaturas, pelo Irmão Sol, pela Irmã Lua, reverenciando a Deus nas maravilhas de sua criação, o acompanhou por onde andava.

Para os não cristãos, que desconhecem a vida desse Santo tão grandioso, fica um registro: ele não foi somente um homem que amou a natureza, os animais, as plantas e as flores. Ele foi muito além, foi um gigante na Fé e na entrega total ao amor a Deus, à SS. Trindade e ao Cristo.

Francisco foi chamado para ser o contraponto a uma Igreja corrompida pelo Poder, pela vaidade, pelos egos que se consideravam acima de Deus, para devolver a ela seus verdadeiros desígnios, sua Verdade, a de mostrar ao mundo o Amor de Jesus por nós.

Ele veio Reconstruir a Igreja! E conseguiu.

Essa foi a sua maior missão. Ele a ouviu do próprio Cristo, na sua conversão:

- “Francisco, reconstrua a minha Igreja!”

Não é maravilhoso?

Se refletirmos sobre sua vida, não o vendo “menor”, como um santinho que amou os animais, mas como um homem comum, como nós, que foi transfigurado pela Fé, seguindo os passos difíceis de uma vida de pobreza extrema, renunciando a tudo, parecendo até loucura aos nossos olhos, totalmente iluminado e livre, agigantando-se no próprio despojamento de si mesmo, que se revestiu da vontade de Deus em cada dia de sua curta e maravilhosa vida.

Deixou um exemplo de Fé, de Amor, de desprendimento, de alegria e paz genuínas, de uma conversão perfeita nessa entrega total e absoluta a Deus, que palidamente seguimos e admiramos.

São Francisco foi uma resposta de Deus a uma humanidade que se afastou d’Ele...

Oremos a ele para resgatar, um pouco que seja, nossas verdadeiras raízes!

Que sua vida extraordinária nos faça refletir sobre as nossas próprias vidas.

Creio que vale a pena conhecer melhor o percurso desse grande Santo, sua fé, seu heroísmo, sua coragem. Sua mansidão. Sua bondade. Seu carisma.

Sua vida transborda de inspiração.

E quem sabe levantar todos os dias, reconhecendo os bens que de graça recebemos e talvez, nem nos damos conta! Irmão Sol, Irmã Chuva, Irmã Lua, Irmão Ar e assim por diante...

Alguns dados biográficos de Francisco:

- São Francisco nasceu no final de 1181. Filho de Pedro Bernardone, um rico e próspero burguês. Foi criado no luxo e cercado de todos os bens.
- Dia 04 de outubro de 1226 a Igreja celebra o dia da sua morte, em Assis, Úmbria, Itália.
- Como todo jovem rico da época, estudou latim, aprendeu a ler e escrever, ouviu falar de guerras e contos de cavalaria que o instigaram a participar da guerra entre os príncipes alemães

- e o Papa Inocêncio III, decidindo lutar nos exércitos papais.
- Gastou uma fortuna com roupas, armaduras e equipamentos e partiu para o Sul da Itália.
- Tinha um coração amigo e generoso. No caminho encontrou um cavaleiro vestido de trapos e tirando suas roupas ricamente bordadas, deu a ele. Nessa noite, teve um sonho. Sonhou que iria se casar com uma linda princesa. Acordou cheio de alegria, porém refletiu e concluiu que não era a honra e a glória o que desejava. Ouviu uma voz dizendo que voltasse, e que lhe seria revelado o que deveria fazer. Retornado a Assis, estava completamente mudado.
- Após uma festa dada pelos amigos (a última de sua vida), foi inundado por uma torrente de amor e foi se afastando dessa vida material, rica, que em nada mais satisfazia seu espírito. Resistiu por um tempo, mas na noite daquela festa Deus já havia conquistado seu coração.
- Fundou a Ordem Dos Frades Menores, que se tornou a Ordem Franciscana.
- Seu maior biógrafo foi Tomás de Celano.



NADIME BOUERI NETTO COSTA

Capricorniana com ascendência em Leão, nasceu pertinho do Natal, (22), em 1951. Paulistana, casada. Bibliotecária formada pela USP em 1974, com pós-graduação em Arte-educação pela mesma Escola, a ECA. Coursou História da Arte no MASP por dois anos. Desde pequena gosta de todas as expressões da Arte, Literatura e dos grandes questionamentos humanos. Foi rotariana, curadora e promotora de exposições de arte, entre outras atividades.

Trabalhou na Biblioteca Mário de Andrade, onde foi chefe do Setor de Artes e Obras Raras. Foi Supervisora Regional das Bibliotecas de São Paulo e diretora da Biblioteca Prestes Maia. Trabalha na biblioteca da UMAPAZ, Universidade Aberta de Meio Ambiente e Cultura de Paz/SVMA/PMSP, no Parque do Ibirapuera. Escreve textos, crônicas e poesias, alguns já publicados em antologias, revistas e redes sociais. Hoje seu interesse maior consiste em compartilhar conhecimento, arte, cultura e bem viver.

São Francisco na minha vida

Parte I

São Francisco de Assis e a Igreja de Vila Guilhermina

Nasci em 1952. No Hospital e Maternidade da Vila Matilde.

Pelo que conta minha mãe, logo aos primeiros meses fui acometido de uma grave doença que, por falta de recursos médicos e financeiros, levou-me a um quadro irreversível!

Mamãe conta ainda que levada única e exclusivamente pela fé, firmou duas promessas com o intuito de me salvar.

Os santos escolhidos: Bom Jesus de Pirapora e São Francisco de Assis. Não sei exatamente porque Bom Jesus, mas São Francisco era o Santo padroeiro da nossa paróquia lá na Vila Guilhermina.

Pelo sim, pelo não, minha mãe decidiu me batizar bem ligeiro, na Igreja de São Francisco de Assis!

Me salvei!!!

Parte II - Tempos difíceis

1968... anos calorosos... de infindáveis questionamentos... Embora pouco se podia esperar de um jovem com apenas 16 anos.

Mas a nossa turma, lá dos cafundós da Vila Industrial, Zona Leste de São Paulo, era comprometida.

Fazíamos parte de um pequeno grupo de jovens frequentadores da Comunidade de Jovens Cristãos, o CJC, tão presente nas Igrejas católicas de uma infinidade de bairros de São Paulo. Todos ligados à causa social de um delicado momento pelo qual atravessava o país.

Essas comunidades eram interligadas entre si e minha prima, Vera Lúcia, frequentava a comunidade de Jovens da Vila Guilhermina, exatamente na Paróquia de São Francisco de Assis.

O pároco era o jovem Pe. Nelson, com ideais voltados para a comunidade carente, bem ao jeito de São Francisco e extremamente ligado às causas sociais.

Parte III – Um fato inesquecível

Padre Nelson era um, digamos, revolucionário. Não de armas, mas de atitudes sensatas e firmes. Inovadoras.

Resolveu, num fim de semana, reunir alguns jovens (meninos e meninas) e nos convidou para visitar um lugar na cidade do Rio de Janeiro em que funcionava um seminário.

Chegamos de ônibus à noitinha e fomos descansar após o jantar.

O sábado foi recheado de boas conversas, piadas, músicas e boa comida. Mas o melhor ficou reservado para aquela tarde!

Parte IV – Encontro com o Universo!

Padre Nelson nos convidou a um passeio pela praia, não muito distante dali, cujo nome não me recordo mais.

Lembro-me contudo que era um entardecer indescritível, sob uma temperatura amena, muito agradável!

Ao chegarmos ao local... uma cena inesquecível: o Padre Nelson havia preparado uma espécie de altar, com aquelas belas peças douradas, galetas, cálice, patena e o crucifixo.

Lembro de que o pequeno altar foi colocado estrategicamente à frente do horizonte, onde, poucos minutos depois, o sol se poria!

Ao lado direito do crucifixo, uma imagem especial se destacava em meio àquela cena divina: uma imagem de São Francisco de Assis, esculpida em madeira.

O padre arguiu que São Francisco de Assis não só era o padroeiro da paróquia onde pregava, como também o grande defensor das causas sociais, objetivo maior por estarmos ali reunidos.

Confesso que foi uma celebração inesquecível: o céu, o mar, o entardecer, a brisa leve tocando rostos, almas e corações! Com canções de louvores que ficaram eternamente gravadas em nossas mentes! Acho que São Francisco sorriu!

Ainda hoje, sempre que vejo a imagem dele, vem à minha mente aqueles momentos que ficaram marcados em mim e, não raramente, me acenando para que nunca me esqueça dos compromissos que assumi naquela tarde inesquecível!

**“A ti, São Francisco de Assis, minha gratidão
por me conduzires até aqui!”**

São Francisco e Cauby

Como participante da Fé dentro do catolicismo, fui seduzido por dois santos: pelo Bom Jesus de Pirapora e por São Francisco de Assis.

De Pirapora, uma longa história, vai ficar para uma próxima; a de São Francisco tem a ver com o que contarei aqui!

Aí, entra em cena o Cauby, um lindo cão preto, vira lata de sedosos pelos e inesquecíveis dentes brancos que botavam medo, mas eram pura exibição!

Como todo bom vira lata, fiel até à infidelidade...



Meu pai era cheio da graça. Adorava fazer pilhérias com o próximo e o próximo da vez era um cantor “queridinho” da mãe, de voz macia e melodiosa que cantava uma canção (famosa na época), que o papai dizia ter sido feita em homenagem à minha irmã, Mariza da Conceição.

Assim papai, para “homenagear” a filha, assoviava e cantarolava:

“Conceição! Eu me lembro muito bem”...

A mãe não apreciava a imitação!

E para ficar mais patente sua admiração pelo intérprete de *Esmeralda*, registrou nosso belo cão com o nome do ilustre cantor!

Cauby era nosso vigia noturno nas frias noites da Vila Industrial, lá na longínqua Zona Leste de São Paulo. Era também nosso guarda-costas nas saídas até a escola, em construção de madeira, ao final da rua onde morávamos. O tempo passava e cada vez mais Cauby fazia parte da família!

Mariza, a Conceição, cresceu, ficou mocinha e arrumou o primeiro emprego: na Fábrica de Calçados Clark.

A mana saía de manhãzinha, às 6h30. Trabalhava até às tantas na fábrica e após o serviço, ia direto para a escola, onde cursava o ginásial.

O curioso: Cauby, o pai ou eu, filho maior, íamos todas as noites esperar a menina no ponto de ônibus da Avenida Moraes Costa, cerca de 200m longe de casa.

Todo dia, digo, noite, a mesma rotina. Depois de algum tempo, Cauby ia à nossa frente e não raramente chegava antes de nós.

Tempos depois, quando saíamos, o cão já tinha partido à espera da Mariza.

Relaxamos. Naquela época ainda se podia relaxar. O cão simplesmente ia buscar, às 23h, minha irmã, no mesmo ponto de ônibus: acredite se quiser!

O tempo passou. Nosso fiel Cauby ficava, a cada dia, mais ligado à família e aí entra o Santo...

Pois é, teve um dia que Mariza chegou desacompanhada do nosso cão, para desassossego dela e de todos nós. Saímos desesperadamente atrás do cachorro e nada...

Voltamos para casa desolados e encontramos mamãe ajoelhada sob os pés de um Santo ainda por mim desconhecido, mesmo sendo frequentador da Igreja.

Era São Francisco! Mamãe, com olhar marejado, rogou que todos ajoelássemos e pedíssemos a intervenção daquele que, segundo ela, era o Santo protetor dos animais...

Até papai, sem lá muita crença rezou e, nunca esquecerei, assoviou “Conceição”, para chororô geral da família...

Naquela manhã Mariza não foi trabalhar. Nem eu fui à escola. Todos perdidos.

O pai teve de ir ao trabalho e nós, filhas e eu, mais velhos, percorremos toda a avenida, quase todo o bairro, sem sucesso.

A noite chegou, mas o sono foi agitado... Antes de dormir, novo pedido a São Francisco de Assis. Novas orações, fé e esperanças.

No dia seguinte, pai e a mana saíram para o trabalho. Eu e a outra irmã, preparávamo-nos para mais um dia de busca...

Cerca das 9h da manhã, quando abrimos o portão da frente da casa, uma visão indescritível: Cauby estava lá, estirado, calmo, sereno e todo arrebetado! Não conseguimos nos segurar. O abraçamos todo enlameado, ensanguentado, enquanto ele enchia-nos de lambidas e focinhadas.

Foi um outro chororô. Esse de alegria, muita alegria e de pena, por vê-lo tão machucado daquela forma.

Não sabíamos o que fazer: se dávamos um banho nele ou se cuidávamos dos ferimentos. Venceu a mamãe: chamou-nos para ficarmos ao redor da imagem dele, sim, dele, São Francisco de Assis, que certamente protegeu nosso Cauby e o trouxe de volta ao seio da família.

E Cauby permaneceu conosco ainda por muito tempo!

A São Francisco de Assis, a nossa gratidão!



MAURÍCIO MOURA

Natural de São Paulo, nascido em fevereiro de 1952, é formado em Administração de Empresas pelas Faculdades São Judas Tadeu. cursou História e História da Arte. Publica semanalmente no blog *Memórias de Bairros Paulistanos*. É coautor da obra *Os Sete de Sampa*, editado pela In House, 2022. Ainda pela mesma editora participou, em 2022, da antologia: *Brasil & Portugal 200 Anos unidos de Alma e Coração*. Em 2023, de *Delicadezas e Histórias e Memórias de Gentilezas*, além de ser coautor do livro *Encantaria*.

VERGINIA LUCCHETTA DI NALLO

Sonho meu

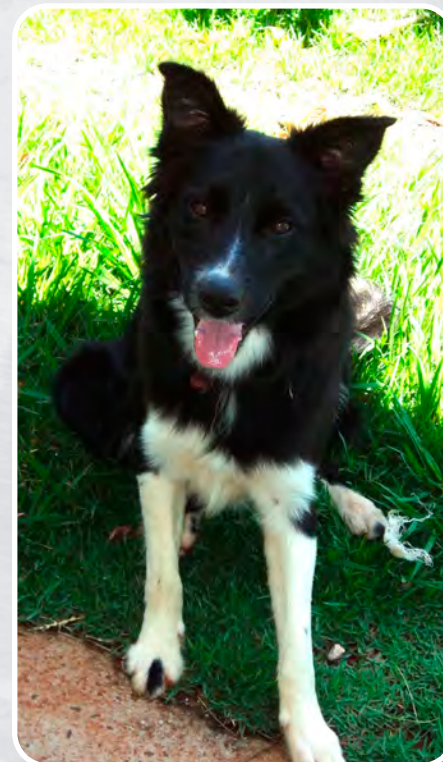
Venha comigo, venha ver onde vivi grande parte da minha vida. Veja, esse buraco, cavei no último verão. Não desapareceu ainda, acredito que meus cuidadores, cuidadores não, donos, também não... fui tão bem cuidado por eles. Ah, já sei, são, semelhantes a avós, isso, fica melhor assim. Acredito que deixaram esses buracos, que cavei pelo quintal, porque desejam que as minhas marcas, ainda permaneçam por aqui.

Sabe, santinho, tive uma vida boa nesse quintal, espaço para correr, brincar, perseguir algum gato atrevido que invadia meu terreno. Também houve aquela vez, em que abocanhei um porco-espinho. A vó me viu na chuva, veio ver o que estava acontecendo. Minha boca sangrava de tanto espinho e eles cuidaram de mim.

Susto enorme todos levaram, quando, ainda jovem, vendo o portão aberto, saí em disparada e um carro me atropelou. Quanta preocupação causei! Socorreram-me rapidamente e tudo ficou bem.

Não morei só aqui não. Durante seis meses vivi com meus donos. Um casal jovem, cheio de vida, de planos. Morava numa cidade grande, mas o meu espaço só me foi suficiente por alguns meses. Um *Border Collie* em um apartamento, mesmo que fosse mais amplo sempre seria pouco.

Mas, confesso, foi um tempo muito feliz. Lembro, pela manhã, minha dona me carregava no colo, cachorro não podia andar pelas



áreas e jardins do prédio. Uma vez alcançada a rua, era uma festa! Corriam e brincavam comigo.

Ei, olha isso! Esse brinquedo esquecido aqui na área. Aqui ficava a minha casinha. Esse brinquedo é da netinha dos meus avós.

Lembro o dia, em que ela entrou na minha casinha, pegava, com a sua mãozinha, um pouquinho de água e lavava o teto da minha casa, acariciava a minha cabeça...

Também é verdade que, com as minhas brincadeiras, a derrubei. Foi sem querer, eu só queria demonstrar o meu carinho, mas ela se assustou e por uns dias, não quis mais passear por aqui.

Então, como ia te dizendo, o espaço era pouco, eu crescia bastante e, assim, meus donos me trouxeram para cá.

Aos poucos, fui me acostumando, eu a eles e eles a mim. Acredito que foi mais fácil para mim, pois eu corria e brincava o tempo todo. Minha casinha ficava na área e de qualquer jeito eu deixava minhas marcas, se chovesse então, era fatal, carimbava minhas patas enlameadas por toda parte.

Mesmo que a vó reclamasse, eu entendia, eles me queriam por perto. Embora tivesse o meu canil, lá pouco fiquei. Eles compreendiam que eu precisava de espaço. Na verdade, gostavam muito de mim.

– *Está gostando de conhecer onde vivi, São Francisco? Sim? Que bom! Então, conto mais.*

Eu também gostava muito deles, mas sou sincero em dizer, quando via o carro dos meus donos chegando, meu coração dava saltos de alegria e minhas pernas também! Eu corria até a porta de vidro que me separava do interior da casa e batia as patas. Eram as minhas palmas de contentamento.

Minha vó já sabia e avisava o vô: “Olha, eles já chegaram!” Às vezes, o vô duvidava, mas quando me via batendo na porta daquele jeito... corriam os dois ao encontro do filho e da nora e estes, rapidinho vinham ao meu encontro. Aí, ninguém me segurava, eu me esbaldava nos seus afagos!

Sabe, eu também cuidei muito dos meus avós. Parece que ainda ouço a vó, antes de sair: “Ringo, cuida da casa pra mim!” E, ao voltar: “Ringo, já cheguei!”

Até parece que era preciso avisar... coisa de vó mesmo. Ela já conhecia bem os meus latidos. Quando algum estranho se aproximava do portão, eu ficava pertinho da cozinha, latia e de lá não me afastava. O contrário acontecia, quando as visitas eram pessoas conhecidas.

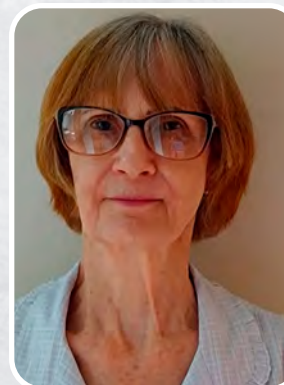
Eu sei que ela confiava muito em mim. Confesso para o senhor que fiquei triste com a tristeza deles diante da minha ausência. Senti muito pela dor que, sem querer, causei aos meus donos, aos avós... e, se conseguisse falar, diria o quanto fui feliz... Mas, é assim mesmo, um dia eles também vão se despedir da vida e vão deixar uma saudade bonita.

Nossa, que susto! Que barulho foi esse? Ah, dormi e deixei cair o São Francisco que tinha nas mãos!

“Que sonho lindo, Ringão!”



Foto: Divulgação



VERGINIA LUCCHETTA DI NALLO

Nasceu em 05 de outubro de 1956, é casada com Luigi Di Nallo, reside em Pedrinhas Paulista, estado de São Paulo. Professora aposentada com formação em Letras, Pedagogia, Teologia e Mestrado em Educação. Publicou contos, crônicas e poesias por meio das editoras In House, Brecci Books editora, ARLEC Academia Rio-pretense de Letras e Cultura e Aletti Editore. Gosta de escrever, caminhar, fazer licores e bolachinhas. Atividades que permitem exalar emoções e aromas.

Tica

Giovanni era um menino de nove anos que tinha nascido em uma família abastada. Seu pai, Pietro, era comerciante de tecidos e eles viviam muito bem. Giovanni tinha de tudo, contudo o maior divertimento do menino não vinha de seus brinquedos, vinha de Tica, sua galinha companheira de aventuras.

O menino tinha adotado Tica quando ela era ainda um pintinho. Ele a alimentava e ela por sua vez o seguia por todos os lugares. Tica não era orfã, tinha suas irmãs e mãe, mas preferia seguir Giovanni e ser sua parceira.

Com o tempo, Tica se transformou em uma galinha branca, bonita, mas manteve seus hábitos. Todo dia, pela manhã, Giovanni descia para o pátio e lá estava Tica a lhe esperar.

Eles partiam pelo campo passando por diversas aventuras, corriam, subiam em árvores, eram verdadeiros companheiros. Tica adorava ir pescar com Giovanni, pois ficava beliscando as iscas. E Giovanni ficava horas conversando com ela.

Depois de uma semana chuvosa e sem brincadeiras, surgiu o sol no céu e, como de costume, Giovanni desceu para o pátio para encontrar sua amiga de aventuras, mas Tica não estava lá.

Giovanni procurou em todos os lugares, foi no paiol, perguntou para as demais galinhas no galinheiro, aos criados, para seus pais, e ninguém sabia de Tica.

Sentou-se triste no pátio e começou a se lembrar de suas aventuras, riu um pouco e voltou para dentro de casa ainda preocupado com o sumiço de sua amiga.

Entrou na cozinha e para seu espanto, lá viu Tica pendurada pelos pés, toda mole e a cozinheira tirando suas penas.

Giovanni começou a chorar, gritou, brigou. A cozinheira, nada entendia, não tinha feito nada de errado.

Sua mãe entrou na cozinha e o retirou de lá aos berros, pedindo desculpas para a cozinheira.

No seu quarto, Giovanni chorou por horas, sua amiga seria servida no almoço. Ele não entendia como as pessoas poderiam comer sua amiga, ela não era comida, ela era sensível, era fiel, ela era sua companheira de aventuras, sua confidente.

Agora, Giovanni não tinha mais sua parceira, tinha decidido que nunca mais comeria um animal, pois eles tinham sentimentos, eles podiam não falar a nossa língua, mas eles nos entendiam e Giovanni os compreendia.

Giovanni cresceu, tornou-se um grande homem e nunca, em seu coração, esqueceu-se de Tica e, como São Francisco, honrou todas as criaturas da existência, desde a pequena formiguinha até o poderoso Sol, dizendo que todos somos irmãos em nossa existência.



FABIO SPINA

Escritor jundiaense com quatro livros publicados e mais de 20 trabalhos, entre contos, crônicas e poesias publicados em coletâneas. É casado com Stela e pai de Raul, formado em Direito e Contabilidade, trabalha como Gerente financeiro e é membro do Grêmio Cultural Professor Pedro Fávoro.

Releitura da Oração de São Francisco

Senhor, fazei de nós instrumentos de um mundo melhor.
Onde houver muita internet que surja também o livro.
Onde houver funk e sofrência que haja o MPB e o Rock.
Onde houver Barbie que eu leve a Emília.
Onde houver o barulho ensurdecedor
dos escapamentos abertos das motos
que haja o silêncio arrebatador de um amanhecer ensolarado.
Onde houver guerra de torcidas,
que haja mais festas por vitórias e gols.

Ó mestre, fazei que eu procure mais
cozinhar meu próprio alimento
que ser “fritado” pelas comidas industrializadas.
Andar com minhas próprias pernas
que ser teleguiado pela massa.
Ouvir mais meu próprio coração
que tentar entender o que gritam os que não me entendem.

Pois é se valorizando que se é valorizado.
E fazendo comidas mais saudáveis que teremos mais saúde.
E é andando pelas próprias pernas
que finalmente seremos nós mesmos.

Amém!



Foto: Divulgação



DINAH THOMAZETTO ZANATTA

Cidadã brasileira e italiana, casada. Formada em Letras com pós-graduação em Psicopedagogia. Professora de Língua Portuguesa por 20 anos na Educação. Aos 47 anos me aposentei e me enveredei para a Gastronomia. Hoje sou proprietária de um restaurante no Bairro Traviú em Jundiaí.

São Francisco



Designado por Deus para o bem servir.
Acordou a tempo, conseguiu realizá-lo.
Deixando-nos a vida como modelo.
E exemplos dignos para se seguir.

A alma coberta de bons propósitos.
Não hesitou tempo algum, dividi-los.
Satisfação maior, poder distribui-los,
aqueles a quem a sorte fez desprovidos.

Iluminado que era pela luz da consciência.
Fez-se humilde apesar de toda riqueza.
Ensinando-nos que da vida toda beleza.
É saber viver com dignidade e decência.

Cultivava a fé como a mais pura flor.
Na qual Deus é único Imaculado perfume.
Espalhado na atmosfera em tom sublime.
Exalaria o indispensável cheiro do amor.

Tão grande poderia ser repartido tal pão.
Assim São Francisco um dia sonhou.
Instrumento da paz, num sonho universal.
Luz do sol que humilde, chamava de irmão.

Magia Franciscana

Era o fim da década de 80, e eu, no auge da euforia de completar quatro décadas, trabalhava na capital e tinha a plenitude da referência etária e feliz por participar de uma Antologia de Poetas e Escritores do Brasil, da Revista Brasília e coincidia com a comemoração de 760 anos da morte de São Francisco de Assis, o santo católico, um iluminado na natureza, o qual resolvi homenagear com um poema.

Era o ano da graça de 1987, e o Nivalter Inácio Caldeirero, o NIC, um amigo nascido em Promissão/SP, pediu-me ajuda e me incumbiu de uma missão que me deu grande satisfação e contentamento, a partir do momento em que me deparei com a verdadeira extensão da grandiosidade dela.

Teríamos que tomar conta de uma casa, no elegante bairro do Alto de Pinheiros, para uma família que iria viajar e queria alguém para assumir essa responsabilidade por um longo tempo. Todo ano essa família (naquela época), originária de Assis, fazia questão de participar presencialmente das comemorações das homenagens e festividades ao santo padroeiro, em sua terra natal.

Gente bem estabilizada economicamente, legaram-nos a oportunidade de desfrutarmos das dependências da mansão, inclusive da piscina. De degustarmos os vinhos da adega e os salames italianos e os queijos da despensa. Utilizarmos os azeites e vinagre balsâmico da Úmbria, porque quando eles voltassem da viagem depois de uns quinze dias, iriam repor e reabastecer sua despensa com o material que trariam da viagem realizada no Velho Mundo.



Tivemos que dormir na referida residência todas as noites, cuidarmos do belo jardim e abrimos a casa no final de semana. E eu cuidava de uma função, que segundo o NIC eu entendia e ele não se considerava capacitado para exercer: era manter velas acesas para o santo de veneração e obviamente o protetor absoluto da casa.

Como sou umbandista, tirei de letra e tive muito empenho em realizá-la. Depois da maravilhosa surpresa que tive ao descobrir que eram imagens do santo da minha devoção e simpatia. Logo de cara, na antessala, depois de ter adentrado pela porta da frente, sou recepcionado por uma imagem talhada em madeira perfumada, do meu tamanho (1,86 + ou -) do santo de braços abertos para receber amavelmente quem ali chegasse. Foi um grande impacto, um espanto muito grande também e uma alegria incontrolável, porque logo em seguida tinha um busto também talhado em madeira odorífica do referido santo, sem contar diversas pinturas em quadros emoldurados retratando a figura de São Francisco.

Na cozinha, imagens menores, várias e em diversos tamanhos diferentes, nos quartos todos, outras imagens. Uma mais linda que a outra, de diversos tamanhos também e sobre os criados-mudos, cômodas, mesas. Sem contar um altar específico, num ponto estratégico da casa e também inúmeras imagens de metal de tamanho reduzido (mini) em todas as gavetas.

Tive também que trocar as flores dos vasos e manter um ambiente agradavelmente salutar, para que a energia da casa continuasse numa vibração de nível superior e divino. Saudável e ao mesmo tempo odorificamente confortável, pela simplicidade como era tratada. Executei minha tarefa com amor desinteressado e com grande respeito incondicional. Usei de maestria, pois não seria eu a violar as regras.

Afinal, era um serviço a ser executado. Fui remunerado conscientemente a altura do que eles de mim esperavam e fiquei muito agradecido ao NIC por ter me indicado e confiado na minha orientação



religiosa de como lidar com o sagrado.

Parei de trabalhar em São Paulo, no ano de 1994, o NIC adoeceu, voltou a Promissão e devido a complicações de saúde faleceu.

Dificilmente, vou a São Paulo na atualidade, mas no começo do terceiro milênio, estive lá e resolvi passar naquela casa, nem que fosse só para vê-la de longe e por fora. Ela era muito bonita, tinha um muro de pedras e grades de ferro, assobradada e muito confortável.



Não consegui, não sei se errei o endereço, confiei na memória e fui traído, agora aqui, pensando comigo, não sei se existiu realmente essa história ou se foi só um sonho surreal registrado na minha lembrança ocasional e não vai além das asas de minha imaginação... A eterna criação ou a criança interna do meu inconsciente coletivo,

que faz a seletiva do meu lúdico juízo.



LUIZ ALBERTO CARLOS

Sou brasileiro. Nasci e resido em Jundiaí/SP. Escritor e poeta, escrevo desde os tempos do Ginásio no IEE de Jundiaí. Publiquei, em 1992, um livro em coautoria *C'cretolirismo* pela Editora Scortecce e outro solo *Senhas & Sonhos*, em 2015, pela Editora In House. Publiquei também em outras editoras: Crimalis, Shogun, Grupo Brasília de Comunicação. Recebi diplomas, menções honrosas, medalhas, troféus. Sou Verbete da Enciclopédia da Literatura Brasileira. Atualmente, participo das Antologias literárias da Editora In House, inclusive a nível internacional. Participei da Antologia *Santo Antônio – Portugal, Itália, Brasil e Revista JLetras*. Sou articulista da coluna Opinião, do *JundiAgora*. Cronista com temática da Raça Negra, afrodescendentes e religiões de matrizes africanas. Escondo muito, revelo pouco, faço pensar.

Singelo poema para São Francisco

São Francisco, meu santinho,
Tão humilde e protetor
Tua aura cor-de-rosa
Sempre espalha só Amor

Deixaste a vida mundana
Para viver na pobreza
Pregando a tua doutrina
Tão repleta de beleza!

Amavas os animais
E também a natureza
Socorrendo teus mendigos
E os amando, com certeza!

Santinho da humildade
Sempre alegre tu estavas
Na tua simplicidade
Só Jesus acompanhavas

No final de tua vida
Tuas mãos e pés sangraram
A exemplo de Jesus Cristo.
Muita surpresa causaram!

Já doente, tu pediste
Para morrer em Assis
No que foi logo atendido
Pr'a te deixarem feliz.



Foto: Divulgação



FLAVIA CUNHA

Professora aposentada, pedagoga e escritora. Nasceu em Espírito Santo do Pinhal/SP. Gosta de escrever poesias, geralmente voltadas às maravilhas da natureza e à observação dos problemas e sentimentos humanos. Faz parte da Academia Barretense de Cultura e do grupo RELIARTES, também barretense. Em Jundiaí, pertence ao Grêmio Cultural Professor Pedro Fávoro, à Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí e à Academia Jundiaense de Letras. Publicou seis livros de poesias, participando também de inúmeras coletâneas da Editora In House.

Ladainha: Cadê Francisco de Assis?

Cadê o jovem Francisco de Assis?
Ele está onde estão os pequeninos!
Após renunciar toda riqueza,
fez do Amor seu único destino.

Francisco foi à igreja de São Damião
fazer o necessário e fez o impossível.
Lá renunciou tudo, para tudo receber.
Descobriu que o essencial é invisível!

Francisco foi ouvir a voz de Cristo:
“restaure minha casa decadente”.
Foi vender mercadorias da loja do pai,
ao interpretar tal ordem erroneamente.

Pelo pai foi deserdado e repudiado,
uniu-se então à “irmã pobreza”,
para viver o ideal religioso.
Deus tornou-se sua riqueza!

Uniu-se a onze companheiros,
Tornando-se itinerantes missionários.
Orientava pregar o Evangelho
e usar a palavra se necessário!

Ele nos ensinou que “ninguém é tão perfeito
Que não tenha algo com o outro a aprender
e, totalmente destituído de valores
que não possa ao irmão conceder”.

Francisco foi ao encontro de Clara:
“Eros e Ágape, fascinação e transfiguração”.
“Plantinha do bem aventureiro pai Francisco”.
Separados na carne unidos na fé e no coração.

Francisco foi ser instrumento de amor e paz.
Viver a comunidade e a fraternidade.
Está procurando sua regra de vida que sumiu,
de pobreza, liberdade evangélica e humildade.

São Francisco de Assis foi celebrar o Natal;
inventou o presépio de palha com o menino Jesus,
a Virgem Maria, José, um boi e um jumento vivos.
Para lembrar que é na humildade que existe a Luz!

Ele foi pregar no Monte Alverne, nos Alpeninos,
onde curvou-se diante da dor e da fragilidade.
Recebeu no corpo as cinco chagas, a estigmatização.
Acolheu a “irmã morte” e viveu para eternidade!

Cadê Francisco hoje?
Foi abraçar Dom Helder Câmara,
com mil razões para viver.
Foi ser voz dos que não têm voz,
perfumar a alma de amor e bem querer.

Francisco abraçou João Paulo II.
Que lhe disse com toda certeza:
“Jovem, você não teve medo de ser santo!
Proclamo-o patrono dos ecologistas e admirador da natureza!”

Foi andar a pé e de ônibus com Dom Casaldáliga,
fazer da justiça uma causa nobre.
Parou para comprar o anel de tucum,
sinal da aliança com a causa indígena e os pobres.

Francisco foi acolhido por Madre Teresa de Calcutá
e ouviu que o amor não tem preço
E que a falta dele é a maior pobreza.
Que ser uma gota de amor, tem de Deus seu apreço!

Ele viu matarem irmã Dorothy,
Armada apenas com a Bíblia em mãos.
Ouviu de Mahatma Gandhi:
“O medo tem alguma utilidade, mas a covardia não”.

Francisco mora na toca de Assis,
está na Missão Belém,
nos morros, favelas e cortiços.
Mora nas comunidades de bem.

Francisco está indignado
com a igreja da prosperidade;
denunciando com toda coragem:
“Prosperidade é a ausência de necessidades”.

Francisco de Assis está hoje lembrado,
nas tantas casas com seu nome,
acolhendo os pequeninos e desprezados
suprindo neles a sede e a fome.

Francisco está em Roma.
Teimando ser cristão
em um meio religioso,
Insistindo no repartir do pão.

Francisco é povo, é gente como a gente!
Francisco é a verdadeira Igreja,
De todas as raças e crenças;
E que a seu exemplo, todos, assim seja!

Amém!



Foto: Divulgação

Santa Clara e São Francisco.



GILBERTO ANGELO BEGIATO

Fundador da Comunidade Acolhimento Bom Pastor.
É um dos onze filhos que Miltom e Regina tiveram.
Casado com Regina desde 1994.

Autor dos livros: *Deus enviou um profeta! Você o acolheu?; Lançai as redes!; Vinde, Bendito!; Gracia Plena; O Jardineiro de Madalena; Mensagem Acolher.*

O caminho de Assis

Em agosto de 2015, intencionávamos peregrinar os quase 300 km do Caminho de Assis, sendo necessários de 11 a 14 dias, a pé, para vencer o roteiro. Mas nosso tempo escasso, impossibilitou a caminhada, e resolvemos percorrê-lo de carro. Transitamos a rota entrecruzada pelos vilarejos que fizeram parte da jornada do santo italiano, e em todos marcamos nossa presença, iniciando na encantadora comuna de Dovadola e finalizando na mística e emocionante Assis.

Esse caminho é muito bem sinalizado e mapeado. Ele entrecorta as regiões da Emília-Romanha, Arezzo e Úmbria, no centro da Itália. Dovadola, Premilcuore, Corniolo, Camaldoli, Biforco, Caprese Michelangelo, San Sepolcro, Città di Castello, Pietralunga, Gubbio, Valfabbrica e Assis são as cidades e vilas presentes nesse roteiro, incluindo também o importante Santuário Franciscano de La Verna, local onde o santo recebeu os estigmas.



Porziuncula, local onde morou e começou a pregação. Está situada no interior da basílica de Santa Maria Degli Angeli, 5 km distante de Assis.

Alguns trechos são acidentados, pedregosos, isolados e atravessam grandes parques nacionais. Em diversas partes, o caminho é mais plano e cruza por pequenas propriedades de produtores de azeite. Outros se apresentam como um museu a céu aberto num ambiente natural, o qual permite contemplar a Úmbria do período de Francisco.

Simpatizantes de caminhadas e peregrinos se dirigem a essa região e percorrem o destino que exhibe inúmeras paisagens naturais, cidadelas e diversas edificações: monumentos, igrejas, casas, mosteiros, albergues, entre outros, muitas delas apresentam afrescos da escola umbra. A riqueza natural, arquitetônica e artística revela seu potencial turístico e religioso.

Seguidamente encontrávamos admiradores do franciscanismo, que peregrinavam pelo Caminho de Assis. Sujeitos de diversas partes da Itália e do mundo, que ao se dispor a essa aventura, renovavam-se ao longo do roteiro, passando a serem os protagonistas das próprias

metamorfoses interiores. Pensei: ser peregrino implica abandonar o próprio *modus vivendi*!

Na época, como acadêmica, procurei o Caminho de Assis, para contemplar o tema da minha tese, porém me vi “impregnada” pelo espírito peregrino. Minha lida por estudar as particularidades, conhecer os lugares e fotografá-los, promoveu uma imersão na essência da doutrina de Francisco. Foi uma “caminhada” contemplativa, de auto-conhecimento, ligada na busca da paz interior, de fé e contato com a natureza e, em muitos deles, sentindo a “presença” do santo.



Francisco é considerado um mito heróico a exemplo de outros santos como Santa Clara e Santo Antônio. Ao renunciar seu mundo, perseverante no domínio do eu, livre do ódio e do egoísmo, liberto das relações da paixão, banido do orgulho e do desejo, habitando lugares solitários, engajado na meditação, do sentimento de posse, de coração tranquilo e livre do ego, Francisco somou os atributos do herói, com sua força, coragem e moralidade, aspectos que comprovam a sua santidade.

Posso afirmar que muito especialmente no Caminho de Assis, Francisco como um mito “vive”. Como um santo “vive”. “Vive” na arte, nas igrejas, na literatura, nas imagens, nos ensinamentos, nos cultos e na natureza. E a cada dia me convenço que está nos corações de

mulheres e homens de muitas partes do mundo, independente de crença religiosa, pois entre tantos valores ele nos ensinou a amarmos todos os seres vivos e a olharmos com cuidado o nosso precioso planeta.



ROBERTA BASSANI FEDERIZZI (ROBB BASS)

Natural de Marau/RS. É professora, pesquisadora e escritora. Suas publicações tematizam as áreas de Arte e Cultura Italiana. Sua tese de Doutorado em Letras versa sobre São Francisco de Assis, grande amigo de Santo Antônio. Publicou livros comemorativos, históricos e infantis. Seus contos vêm fazendo parte de várias antologias. *Farfalla* é seu romance de estreia (2022), premiado no Prêmio Reflexo Literário. É integrante da A.I.S.L.A – Academia Intercontinental Sênior de Literatura e Arte e da Ail Scriptorium – Academia Independente de Letras.

São Francisco de Assis, protetor dos animais e Santo da Ecologia!



Foto: Divulgação

Comemora-se a quatro de outubro, o **Dia dos Animais**, data escolhida porque a Igreja Católica celebra São Francisco de Assis, que viveu apenas 44 anos (1182-1226) e, no entanto, deixou em nossos corações marcas indeléveis, entre as quais, a de amor e de veneração pela natureza, tanto que é considerado o **Santo da Ecologia**, pois conversava com pássaros e lobos, vivia numa cabana silvestre nas cercanias da cidade de Assis e criou a expressiva oração que leva o seu nome, além de ter sido o autor dos hinos ao “irmão Sol” e à “irmã Lua”.

Nascido num povoado italiano, filho de pai rico, muito cedo se entregou ao sacerdócio com tal desprendimento, que sua opção pelos pobres e pelo despojamento inspirou ordens religiosas. Deixou-nos um testemunho de liberdade que ainda ressoa como paradigma de futuro, tanto que o presépio, um dos enfeites natalinos mais tradicionais, também foi por ele criado. Na celebração de Natal de 1223, na aldeia de Greccio, havia uma gruta e ao lado de uma manjedoura repleta de feno, ele colocou um boi e um jumento recriando assim o ambiente de Belém. Quando as tochas clarearam as redondezas, todo o povo da vila se aproximou, motivando as representações esculpidas como as que conhecemos atualmente.

De forma geral, até hoje esse extraordinário santo nos leva a refletir sobre a importância dos bichos, cuja interação com as pessoas na troca de carinho, confiança e cuidados, tem se tornado um excelente remédio contra ansiedade, depressão, estresse e baixa autoestima. Revela-se num tratamento indicado até mesmo para casos de deficiência física e psíquica. Por isso, é cada vez mais comum cachorros, gatos, cavalos, coelhos etc., serem reconhecidos por surpreendentes poderes terapêuticos, a ponto de contarmos com curso de extensão especializado no ensino de técnicas da terapia com animais na Universidade de Brasília (UnB).



Foto: Divulgação

Infelizmente, muitas pessoas, desrespeitando não só aos ditames naturais, mas às leis específicas de preservação, promovem agressões gratuitas aos seres vivos organizados, dotados de sensibilidade e movimento. Proclamada pela UNESCO em sessão realizada em Bruxelas, no dia 27 de janeiro de 1978, a *Declaração Universal dos Direitos dos Animais*, além de desconhecida, permanece desprezada, levando os homens a continuarem cometendo crimes.

O que se espera agora é que o mundo acorde para a causa dos animais, distinguindo o uso do abuso e buscando outras formas de lazer que sem sofrimentos como rinhas, rodeios, espetáculos circenses e outras atividades recreativas que os utilizam, impondo-lhes quase sempre, os mais diversos tipos de maus tratos. É preciso garantir-lhes vida e respeito. De uma forma geral, concorrem com os vegetais para manter o equilíbrio ecológico indispensável à sobrevivência dos homens na Terra.

“Tudo o que existe no universo deve ser preservado. Deus criou um mundo lindo, perfeito e harmônico e ordenou ao ser humano que cuidasse dele, preservando a natureza, os animais, as plantas, a harmonia dos cosmos e a própria humanidade. Então, a vontade

de Deus, que fez tudo com amor, é que as pessoas também amem e defendam sua obra” (Maria Helena Brito Izzo, in revista *Família Cristã*-p. 28, março de 1999).

“Um dia os homens conhecerão a alma dos animais e, nesse dia, um crime contra um animal, será um crime contra a humanidade”. Ao dizer esta frase, Leonardo da Vinci talvez não imaginasse que, passados mais de quinhentos anos, a situação permaneceria quase a mesma. Para que ocorram as mudanças previstas, é necessária uma transformação cultural e inspirados nos exemplos de SÃO FRANCISCO DE ASSIS procuremos abraçar a causa dos animais, garantindo-lhes permanentemente vida e respeito.



JOÃO CARLOS JOSÉ MARTINELLI

Advogado, jornalista profissional, escritor e professor da Faculdade de Direito do Centro Universitário Padre de Anchieta há 36 anos. É Mestre em Ciências Sociais e Jurídicas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, onde também se formou em Direito e cursou Jornalismo. É autor de vários livros, entre os quais, *O Sentimento de Justiça* (Ed. Litearte, 1999), requisitado pela Universidade de Harvard; *Manual de Títulos de Crédito*, em terceira edição sendo atualizada e *O Direito de Envelhecer num País ainda Jovem* (Ed. In House, 6ª edição, 2015). Seu mais recente livro é *Direitos Humanos – Re-*

sumo de Aulas e Crônicas Jurídicas (Ed. In House, 2020). Escreve para alguns jornais e é articulista há vários anos do *Jornal de Jundiaí*/portaljj.com.br, bem como de inúmeros blogs, entre os quais o luso-brasileiro PAZ, editado na cidade do Porto, em Portugal. Apresenta semanalmente na Rádio Cidade, desde 2010, no programa *Panorama 730*, às sextas-feiras, no horário das 12h, *Crônicas da Cidade*, de sua autoria. É ex-presidente da Academias Jundiaense de Letras e Academia Jundiaense de Letras Jurídicas. Recebeu diversos prêmios, entre os quais, Medalha Petronilha Antunes e Medalha de Direitos Humanos Monsenhor Hamilton Bianchi da Câmara Municipal de Jundiaí; foi indicado pela Subseção da OAB de Campinas/SP, em 2000, ao prêmio de Direitos Humanos da Secretaria de Direitos Humanos do Ministério da Justiça; recebeu em 2012 o prêmio Quality Golden – Destaque em Direitos Humanos em nível nacional outorgado pela Sociedade Brasileira de Educação e Integração.

Contato: martinelliadv@hotmail.com

EVANDRO FERNANDES DA SILVA

São Francisco

Queria ser como São Francisco
e não temer o pior dos meus
inimigos.
Amar os bichos, feito irmãos, e
curar as chagas do coração.
Mendigar o trigo para fazer
o pão, e não ter mais do
que um hábito e um cordão.
Viver em plenitude com a natureza
e ser esposo fiel da dama pobreza.
Queria ser como São Francisco,
que tinha o sol e a lua sob seu
auspício.
Sendo assim, tornou-se o Santo,
cantando hinos e enxugando os
prantos.
Até a ele, o lobo se curvou,
reconhecendo o exemplo do
seu puro amor.



EVANDRO FERNANDES DA SILVA

É bacharel em Direito e cartorário. Participou como letrista do Grupo Olho Nu, na década de 80. Escreveu as peças: *Morada de um homem só*, *A ponte dos homens ratos* e, em parceria com o artista plástico e dramaturgo Valmir Bonfá, a peça intitulada *Aleijadinho*. É autor dos livros: *O penetra* (romance policial), *Vida e Morte de Olympia* (contos), *O levante dos oprimidos* (romance, 2008), *Na esquina de batom* (romance, 2015) e *Tonico Perê* (romance, 2018). E dos infantojuvenis: *A menina que tinha medo da meia-noite*, *A fuga da bailarina* (2016), *Letícia, a lagartixa* (2017) e *Marcelinha, a aranhinha* (2018) – todos pela Editora In House; além de participar de várias antologias da mesma editora.

Santinho das minhas idas e vindas



Das noites de juventude, lá nas arcadas do Largo de São Francisco, as recordações dançam como se estivessem num bailado coreografado, aparecem e desaparecem.

Mais tarde, em 1989, já esposa e mãe de duas crianças pequenas, uma amiga cedeu-me o seu material de pintura. Eram algumas bisnagas de tinta a óleo, um godê um pouco enferrujado, pincéis de cerdas duras. Busquei por um livro de Arte Brasileira, encontrei inspiração e num feriado de 7 de setembro, coloquei-me diante de uma tela. Pinte um São Francisco estilizado.

Nariz que remetia a pele de onça, um pássaro por sobre a cabeça, céu azul, sol brilhante, mata verdejante. A tela emoldurada, ficou nas paredes da casa de meus pais e de lá nunca mais saiu.

O tempo passou.

E numa tarde quente de dezembro, eu e meu marido comemoramos 25 anos de casados numa Igreja de São Francisco, cuja missa foi emocionante, ministrada por um frade franciscano, de batina, e sandálias.

Mais tarde, pinte com crayon uma outra imagem de São Francisco e, nas redes sociais, tornei-a visível, permitindo aos amigos virtuais que deixassem seus comentários, visto que gosto é gosto e não se discute.

Escrevi, anos mais tarde, rudimentos de poesia e também permiti aos amigos que a apreciassem.

Em momentos de alegria e também de tristeza, o Santinho, de imagem franzina, cercado de bichinhos, olhar direcionado ao horizonte, intercedeu por nós, por meio de orações e na simplicidade da vida, como foi a vida santificada dele, fez-se presente, trouxe esperança e tocou nossos corações, realizando muitos milagres, atendendo nossas orações.

São Francisco de Assis, intercedei por nós, nossa fauna, nossa flora, nossos rios, mares e lagos, nossa família e amigos, nosso planeta.



IVONETE PICCINATO DE FREITAS

Graduada em Direito pela USP. Atuou por mais de trinta anos na área cível. Participou das antologias: *Dezembros* (2017), *Escritores Brasileiros*, Vol. II, (2018), *Encontro Além-Mar* (2019), *Memórias do Confinamento*, *Navegar é Preciso e Solstício da Alma* (2020), *Palavras Sem Fronteiras* (2020), *De Eva a Frida* (2021), *Encontro Líteromusical Brasil & Portugal* (2021), *Pandemim, a pandemia em mim* (2021), *Revista JLetras vol. I, II e III, Essas incríveis mulheres* (2022), *Soltos ao vento 100 poemas buscam seu destino* (2022), *Brasil & Portugal 200 anos – Unidos de alma e coração* (2022), *Delicadezas* (2023) e *Santo Antonio - Portugal, Itália, Brasil* – todas da Editora In House. Participação no livro *Gotas de Alegria*, de Nilton Gutierrez (2017). Coautora do livro *Femina*. Lançou em 2021, seu primeiro livro: *Casa de Vidro*, pela Editora In House. São Paulo, capital.

Uma imagem para
São Francisco de Assis
inspirada por uma música
de André Mehmari



Foto: Divulgação

O escritor olhava pela janela quando viu
um menino que via o voo de um pássaro.
O pássaro voando,
enquanto voava,
expressava o instante da vida que é um voo.
Viu entre o voo do pássaro e o pássaro a voar
a esperança
nos olhos do menino.

O escritor, que já não via,
viu na passagem do substantivo para o verbo
o princípio que é um verso.
“Que vem fazer aqui a categoria metafísica do substantivo?”
Pergunta o poeta.
Porém, seus olhos não perguntam nada.

Compreendeu, naquilo que o menino olhava,
que o destino do ódio é o amor.
Compreendeu que só quem perdoa é perdoado,
porque (tal como aponta o padre)
somos todos pecadores.
O menino que olhava insistia que é sozinho
que encontramos a alteridade,
e que só quem duvida é capaz de ter fé.

O menino filósofo sabia que a incerteza
é o caminho para a verdade
(assim com letra minúscula mesmo).
Sabia que só quem se desespera
aprende a esperar com alegria.
Compreendeu que das trevas o mestre menino
poderia fazer luz desse instrumento
que é o homem.

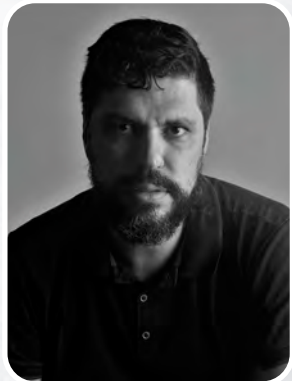
Esse menino-Deus é a prova ontológica
de que o ateu não é aquele que não tem fé,
mas alguém que tem demasiada fé.
E que a imagem de um pássaro voando
é o lugar onde a fé transborda,
escorre pela lateral da xícara,
suja a toalha de mesa,

Incomoda

Pois é aos distraídos que a eternidade se manifesta.

Nesse instante,
o instante em que via esse voo de pássaro,
aquele menino-Homem soube que

deus é a capacidade de perdoar
até mesmo o silêncio de Deus.



THIAGO RODRIGUES

Realizou pesquisa de Pós-doutorado (2020-2022) pela Universidade de São Paulo – USP sob a supervisão do professor Franklin Leopoldo e Silva. Doutor e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP (2018 e 2012, respectivamente). Especialista em Filosofia Contemporânea e História pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP (2010). Licenciatura Plena em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção – UNIFAI (2008). Professor e coordenador dos cursos de pós-graduação Lato Sensu em “Filosofia Contemporânea”, “História e Pensamento Medieval”, “Pensamento Político Contemporâneo” (UNIFAI). Professor dos cursos de graduação em Filosofia, Pedagogia e História (UNIFAI). Autor dos livros *Fenomenologia crítica, filosofia e literatura: uma incursão nos primeiros textos de Sartre* (2014) e *A necessidade do ensaio: o ensaio como experiência filosófica* (2023). Coorganizador da coleção de livros *Desconstruindo o lugar-comum* (desde 2020). Indicado ao Prêmio CAPES de melhor tese em 2019 com o trabalho *Imaginação, Imaginário e Realidade Humana em Sartre*, trabalho no prelo para a publicação com prefácio de Franklin Leopoldo e Silva. Principais temas de pesquisa: ética e literatura; filosofias da existência; criação, imaginação e imaginário; filosofia e literatura; história e subjetividade. Atualmente realiza pesquisa de Pós-Doutorado pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

THIAGO CARONE

Meditações Franciscanas

Estas *Meditações Franciscanas* são muito mais um movimento da alma em contemplar as verdades espirituais do que propriamente um esforço do intelecto em acrescentar algo à sapiente oração de São Francisco de Assis. Obra de um místico, a sua linguagem clara e paradoxalmente oculta, não se deixaria dobrar aos malabarismos conceituais. Por esse motivo, optamos por identificar a nossa tarefa como um ato de meditar, uma singela mediação, de colocar-se a caminho, agir entre dois planos: o do objetivo e o do inefável. O cume da montanha da meditação reside na superação da linguagem lógica. É uma tentativa de adentrar com respeito e humildade no santuário da sagrada sabedoria. Espero que essas meditações nos auxiliem a intuir algo que a razão, mesmo com o fulgor de suas luzes, não pode alcançar senão com o benemérito acompanhamento da iluminação mística.

“Senhor, fazei de mim um instrumento da Vossa paz”:

O buscador sincero compreende seu gesto de fé em sentido vertical e horizontal. O ego marginalizado nas esferas da materialidade, compreende-se tal qual um *ente* isolado. O místico sapiente intui a sua situação de ser vivente como um instrumento do absoluto, da causa divina. Por esse motivo, a oração de São Francisco é uma contemplação deste estado ao qual o sábio compreende-se conectado com a Fonte. Seu desejo humano torna-se identificado a vontade transcendente uma vez que soube afinar o seu instrumento volitivo com o diapasão da vontade do Creador¹. E é a partir do Amor Incondicional, que flui pelos canais do desejo purificado, que o místico desempenha a sua tarefa pacificadora.

¹ De acordo com o professor e filósofo Huberto Rohden o termo “*crear*” indica o processo de manifestação da Essência em existência, do metafísico para o físico, enquanto que o termo “*criar*” é um neologismo moderno referente às transmutações realizadas no campo fenomênico, ou seja, mudanças de um estado físico para outro.

“Onde houver ódio, que eu leve o amor”:

A bem-aventurança do místico se revela nesse trecho. É a horizontal da ética em conexão com a vertical da mística sugerida no verso anterior. Se a causa é a vontade divina, o efeito é amar, porque o amor é a Lei. O portador da paz é o mensageiro fiel desta máxima cósmica, pois dominou a linguagem da união. Porque reconhece que a felicidade é uma meta universal, o seu apostolado é o da amizade. A expressão do amor em facticidades resulta de uma capacidade receptiva, pois podemos somente compartilhar aquilo do qual previamente somos portadores. Importante frisar essa ideia, pois só dá amor quem tem recipiente para recebê-lo advindo de esferas de vivência superior. Sendo um sentimento divino, não pode ser presa do ego que retém a si, o objeto de seu desejo.

“Onde houver ofensa, que eu leve o perdão”:

Este “eu” que perdoa livra-se dos resíduos martirizantes e das energias malsãs que sobrecarregam a personalidade. A alma não se ressentida daquilo que está abaixo de sua esfera, ela se compraz na compaixão. É a ego- vaidade que se aquebranta nas contrariedades das relações. O perdão é uma metodologia típica das doutrinas espirituais e sua tecnologia consiste no desanuviar emocional que permite o fluxo harmonioso das energias, no equilíbrio das glândulas endócrinas que produzem os hormônios. O perdão é um importante componente da fisiologia espiritualista e sua sabedoria unifica o científico e o filosófico ao espiritual.

“Onde houver discórdia, que eu leve a união”:

O sábio São Francisco de Assis admoesta para a linguagem da união, da comunicação daquele que tem a percepção cósmica da mística unificada à ética. Lembra-nos do ensinamento crístico a respeito da “outra face”. Em termos psíquicos e energéticos, indica o potencial do ser humano bondoso que transmuta as polaridades reativas em proativas. Levar à união, pressupõe a liberdade daquele que se emancipou da atitude vaidosa de impor a sua vontade ou opinião aos outros. Príncipe da mansidão, São Francisco expressa a doçura de uma atitude evangélica para dissuadir toda e qualquer forma de baixa vibração

ocasionada pelos divisionistas. Sua cosmicidade reside nessa atitude pacificadora com relação à outridade. O ego-racional constrói e mantém os muros, é analítico e especializado. O eu-místico conduz à experiência da união, é portador da luz do esclarecimento que transcende fronteiras. Ele se deleita na força do Uno em harmonia com o Verso, da cosmo-sapiência em fraterna convivência com a diversidade.

“Onde houver dúvidas, que eu leve a fé”:

Durante algum tempo acreditou-se que os dissabores do mundo eram resultado do egoísmo. Podemos aprender dos sábios cabalistas, de abençoadas memórias, que a causa do sofrimento e do distanciamento espiritual reside na dúvida. O ego-hominal sente as interferências provocadas pelos ruídos de suas falsas percepções tal qual um aparelho receptor falho que dista da fonte. Este mesmo eu obtuso julga-se carente e desconectado por duvidar de que nada lhe faltará. A certeza da fé resulta do nível de conexão com o Criador, da ligação entre o efeito com a causa divina. A dúvida é, sobretudo, um problema de conexão. Quando o ego sente ciúmes, é por incerteza quanto à continuidade do afeto. Quando o egoísta retém algo para si, o faz pela impermanência de sua certeza quanto a garantia de um recurso. Qual seria o antídoto? São Francisco recomenda a fé, uma entre as três virtudes teológicas, que sedimenta a esperança e a caridade. Sendo o fundamento, a fé deve fornecer ao indivíduo a possibilidade do salto sobre o ilusório abismo da incerteza. De sua proatividade mística resulta a certeza da fé que vence a reatividade egóica.

“Onde houver erro, que eu leve a verdade”:

A fé, identificada à própria luz do conhecimento revelado e iniciático, teria a função de erradicar as trevas da ignorância e da incerteza. A dúvida, estado pendular e dualístico da mente errante, deve ser substituída pela consciência [ciência da conexão] que intui o eterno nas facticidades da vida. A verdade tende à unicidade do pensamento mesmo na fragmentária experiência dos sentidos. Seu aspecto filosófico é uma mística, que ecoa o objetivo dos verdadeiros e sinceros religiosos [*religio, religare*: o que está ligado novamente... com a fonte]. O apelo à verdade constitui a nobreza do caráter que não cede à

interesses advindos dos condicionamentos exteriores à vocação da alma, sejam eles de ordem política, religiosa ou econômica, facetas do divisionismo provocado pela dúvida. Este “eu” desperto rende culto somente à verdade e nada mais. Seus esclarecimentos não são resultados de particulares vacuidades, mas da intuição cósmica de sua relação com Deus e do monumento que presta a Ele pela presença do ideário ético que ostenta em seu caráter de retidão.

“Onde houver desespero, que eu leve a esperança”:

A esperança é a ação de esperar na certeza de algo. O desespero é um efeito da dúvida ou da experiência da dor sem que haja imediatamente uma vaga noção que seja para o seu alívio. Só pode criar sinceras expectativas quem de algum modo superou o desespero, ou compreendeu que o seu próprio infortúnio reside em segundo plano ao constatar o sofrimento dos outros. Lembremos de outro Francisco, o amado Chico Xavier, que dizia que quem enxuga as lágrimas alheias não tem tempo para as suas próprias. Nesse sentido, galgou o desespero aquele que age com caridade, pois leva adiante a fortaleza de um ombro amigo, a doçura das palavras de conforto, o broquel do amor fraterno contra o desamparo. Quem pratica esta virtude teologal, de algum modo preencheu o vazio da personalidade com o alento inesgotável do amor divino. Tornou-se paladino da marcha ascensional da alma rumo à ininterrupta perfeição, pois jamais deixa esmorecer no outro a esperança nos propósitos benfazejos da criação divina.

“Onde houver tristeza, que eu leve a alegria”:

Cada verso dessa sapientíssima oração exige de nós um tipo de percepção a nível prático. O ato de compartilhar com alguém é uma tônica evangélica na oração de São Francisco. Parece-nos indicar um estado prévio de ter um atributo e outro ainda mais fundamental: o de ser. Aquele que leva algo é portador do objeto que visa compartilhar. E recebeu de onde? Para quê? Identificado ao Cristo Jesus, o bom santo Francisco, recomendava o irradiar da alegria como a presença do Sol desvanecendo as sombras da noite, este aspecto noturno subjetivamente expresso no poema místico de São João da Cruz. A alegria é o aspecto solar da alma a derreter as frias camadas do dis-

tanciamento entre nós todos e o Creador. Não à toa, Dante, grande iniciado que era, retratou o círculo mais profundo e triste da Divina Comédia com aspecto gelado dada a distância com relação a Deus. A alegria é uma dádiva! Como bênção que vem da Misericórdia e do Amor Incondicional divinos, pode ser distribuída sem que diminua de seu capital espiritual. Ela é como uma vela que acende outras. Sua luz compartilhada jamais será reduzida. Em qualquer posição em que a cera estiver, sempre sua chama estará erguida.

“Onde houver trevas, que eu leve a luz”:

São Francisco reforça o caráter itinerante do evangelho e sua missão consoladora lembra a dialética ascensional platônica do filósofo que sai da caverna, contempla o brilho do astro rei e retorna para emancipar. Imagética de ordem epistêmica e ética, foi recepcionada pela patrística e escolástica em sentido teológico. Essa luz é identificada pelos textos evangélicos como Jesus, retratado como figura solar central na Santa Ceia, um princípio irradiador emoldurado pelos doze apóstolos, formas de consciências astrológicas. Portanto, “levar a luz” é um imperativo para todo aquele que anela agir com base no esclarecimento da sabedoria espiritual, imitando o exemplo do Cristo, para lembrar Tomás de Kempis. Ação contínua da percepção mística, radicada na expressão “Eu e o Pai somos um”, o esplendor dessa verdade espiritual deve dissipar as sombras dos conflitos egoísticos. A razão e a fé, poeticamente estilizadas em representações luminescentes, simbolizam a harmonia da busca do conhecimento racional e o encontro da revelação, ambos amplamente defendidos na época do santo. As palavras “onde houver” indicam um estado de inquietação própria de almas elevadas que apresentam o pendore à caridade, ao auxílio e à prática do bem. A luz é um importante código sagrado, um estado de santidade dos que alcançaram a iluminação e sentem que tem por responsabilidade o ato de compartilhá-la.

“Ó Mestre, fazei que eu procure mais: consolar, que ser consolado; compreender que ser compreendido, amar que ser amado”:

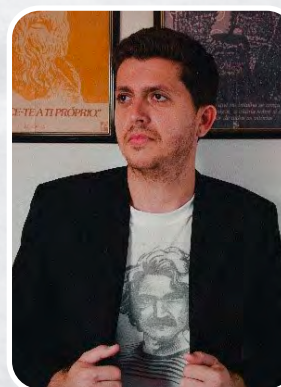
A alma que aspira ao apostolado sabe das dificuldades desta senda. Uma delas o sacrifício [sacro ofício] de abandonar-se, mesmo

que momentaneamente, para servir outras pessoas, estender o gesto fraterno do auxílio a quem necessite. A interjeição destaca o início do verso, não como uma forma de lamento ou de surpresa, mas de reconhecimento evocativo, talvez, de grandeza da maestria que a tarefa exige. E a quem recorrer? O místico sempre buscará a conexão com a fonte! Onde mais serão recarregadas as baterias cósmicas daquele que age pela benemerência em si? Por esse motivo, a oração é considerada poderosa ferramenta de comunicação com o divino. O ato da procura revela a dedicação de sua tarefa à caridade como um propósito, pois não espera passivamente, labora com consciência. Estes justos são muitas vezes exigidos até os limites de suas forças, vilipendiados pela incompreensão de seus contemporâneos. Geralmente, seres de elevada estatura moral são perseguidos pela inveja dos que são iludidos pelo egoísmo. Tal ressentimento resulta de instintiva percepção depreciativa que a própria vaidade faz de si quando se encontra diante do monumental exemplo do qual esses santos são os fiéis representantes. Este verso apresenta o caminho da superação das tendências nefandas do ego que deseja tudo somente para si. O exercício esclarecido da alma visa o serviço da caridade, método infalível e ato supremo do consolador contra o egoísmo. Servir torna-se prioridade com relação a receber o serviço. Tal postura resulta de um estado superior de conexão do místico com Deus, pois a semelhança do Creador, um justo almeja compartilhar incondicionalmente.

“Pois é dando que se recebe. É perdoando que se é perdoado. E é morrendo que se vive para a vida eterna.”:

A ação contínua descrita nesse trecho indica a sagacidade do apóstolo do amor tendo como referência a reciprocidade da atitude mística como um acontecimento no mundo, não separado ou distanciando dele. Sua conexão com a fonte que é o Creador transborda na objetiva demonstração do fazer ético. É por esse motivo que dá, sabendo que irá receber, não dos aquedutos humanos finitos, mas da fonte divina suprema inexaurível. Uma vez agindo em harmonia com a causa absoluta, sempre terá a sua disposição os ornatos da fé que externara em gestos de caridade. O bem praticado, o auxílio fraterno sem reservas, abundante em sua generosidade, sempre será

o provento régio em seu tesouro celestino. E o perdão, joia das almas sublimes, reluz nesta oração como que a nos conchamar a mais um ato de mística. Inúmeras vezes recebemos a compreensão dos favores dos outros, contamos com auxílio espiritual sem o saber e, ousado dizer, até mesmo sem muito merecimento. Não porque a espiritualidade haja de modo aleatório, mas sim pela qualidade de seu tipo de amor superior fundamentado no ato de compartilhar incondicionalmente. Caridade é ajudar a quem requer atenção. E quem seria mais necessitado do que aquele que não tem méritos próprios para receber a benemerência? Isso também não significa que o injusto será recompensado. Seria um contrassenso à lei divina do carma. Mas, onde isso aparece nesta oração? Carma é um conceito de ação similar, lei de correspondência baseada na ordem de causa e efeito. Quem será perdoado? O que souber perdoar! Quem assim age, com exímio grau ético, morreu para a vida do ego, da ilusão e da dúvida que compreende as coisas de modo isolado, separatista. É um nascido do espírito e, portanto, adentrou a vida eterna, que é uma vivência na unidade.



THIAGO CARONE nasceu em Belém do Pará, em 1988. É pai da Olívia Sofia (em memória) e casado com a jornalista Glenda Duarte. É músico, compositor, professor e escritor. É Licenciado e Mestre em Ciências da Religião, Bacharel e Licenciado em Filosofia, especialista em Filosofia da Educação, em Maçonologia: História e Filosofia. Publicou pela Aludel Editorial o livro de poesias *Alguma Coisa Acontece*. Membro da AMALEP – Academia Maçônica de Letras do Estado do Pará, cadeira N°3, patrono Dr. Joaquim José de Assis. Atualmente é Professor Efetivo de Ensino Religioso nas Secretarias de Educação do Estado do Pará (SEDUC) e do Município de Belém (SEMEC).

Contato com o autor: thiagocarone033@gmail.com

Francisco



Foto: Divulgação

Inquieto como o vento sem direção,
como a mente distante do adolescente,
redemoinho de águas revoltas,
ou brisa suave que envolve um rosto.
Seguirei poeta, nem nobre, nem santo,
cantos dos pássaros me indicarão as metas.

Será apenas um termo, não será nada,
será na encruzilhada, na seta, na resposta.
Voltarei para Assis, seguirei para Roma?
Tumba de santo, o apóstolo Pedro,
desprezarei moedas, trocarei certezas,
trajes de nobre, traje de um mendigo.

Beijarei o leproso e o que era amargo,
mudará para doçura da alma e do corpo,
com ele, farei misericórdia, voltarei ao Pai!
E se preciso for, gritarei tão alto, além
e meus pés descalços pisarão na seiva,
na terra fértil, me elevarei em castas orações.

E se não for, rezarei as preces do silêncio,
no clarão fugaz da lua, na luz das estrelas,
intenso, irei me ajoelhar aos pés do crucifixo.
Oh Senhor, como estarei completo!
“Francisco, vai e reconstrói a minha igreja,
que está em ruínas! Sem túnica, sem bastão.”

“Se queres ser perfeito, vende tudo o que tens,
dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu,
vem, toma a cruz e segue-me.”
Irei me despojar de tudo e o seguirei!
A mais dura das batalhas, a batalha,
contra mim mesmo e no terreno sagrado.

Francisco de Assis, o mensageiro da paz.

*“Bem-aventurados os que sustentam a paz,
que por ti, Altíssimo, serão coroados”.*



DALVA MARIA BANNITZ BACCALÁ

Formada em Química, Educação Física e Pedagogia.
Escritora, poetisa. Premiada em vários concursos nacionais e internacionais. Dentre eles, três vezes agraciada no *Prêmio Mundial de Poesia Nossida*. Faz parte da Oficina Literária do Club Atlético Paulistano.

Querido São Francisco de Assis

Frade católico, nascido em Assis, Itália, nome de batismo: Giovanni di Pietro di Bernardone – 1181 ou 1182.

Era filho de um rico comerciante, e depois de uma juventude irrequieta e mundana, voltou-se para a vida religiosa de completa pobreza, e no chamado de Deus, Ele entregou até suas roupas.

Tinha cuidado com a criação de Deus pelos mais pobres e abandonados, amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal, místico e peregrino que vivia com simplicidade, em harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo.

Tinha seguidores e estigmas. Foi prisioneiro de guerras.

Fundou a ordem mendicante dos Frades Menores, mais conhecidos como Franciscanos (Ordem dos Franciscanos), que renovaram o Catolicismo de seu tempo.

Coube a Ele, em 1223, a ideia de criação do primeiro Presépio com animais vivos, no dia de Natal, uma tradição que permanece viva até hoje, assim ele quis homenagear o Criador naquela criança divina.

Faleceu em 03 de Outubro de 1226, em Assis, Itália.

Os biógrafos de São Francisco falam explicitamente de suas enfermidades, dizem que ele tinha doenças de estômago, fígado e baço, e eram provavelmente ligadas à malária crônica e também à vida de penitência, adquiriu uma doença nos olhos que o levou à cegueira.

Ele é um símbolo antigo, misterioso e vital que recorda tempo e eternidade.

Foi canonizado pelo Papa Gregório IX, dois anos depois de sua morte, e logo após a sua canonização, no dia 04 de Outubro de 1228,



Foto: Divulgação

o Papa colocou a pedra fundamental para erguer a Basílica de São Francisco, em Assis, Itália.

O seu túmulo ficou perdido, esquecido, ocultado em 1230, e re-encontrado em 1818.

Um Milagre:

Um homem na cidade de Assis teve seus olhos arrancados por um suposto roubo, o pobre homem, tão horrivelmente mutilado, foi levado ao altar de São Francisco, onde, chorando por sua inocência, implorou a ajuda do Santo, que não permaneceu insensível aos apelos do homem e obteve a graça de Jesus.

São Francisco de Assis:

- desejava a Paz e o Bem nas casas em que chegava, e que também buscava a conversão e a mudança de vida;
- possuía a resignação para aceitar o que não pode ser mudado e sabedoria para distinguir uma coisa da outra;
- dizia que apenas um raio de sol é suficiente para afastar várias sombras;
- e que ninguém é suficientemente perfeito que não possa aprender com o outro; e ninguém é totalmente estruído de valores que não possa ensinar algo ao seu irmão.

Quando, por uma mera formalidade, o Cardeal argentino Jorge Mário Bergoglio foi apresentado à multidão na Praça São Pedro, como Papa eleito, para suceder Bento XVI, houve uma expectativa de qual ser o nome que adotaria, e apresentando a tônica do seu pontificado, a necessidade de proteção ecológica, pela tragédia climática e ambiental, a importância do acolhimento e na fundamental caridade e da inclusão dos mais pobres, o primeiro Papa a se tornar Francisco, pura fonte de inspiração, muito grande para o atual papado, pelo modo de conduzir a Igreja hoje (mais de 1 bilhão de pessoas católicas), um paradoxo que busca uma Igreja mais simples, pobre e despojada; o diálogo ecumênico e o discurso pela paz; e o cuidado com a criação, com o meio ambiente é a marca da espiritualidade franciscana. O atual Papa Francisco adotou esse nome em homenagem ao Santo.

Frases de São Francisco de Assis

(Fonte: Pensador)

1. Onde há amor e sabedoria, não existe temor nem ignorância.
2. Para pregar a paz, primeiro você deve ter a paz dentro de você.
3. Pregue o Evangelho em todo tempo. Se necessário, use palavras.
4. Não te envergonhe se às vezes os animais estão mais próximos de ti do que as pessoas. Eles também são teus irmãos.
5. Onde o silêncio e a meditação reinam, não há lugar para preocupação.
6. Deus quer que ajudemos aos animais, se necessitam de ajuda. Toda criatura em desgraça tem o mesmo direito a ser protegida.
7. Enche-se de felicidade aquele que vê, sem inveja, a felicidade dos outros.
8. Todos os seres são iguais, pela sua origem, seus direitos naturais e divinos e seu objetivo final.
9. Irmãos começamos, pois até agora pouco ou nada fizemos.
10. Tome cuidado com a sua vida, talvez ela seja o único evangelho que as pessoas leiam.
11. Um ser humano vale o que ele é aos olhos de Deus e nada mais.
12. Se você quiser servir a Deus, faça poucas coisas, mas as faça bem.
13. A oração nos aproxima de Deus, embora Ele esteja sempre perto de nós.
14. Quando não se tem nada, Deus se torna tudo.
15. Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível.
16. Sem oração ninguém pode progredir no serviço divino.
17. Quando a alegria espiritual enche corações, a serpente derrama seu veneno mortal em vão.
18. A cortesia é irmã da caridade, que apaga o ódio e formenta o amor.

Oração de São Francisco

Senhor,

Fazei de mim um instrumento de vossa Paz.

Onde houver Ódio, que eu leve o Amor.

Onde houver Ofensa, que eu leve o Perdão.

Onde houver Discórdia, que eu leve a União.

Onde houver Dúvida, que eu leve a Fé.

Onde houver Erro, que eu leve a Verdade.

Onde houver Desespero, que eu leve a Esperança.

Onde houver Tristeza, que eu leve a Alegria.

Onde houver Trevas, que eu leve a Luz!

Ó Mestre,

Fazei que eu procure mais:

Consolar, que ser consolado;

Compreender, que ser compreendido;

Amar, que ser amado.

Pois é dando, que se recebe.

Perdoando, que se é perdoado e

é morrendo, que se vive para a vida eterna!

Amém.



DALTON LUIZ SIBINEL

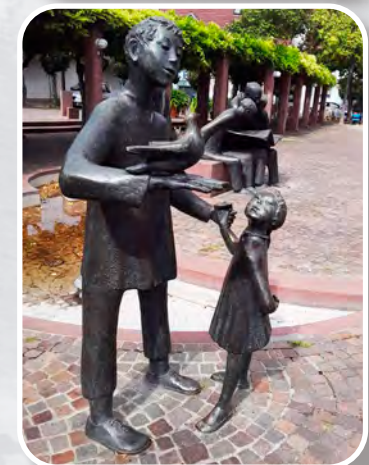
Poeta e escritor. Natural de Jundiaí/SP, Brasil. Filósofo imortal da Academia de Letras do Brasil, Academia de Letras do Portal dos Poetas Brasileiros e Academia Jundiaense de Letras. Administrador público, advogado, sindicalista, diretor de associações civis, participou de várias antologias publicadas pela Editora In House. Quatro livros publicados: *Uma pérola esquecida* (2010); *Uma estrada, um destino... os caminhos de uma vida* (2011); *Descompasso da Administração Pública* (2015); *As nuances de uma curiosidade* (2017) e *O ápice dos pensamentos* (2020).

Francisco

Doce, doce, doce
Quem disse que a vida era isso?
Corpo raquítico
Olhos esbugalhados
Fixos no vazio
Espanto diante do inalcançável
Doce, doce, doce
Quem disse que ele podia?
Dedos esquálidos
Se esticam para alcançar o proibido
Falta força no corpo franzino
Por mais que tente fica a visão do desejado
Num esforço derradeiro quase consegue
A mente gira, os sentidos falham
Eis que a mão benfazeja se aproxima
Os pés descalços tal qual o menino
As roupas puídas pelo uso
Manso como o cordeiro
Voz suave como se fora um anjo
Doce, doce, doce
O menino sorri para ele com olhos de céu...

ARIADNE RODRIGUES DE MORAES

Natural de Mirassol/SP, atualmente mora em Piracicaba/SP. Graduada em Letras. Escritora e poetisa, com um livro autoral publicado, *Vitória*. Participa em várias antologias publicadas pela Editora In House.



São Francisco – escultura numa cidadezinha chamada Neunburg, no sul da Alemanha, fronteira com a França.



Presença

de Assis,
a criança
vinda em bens plenos;
fez-se berço humano,
o homem
do assim;

deu-se
em renúncias;
morrer para viver,
tanto, até vencer,
até que devoção,
até ser;

e se deu:
do homem,
que transpôs grilhões
e transcendeu paixões,
o Santo
aconteceu;

do assim
é que o sei:
dos animais, benfeitor,
da natureza, protetor,
o Francisco,
de Assis.



ANDRÉ L P TRINDADE

Vinhedo/SP/Brasil

Apreciador de literatura, vem arriscando rabiscar sonhos, na esperança de que virem significados, tanto no romance quanto na poesia. Nasceu em Ourinhos/SP (1957), o engenheiro e professor, que se dedicou ao ensino superior, especialmente o tecnológico; atualmente, reside em Vinhedo/SP e dedica-se às letras.

Encontros Com Francisco

O filme *Irmão Sol e Irmã Lua*, de 1972, dirigido por Franco Zeffirelli e estrelado pelos atores Graham Faulkner e Judi Bowker, sobre a trajetória da vida de São Francisco e Santa Clara, visto na adolescência, foi o primeiro marco em minha relação com outro Cristo na Terra, como também é conhecido o santo.



Foto: Divulgação

Francisco e Clara. Almas identificadas pela fé. Vidas entrelaçadas na opção pelos pobres e desvalidos. Exemplos de caridade, despojamento, doação incondicional, simplicidade e ação cristã.

Conta a história que o jovem Francisco, batizado com o nome Giovanni di Pietro di Bernardone, em busca de sentido para sua vida, ouviu o chamado divino para reconstruir a igreja de Cristo, e assim pautou sua conduta, antes boêmia e perdulária, para ajudar a comunidade carente de Assis, cidade italiana onde nasceu por volta de 1181-1182, e viveu seus dias, até sua morte, em 3/10/1226.

O segundo momento foi a oportunidade de ir à Assis, surgida como presente de meus 50 anos, e assim viver a experiência de visitar a Igreja de São Francisco. A emoção foi indescritível pela energia do local e o imenso número de devotos, cumprindo suas promessas e agradecendo a intercessão do santo.

O terceiro evento foi a escolha consciente do argentino Jorge Mario Bergoglio, o 266º Papa da Igreja Católica e atual Chefe de Esta-

do da Cidade do Vaticano, desde 2013, de adotar o nome Francisco, para caracterizar a condução de seu pontificado, com visão progressista e expectativa da realização de grandes mudanças, sendo o primeiro a ser chamado desse modo.

O quarto contato se deu por ocasião da visita do Papa Francisco ao Rio de Janeiro, meu segundo lar, haja vista a opção de meu primogênito pela Cidade Maravilhosa. Fomos ao encontro do Sumo Pontífice para receber sua bênção e nos deparamos com um mar de gente fervorosa e ansiosa por sua passagem.

Sem conseguir ficar próximos do local, contentamo-nos em sentir sua presença por meio dos sonoros aplausos, cânticos e orações na grandiosa recepção preparada pelas congregações religiosas e multidão de fiéis.

Inspirado em São Francisco, o Papa busca mostrar na atualidade os ensinamentos dos primeiros cristãos, com postura acessível e inclusiva, sem julgamentos, na linha do que pregou Jesus com seus apóstolos: acolher as ovelhas perdidas e não descansar enquanto não as devolver ao convívio da comunidade cristã.

Dando prioridade a questões da geopolítica global, a fala do Papa na Jornada Mundial da Juventude, ocorrida em Lisboa, Portugal, no início de agosto de 2023, convoca os jovens a serem os *surfistas do amor*, em referência às ondas gigantes de Nazaré, na região de Leiria, ao norte da capital portuguesa.

Há dez anos à frente da Igreja Católica, o Papa Francisco exorta o povo cristão à prática do amor e da paz, confirmando, com gestos e atitudes, o legado franciscano.

Dentre outros temas, segue enfatizando a atenção à família, o combate aos abusos na Igreja, o espírito ecumênico, a fraternidade entre os povos, em especial a acolhida aos movimentos migratórios, além de ampliar a atuação dos cristãos leigos frente aos trabalhos missionários.

A quinta emoção foi participar desta Antologia temática e escrever essas vivências com os dois Franciscos, humanos e divinos, santos e pecadores, que tanto nos fazem refletir sobre um mundo melhor, mais justo e solidário.

A messe é grande; os trabalhadores são poucos; o chamado se repete: *Francisco restaura a minha igreja*. Todos somos convidados a protagonizar as ideias do santo e agir de forma proativa para vencer o egoísmo e resgatar o comportamento expresso na oração franciscana.



Senhor,
Fazei de mim um instrumento de vossa Paz.
Onde houver Ódio, que eu leve o Amor,
Onde houver Ofensa, que eu leve o Perdão.
Onde houver Discórdia, que eu leve a União.
Onde houver Dúvida, que eu leve a Fé.
Onde houver Erro, que eu leve a Verdade.
Onde houver Desespero, que eu leve a Esperança.
Onde houver Tristeza, que eu leve a Alegria.
Onde houver Trevas, que eu leve a Luz!

Ó Mestre,
Fazei que eu procure mais:
Consolar, que ser consolado;
Compreender, que ser compreendido;
Amar, que ser amado.
Pois é dando, que se recebe.
É perdoando, que se é perdoado e
É morrendo, que se vive para a vida eterna!

São Francisco



O ninho vazio no chão
Faz bem ao coração
São Francisco ao lado
Inspira a oração
Simboliza proteção
Os passarinhos se foram
Ao encontro da liberdade
Voar é da sua natureza
Plena de leveza
Cânticos de louvor
Alegram nossos ouvidos
E tornam mais felizes
Os nossos dias bem vividos
A criação divina confirma
Mãe Natureza nos ensina
Amar e cuidar é a nossa sina.



ANA CELESTE PEREIRA FERREIRA

Natural de Belém/PA. Administradora/UFGPA, MBA em Gestão de Projetos/FGV.
Consultora em Gestão de Micro&Pequenas Empresas/ CFA&CRA/PA&UNIVALI, Membro da Câmara de Consultoria da ACP. Experiências como Auditora Federal de Controle Externo/TCU e Docente/UFGPA.
Autora de poesias, com o tema flores e amores, #poesia viva, e textos literários em prosa.



Asisium

Entre a paz e o sofrimento
O autoconhecimento
Das vestes rotas e vida digna
Franciscanos e Clarissas
O amor floresceu
Floresceram pelo mundo
Imanentes e transcendentes
Pelos humanos e animais
Pela vida

Onde era a Etrúria
Em becos e vida noturna
Armado de ego e punhal
Entendeu o lado errado
Da luta entre o bem e o mal



O Sol e Lua
A mão estendida
As terras de Vatica
O poder soberano
Desconhece o humano
Mas Francesco e Chiara
Quando a chuva caía
Ou a manhã raiava
Amor a todos entregara

O herói
Que vestira uma fria armadura
Viu que o heroísmo
Era cuidar dos que andavam pela rua
Sem pompa ou ostentação
Sem capa ou punhal
Sem riqueza ou poder papal
Mas pelos vilões
Conhecimento, pão e paz
Para todos os irmãos
Por toda a sua vida
É como o Padre Lancelotti faz

Talvez tenhamos esquecidos
O que é ser como Cristo
Mas Francisco nos lembrou
Que nem arma e nem ódio
Foi o que o mestre nos legou



JOSÉ FELÍCIO

Historiador, professor, pesquisador e poeta. É autor da série de três volumes, *Uma Poética Política*. Mestre em Ensino e História de Ciências da Terra – IG/Unicamp. Ao lado de Márcio Martelli coedita a Revista Literária *JLetras*. Integra o Coletivo de Escritores da APEOESP, do Coletivo Cultural Palavras sem Fronteiras. Contribui com o portal de artigos Locomotiva Cultural. Participa do Movimento Subsistência, grupo responsável por arte de rua e projetos integrando arte e educação. É o idealizador e curador da exposição *Mais África na Escola*. É o organizador e orientador do Projeto Livro *Agora é a nossa voz: o que temos para dizer* – vol. I e II. Responsável pela exposição *Ao vosso trabalho, a nossa gratidão*. É um dos criadores do grupo Sala da Esquerda.

Quem é você, São Francisco?



Foto: Divulgação

Quem é você, São Francisco?
Homem, burguês, de nome Giovanni
fanfarrão até a juventude,
mas que chamado Francisco pelo seu pai

Quem é você, São Francisco?
que após encontrar um leproso,
em distante estrada,
desceu de seu belo cavalo
e o ajudou no que podia

Quem é você, São Francisco?
que ouvindo vozes
reorganizou seu destino
e se colocou à disposição dos pobres,
animais e natureza indefesos

Quem é você, São Francisco?
que iluminado, criou a Ordem Menor
em serviço aos seres da Terra
com o Evangelho e inspirado por Jesus Cristo

Quem é você, São Francisco?
que sobre seus cuidados e orientações
ficaram poucos que se submetiam
a viver como o Mestre e Senhor
desprovido de bens materiais

Quem é você, São Francisco?
que com visões e êxtases místicos
continuava em pregações, milagres
em todos os cantos da Ásia, África e Europa
respeitando todos os seres e meios terrestres

Quem é você, São Francisco?
que intriga até hoje os homens
que a Igreja Católica lhe fez Santo
inspiração de muitos
e pesquisado por doutores e pesquisadores



HERMINIA APARECIDA BALBUENA

Sou natural de Jundiaí/SP, Brasil. Sou professora, escritora, poetisa por escolha, amor e missão. Amo ler e escrever, estudar, conversar, viajar, assistir a filmes e documentários, cozinhar... viver. Participo constantemente dos Projetos da Editora In House, colaborando com as antologias e JLetras. Faço parte do Grêmio Cultural Professor Pedro Fávoro e confeitira da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí. Selecionada no *Concurso Internacional Uma só Alma* (Brasil/Itália). Lancei, pela Editora In House, o livro de poesias *Vidas & Almas*.

Ó Mestre, faça que eu procure mais...



Foto: Divulgação

A senha indicava que haviam duas pessoas na frente, o que lhe deu muita tranquilidade, pois já passava das 21h e a decisão de buscar o pronto atendimento àquela hora foi para evitar mudanças em sua agenda do dia seguinte.

O pé seguia bem inchado e dolorido. Uma veia velha e ineficiente... conhecida pelo nome de variz era a causa provável do desconforto. Melhor checar e medicar adequadamente.

Quinze minutos e nada de ser chamada na triagem. Observou um movimento na sala, o enfermeiro saiu e buscou mais alguém, uma enfermeira apareceu e sumiram para dentro da triagem.

A tranquilidade inicial sumiu... um certo cansaço se abateu. Já ia se levantar para questionar a demora no atendimento quando o enfermeiro saiu empurrando uma cadeira de rodas com um homem de aproximadamente quarenta anos, que falava de forma confusa. Duas mulheres o acompanhavam.

O sensor indicando tempo para o atendimento subiu. A noite ia ser mais longa que o previsto. As mulheres se mostravam cansadas, o homem agitado. Logo o levaram para o atendimento médico.

Alguns minutos depois, havia passado pela triagem, voltou a tranquilidade.

O médico atendeu... olhou o inchaço no pé. Provável veia velha mesmo, porém era melhor avaliar se não havia ocorrido uma pequena trombose.

A sala de exame do ultrassom estava vazia, mas pediram para aguardar. Logo se descobriu a razão. Noite agitada...

O homem da cadeira de rodas se revoltou, dizia que ia embora, que os rins estavam bem. A família foi orientada a aguardar ou então assinariam um termo de compromisso por abandono do atendimento. Uma das mulheres repetia sem parar: "vou contar para o psiquiatra, precisamos acertar isso, ele não se acalma."

O pé inchado começou a parecer pouca coisa frente à cena daquelas mulheres e o homem agitado.

Foi quando uma frase se destacou na sala próxima ao exame que aguardava.

– Quero deitar! Quero deitar!

Nesse instante, dois enfermeiros repetiam: "o senhor já está deitado, respire fundo, veja... está na maca".

A gritaria continuava. Era um outro homem claramente em confusão mental. Um surto talvez. Três enfermeiros conversavam, tentando acalmá-lo. Pediram por um médico.

23h

O pé permanecia inchado, mas as cenas já distraíam a mente e parecia que havia reduzido a dor.

Exame feito. Nada de trombose. Só varizes mesmo. Mais meia hora de medicação, uma receita que custaria uns duzentos reais e tudo resolvido.

Demorou bem mais que o previsto, pois o homem permanecia querendo deitar, mesmo já estando acomodado na maca. Mais profissionais surgiram para controlar a situação. O outro homem não era

mais visto. Ou deram um calmante, ou as mulheres jogaram a toalha e o levaram embora.

Uma senhora que também aguardava medicação para alguma dor, olhou com cara de pouca paciência.

Já passava da meia-noite. Já poderíamos ter ido embora.

Respiramos fundo, fizemos uma troca rápida de olhares enquanto uma enfermeira toda solícita nos pediu paciência.

O que era um remédio pra desinchar um pé, frente à triste cena de alguém que nem sabia diferenciar mentalmente sua condição posicional ali, naquela maca?

Como já bem nos ensinou a bela oração de São Francisco: “Ó Mestre, fazei que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado”.

Parabéns a todos daquele pronto atendimento que naquela noite exerceram com louvor não apenas sua profissão, mas principalmente a realizaram com Amor!



SUSANA BUENO DE SOUZA

Fonoaudióloga, Psicopedagoga e uma mulher que em inúmeros dias, encontrou forças para sua rotina nas palavras que D. Maria proferia. Participou de várias antologias da Editora In House. É editora de Cinema da Revista *JLetras* e coautora de *Femina* (Editora In House).

VALDEREZ DE MELLO

A protetora

Adelina Pulpa De Mello: A inesquecível Protetora dos Animais

Sempre caminhava preocupada pelas ruas da cidade à procura de animais abandonados ou em estado de sofrimento. O dom magnânimo de amar os animais e a fé em São Francisco de Assis, nasceram com ela, desde menina já carregava a graça e a meiguice na alma quanto ao respeito pelos animais. Parecia entender a linguagem entre eles e vivia a conversar com os cães e como eles a entendiam! Curava perna quebrada, feridas, micoses e também as dores do abandono. O carinho era o seu melhor remédio! E como Deus a protegia! Nunca adoeceu, sequer se contaminou com nenhuma doença! Gastava toda a sua aposentadoria em alimentos e remédios para os animais abandonados. Dividia seu teto com eles e sabia que Deus queria assim.



Sua oração diuturna era para São Francisco de Assis, a pedir a cura dos animais doentes e feridos, vítimas da maldade humana.

Foi Delegada Nacional da UIPA por quase meio século, lutou bravamente pelos direitos dos animais, sem contar com ajuda do poder público. Sempre muito discriminada pelas pessoas que se rotulavam de religiosas. Apenas contando com seus próprios esforços e sua sublime abnegação, Adelina Pulpa de Mello cumpriu sua honrosa missão!

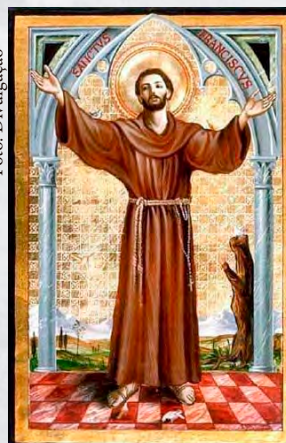


Foto: Divulgação

Defendia os cavalos que eram castigados pelos donos, as capivaras, os gatos, os passarinhos, os macacos, os cães. Lutava por eles tal e qual guerreira ensandecida!

Infelizmente, muito humilhada pelos hipócritas que nada faziam, mas sabiam criticar essa mulher valorosa e corajosa a denominando de Mulher dos Cachorros! Porém, esse apelido não a ofendia, muito pelo contrário, quando a questionavam sobre o fato, dizia: “Muito me honra ser assim chamada, ofenderiam-me se me chamassem de Madame Fulano de Tal”!

Foi o anjo protetor dos animais. Foi ela que deu o grito de alarme quanto às leis sobre a proteção e o direito dos animais e direitos ambientais. E, com galhardia foi nomeada Delegada Nacional da UIPA! Foi ela quem sempre defendeu, por mais de meio século, os animais de rodeio contra o crime de maus tratos quanto ao uso de esporas cortantes e outros instrumentos de tortura. Uma grande guerreira que lutou ardorosamente pela proteção dos animais!

Adelina Pulpa de Mello sempre será lembrada, pelas pessoas justas, honradas e verdadeiramente cristãs, como *A Protetora dos Animais*. E, os médicos não sabiam explicar o motivo do porquê, mesmo ao lidar com animais doentes e contaminados, ela nunca adoeceu!



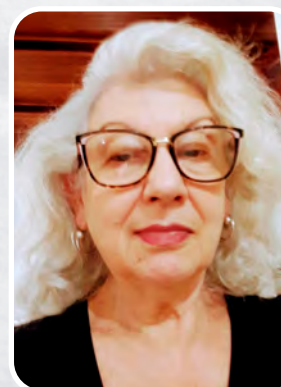
Foto: Divulgação

Minha mãe fez da vida uma obra de arte em prol da flora e da fauna. Um exemplo de caridade e abnegação para todos que a conheciam!

Veio a falecer no dia 17 de maio de 2008, com 98 anos de idade, sem sofrimento, apenas adormeceu para sempre. E na

missa de sétimo dia, no altar principal, aos pés de Cristo, quatro cães marcaram presença e permaneceram em silêncio durante a missa! A Protetora, como era chamada na cidade, morreu de velhice e com a consciência a brilhar! E, fato curioso e costumeiro é encontrar cães abandonados aconchegados aos pés de seu jazigo, tais e quais guardiões a proteger quem tanto fez por eles! Pois, os animais desconhecem a ingratidão e sabem que ali está, na paz de Deus, minha mãe querida, meu exemplo maior, *Adelina Pulpa de Mello, a Protetora*!

E pasmem, essa heroína nunca recebeu uma homenagem sequer pelo nobre e abnegado trabalho realizado por décadas, porém, recebeu com galhardia diuturnamente a companhia, as bênçãos e gloriosa proteção de São Francisco de Assis!



VALDEREZ DE MELLO

Filha de Adelina Pulpa de Mello. Valderéz Ana Maria de Mello Cornacchione é graduada em Pedagogia (1978), Direito (1995) e Especialização em Psicopedagogia (1993) pela UniAnchieta Jundiá/SP. Especialização em tratamento de Autistas pela USP/SP (2002). Responsável pela Clínica de Reeducação Infantil Estímulo e Ação desde 1995. Membro efetivo da Academia Jundiáense de Letras, da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiá e da Academia Jundiáense de Letras Jurídicas. Fundadora e membro efetivo da Academia Baririense de Letras e Artes. Articulista do *Jornal de Jundiá* e *Jornal Noticiantes da Região de Bauru*. Autora de livros de poesias, contos, crônicas e de histórias infantis.

Oração a São Francisco



Foto: Divulgação

Entre contas a pagar
Contas vencidas
Planos feitos
Dias de sol, dias de chuva
Dias tristes, dias felizes
Dias de luta, dias de solidão
São Francisco, venha me socorrer
A vida é triste, a vida é dura, a vida é curta...
Tu soubeste sobreviver...
Deixaste a fortuna
E entregaste o que possuía aos pobres
Viveste em meio às maldades do mundo
Enfrentaste as pessoas cínicas e interesseiras

Deixaste os maldosos com suas insídias
E continuaste seu caminho fazendo o bem
Tu foste muito corajoso
Pensaste que seus companheiros fossem tão fortes quanto tu
Impuseste-lhes muitas regras
E ao sair para conquistar o oriente, foste traído
Se pedes por amor, então deves acreditar nele
São Francisco, venha me ensinar
Perdida entre ilusões
Entre amizades falsas
Penso em pessoas que se foram...
Que passaram por minha vida
É tanta tristeza, tanta dor...
Tantos sonhos desfeitos
Tantos planos perdidos
São Francisco, venha interceder por mim!
Em meio às dificuldades da vida
Tu abençoaste a Natureza!
Irmão Sol, irmã Lua
Abençoa os animais
Esses amigos queridos
Que nos encantam com sua alegria
Abençoa a minha cachorrinha
Que me tira da tristeza
Quando, contente, abana seu rabo para mim
Abençoa os animaizinhos de estimação
Esses amiguinhos queridos
Que nos salvam da depressão
São Francisco
Quando os homens te decepcionavam
Tu te voltavas à Natureza
Abençoavas a Lua, o céu e as estrelas
Pedias a Deus forças para continuar sua missão...
São Francisco, olhe para mim
Escute o meu pranto
Venha em meu socorro

Pois preciso de ti
Foi por meio do Teu exemplo
Que Santo Antônio de Pádua se converteu
E entrou para tua ordem
Ajude-me também São Francisco
Ajude-me a vencer as tempestades da vida
Livrai-me das pessoas maldosas
Protegei-me dos que armam ciladas contra mim
Protegei-me das maldades dos meus inimigos
Dê-me a vossa paz!
Rogai por mim, São Francisco!
Intercedei junto a Deus por mim.

São Francisco de Assis: uma visão espírita

Aqui, vou falar de São Francisco de Assis, 1182 a 1226 d. C. Seria a 15ª encarnação na face do planeta Terra desse espírito ímpar, nosso “discípulo amado”.

Controvérsias à parte, seguem as encarnações conhecidas. Aqui fica para cada um, com sua crença ou sua imaginação, ou quem sabe, conhecimento, pensar como assim o desejar.¹

- Isaac - filho único de Abraão com Sara - 1896 a.C.
- Hatshepsut - Faraó Rainha - Egito - Tebas - 1542 a.C.
- Chams - Rainha Faraó - Egito - Tânis - 800 a.C.
- Sacerdotisa em Delphos (nome desconhecido) - Grécia - 600 a.C.
- Daniel - Profeta - Jerusalém - 622 a.C.
- Platão - Filósofo - Atenas - Grécia - 428 a.C.
- Allan Kardec - Olha ele aqui! Mas é o sacerdote Druida - Bretanha - 58 a.C.
- João Evangelista - Galileia - desencarnado em 103 d.C. - “Meu discípulo amado” (Frase de Jesus).
- Santo Antão - Egito - 251 d.C.
- São Gastão - França - 540 d.C - data aproximada.
- Nome desconhecido, reencarnou na Família Brissac - França - 1100 d.C. - data aproximada.
- **São Francisco de Assis** - Itália 1182 a 1226 d.C.



MELISSA MAIA DE SOUZA

Nasci em Jundiaí/SP. Estudei Letras (Português e Inglês) na Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta. Sempre gostei de escrever e desde a adolescência escrevo poesias e textos. Durante a Faculdade apaixonei-me pela Literatura Inglesa, sendo Edgar Allan Poe meu escritor preferido. Acredito que a literatura e as artes são como alimentos para nossas almas, pois uma poesia, uma música ou um quadro podem traduzir sentimentos profundos que guardamos dentro de nós...

¹ Fonte: <http://www.vinhadeluz.com.br/site/noticia.php?id=1788>

- Santa Brígida - Suécia - 1303 a 1373 d.C.
- João Huss - República Tcheca - 1375 a 1415 d.C. - Queimado vivo.
- São Francisco de Paula - Itália - 1416 a 1507 d.C.
- Padre Manuel de Paiva - Portugal - 1584 d.C.
- René Descartes - Filósofo matemático - França - 1596 a 1650 d.C.
- Consuelo Dolores - 1700 d.C. data aproximada - Teve um filho raptado que era a encarnação de Waldo Vieira - médium.
- Hippolyte Léon Denizard Rivail - Pseudônimo: Allan Kardec - 1804 a 1869 - Educador - Codificador do Espiritismo.
- Maria Efigênia - Pedro Leopoldo - 1908 - Filha de Maria João de Deus e João Candido Xavier - viveu 6 meses, retornando em 1910.
- Francisco Cândido Xavier - Chico Xavier - Pedro Leopoldo - 1910 a 2002.



Foto: Divulgação

Chico

Oi Chico! Está onde?
Por que te escondes de mim?
Quando falamos a primeira vez
Isaac respondeu meu chamado
Não fiques acuado
Pega tuas coisas e “Me” espalhe
Constrói minha casa
E não leves nada
Nada precisas
Se não houver consenso
Saia nu, cubra-te de “Mim”
Confie, fortaleças-te...
Enfim
Do Egito à Grécia
Sempre fostes meu
Moras em meu coração
Meu discípulo mais amado
Passando por cada nação
Profetizaste, Daniel?
Filosofaste, Platão?
Carregaste meu cajado
Iluminaste meu coração
Em tempo, estrela-guia
Cuidaste do meu rebanho
Tomaste como tua mãezinha
Minha Mãe Maria.
Agora de novo te chamo
teus passos serão meus passos
Reúna minha ovelhas
Não titubeia
Antes creia
Tua casa será minha casa
Falarei por tua voz

Não haverá facilidades
Por certo e em verdade
Sofrerás julgamento feroz
Um dia, meu anjo de Assis
Num futuro que não tarda
Em minha casa edificada
Estaremos juntos
Como te disse há dois mil anos
Aguarde-me!
De Canã ao Egito
De Assis ao Brasil
Lá vai o Velho Chico...
Homem me escute!!!
Ooo Chico!!!!
Ainda verás as minas...
As Minas Gerais
No coração do novo mundo
Só a deixarás já bem Velho
A Pátria do meu Evangelho!!!!



RONALDO ALBERTO MARTELLI

Nasceu em Jundiá/SP, Terra da uva e da Serra do Japi. Casado e pai de três filhas: Carla Carolina, Brunna Isabela e Júlia Eduarda. Aventura-se nos poemas e poesias pelo belo da palavra escrita. Formado em Gerenciamento de Projetos e Governança de TI, no qual atua. Já participou de outras antologias da In House. Atualmente, prepara e organiza seus poemas para a publicação de seu livro solo para lançamento em breve.

LUCIANA BANNITZ BACCALÁ RIGHETTO

Casa

Mudei para a casa da minha avó há pouco tempo. Foi uma herança de família. Casa bem antiga, mas ampla e agradável, localizada em uma das regiões mais nobres da cidade. Tive que tomar esta atitude, após uma difícil separação do meu marido. Decisão dura, mas necessária, já que não éramos mais companheiros, apenas dois estranhos que conviviam juntos com suas mágoas e desafetos. Nossa relação nunca foi de amor, mas sim de respeito e conveniências. Percebi que anos passaram e que pouco construí. Sou mãe de um filho único, que segue sua vida fora do país. Nada fiz de verdadeiro, tive uma vida fútil e sem valor, sozinha e triste. Enfim, a volta às minhas raízes familiares me faria bem.

Ao entrar na casa o que mais me surpreendeu foi a escuridão. Como ela era sombria, apesar das muitas janelas e portas envidraçadas. A luz do sol não penetrava no seu interior, tirando a vida e a beleza dos muitos móveis, retratos e quadros.

De todos os cômodos, o que sempre me recordou minha avó foi o jardim de inverno. Nele estava um lindo altar, repleto de imagens de santos, castiçais e vasos de flores, além de um genuflexório todo talhado em madeira com detalhes em marfim e uma bela cruz dourada, folheada a ouro. Um luxo! Mas o santo principal no altar não refletia a riqueza do altar, muito pelo contrário, trazia-nos a maior lição de vida, a humildade. O santo majestoso do altar era São Francisco de Assis. Sua linda estátua, além de grande, era toda talhada em madeira polícromada e docemente pintada, proporcionando-lhe a beleza e a bondade de um dos santos mais queridos. À sua frente, uma magnífica *Bíblia Sagrada* ficava em um suporte de madeira.

Morando na casa, não quis mudar nada, modernizei apenas os equipamentos elétricos e eletrônicos para ter mais conforto e praticidade. Mantive fielmente os móveis e objetos pessoais de minha avó. Talvez por respeito e afeição ou por buscar manter suas lembranças, como se ela estivesse entre nós. Sempre fui muito apegada a ela, já que a minha mãe sempre esteve ausente.

O altar me fascinava, meu corpo e minha alma precisavam estar nesse ambiente, sentia-me bem, esquecia minhas tristezas e ficava em paz comigo mesma. Gostava de sentar na poltrona de minha avó, um confortável estofado de couro com uma banquetta de apoio para os pés. Recordo-me dela na poltrona, olhando para o altar e muitas vezes rezando.

Certa manhã, ao passar pelo jardim de inverno, percebi um feixe de luz do sol iluminando a bíblia e a imagem da São Francisco de Assis. Lindo! Ao me aproximar do altar, abri a bíblia fechada na página marcada. Dentro dela havia uma imagem antiga de São Francisco de Assis com sua oração. Li. No verso do velho papel vi uma mensagem:

– Querida Ana...

Hesitei! Uma carta para mim, escrita por minha avó e guardada carinhosamente dentro da bíblia. Relembrei seu rosto querido, senti sua presença ao meu lado:

– Querida Ana,

Se você estiver lendo esta carta é porque seu coração está apertado e triste. A vida realmente não é fácil de ser vivida, temos sempre muitas decepções, talvez muitas delas sejam fruto de falsas expectativas. Não se culpe! Siga em frente, aprenda que acima de tudo temos que amar a Deus e a nós mesmos, para podermos amar o próximo. Tente compreender seus próprios sentimentos para poder entender os outros. Viva cada dia como se fosse único. Acredite, erre e aprenda. Ame sempre! Deus estará com você.

Leia a oração de São Francisco de Assis e perceba o quanto ele tem para nos ensinar. Ele me guiou nos momentos mais difíceis da minha vida e irá guiar você. Abrirá seus olhos ao amor pleno, incondicional e sem medo. Você se tornará uma pessoa melhor. Tenha fé!

Amorosamente,

Elisa

Comecei a chorar, não consegui conter minhas lágrimas, chorei sem parar. Precisei deste desabafo. Deixei para trás todas as minhas mágoas, desafetos e medos. Adormeci.

Quando acordei, notei que a casa estava diferente, tudo muito mais iluminado. Os móveis receberam cor, as fotos e quadros pareciam novos. O altar estava magnífico, com um brilho próprio. Inexplicável! A casa estava alegre, cheia de vida e de amor. Percebi que meus olhos eram capazes de enxergar a vida de forma diferente e agora tinha um coração aberto para amar!

“ Apenas um raio de sol é suficiente para afastar várias sombras. A vida é um mistério, que somente nos é revelado pelos processos do Amor, quanto mais a gente ama, no quilate do Amor que nada pede, mais ficamos sabendo das coisas escondidas dos que desconhecem esta virtude por excelência. ”

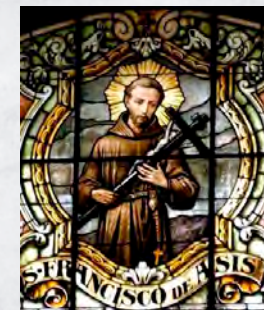
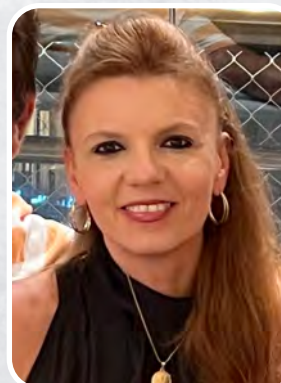


Foto: Divulgação

São Francisco de Assis.
O mensageiro da Paz.



LUCIANA BANNITZ BACCALÁ RIGHETTO

Economista, empresária no setor têxtil. Escrevo porque gosto, buscando sempre expressar em palavras o que sinto e acredito. Premiada em alguns concursos nacionais e internacionais.

Os 104 de Laura

Laura, moça bonita, esguia e de porte elegante, arrancava olhares por onde passava. Tinha vários pretendentes, alguns deles fazendeiros, donos de terras e de gado, mas ela escolheu o dono do armazém da pequena cidade de Guaxima para se casar. Casal gentil e educado, Laura e Zeca eram populares na Guaxima, onde tinham vários amigos.

Como era de costume, muitos dos que vinham fazer compras no armazém do Zeca davam uma chegadinho na casa do casal, logo ali na porta ao lado do armazém, para cumprimentar a dona Laura e ver as crianças, duas nesta época.

De famílias portuguesas, eram também católicos e tinham muita fé nos santos, principalmente, São José, padroeiro da Guaxima, Virgem Maria, mãe de Jesus e São Francisco, tido como protetor dos animais, dos andarilhos e da paz.

Maria José era o nome da primeira filha de Laura e Zeca, criança que, nesta época, estava com um ano e poucos meses de idade. José João era o nome do segundo filho, nesta época com poucos meses de vida.

Guaxima era um lugar quente que favorece a formação de tempestades repentinas. Laura e duas amigas estavam na sala quando o tempo começou a escurecer mostrando que a chuva estava se aproximando. Fecharam a janela sem vidraça fazendo escurecer ainda mais a sala. Laura e uma das amigas se esconderam em frente à porta, quase no meio da sala, enquanto a outra amiga olhava alguma coisa um pouco mais afastada delas, enquanto as gotas começaram a cair do céu.



Foto: Divulgação

Outra amiga de Laura entrou apressada tentando não se molhar. Rapidamente, cumprimentou as três amigas e correu para pegar Maria José no colo e se afastou para o lado oposto da sala, acarinhando e brincando com a criança. Laura amamentava o bebê enquanto falava alegremente com as três amigas quando, de repente, em fração de segundos, fez-se uma escuridão e, pela porta, um clarão intenso atravessou a sala e um grande estrondo ecoou no ar, deixando assustados os moradores da pequena Guaxima. Laura não sabe se gritou, se falou ou se pensou:

– “Valei-nos, São Francisco! Ajude-nos pelo amor de Deus!”

A escuridão continuava e ela continuava a rogar.

– “São Francisco, iluminaí nossos caminhos, São Francisco, proteja-nos!”

Ela não sabe quanto tempo rogou ao santo. Muito lentamente ela foi percebendo onde estava, assustada, lembrou-se dos filhos e, desesperada, rogou:

– “Minha Nossa Senhora, meus filhos, onde estão meus filhos, onde eles estão, meu Deus!”

Tentando enxergar, abriu os olhos o mais que podia, mas nada viu, apenas percebeu que o bebê continuava em seus braços, alimentando-se calmamente. Novamente, o escuro tomou conta da sua mente e mais uma vez ela rogou a São Francisco:

– “Me tira desta escuridão, meu Santo, onde está Maria José?”

Pouco a pouco tudo deu lugar a um vazio.

Forçando manter os olhos abertos viu muita gente ao seu redor. Percebeu que o bebê continuava em seu colo, Maria José, no colo de alguém, olhava com curiosidade para alguma coisa. Lentamente, Laura foi tomando consciência do que havia acontecido. Caída no chão estava sua amiga que havia sentado ao seu lado. Atordoada e assustada, ela afastou o bebê do seio querendo ter certeza do que estava acontecendo com ele. Prontamente, começou a chorar e alguém o tomou em seus braços e se afastou dali. Novamente se fez escuro e ela rogou:

– “São Francisco ilumine esse caminho para eu poder passar!”

Ninguém soube dizer quanto tempo passou. Quando ela conseguiu abrir os olhos ver alguma imagem, percebeu que estava em seu

quarto, deitada em sua cama e o clarão do dia entrava pela janela aberta. Desesperada, gritou pelos filhos. Alguém trouxe Maria José e a colocou ao seu lado, o bebê foi colocado em seu seio e ele voltou a ser amamentando.

As lembranças, lentamente, voltavam à sua mente.

Lembrou-se do clarão, do estrondo e do escuro total; começou a indagar as pessoas à sua volta.

Palavras carinhosas são ditas, uma pessoa se aproxima e lhe estende uma xícara de chá que ela bebeu com sofreguidão, sem dar conta do tremor que tomava conta do seu corpo. Lentamente deixou seu corpo escorregar na cama, recostou-se no travesseiro e adormeceu. Por quanto tempo ela nunca soube dizer, demorou muito para as lembranças voltarem à sua mente embaralhada. Carinhosamente alguém lhe explicou:

– O clarão foi o raio que entrou pela porta da sala e atravessou a casa. O estrondo atingiu sua amiga que estava ao seu lado, que infelizmente morreu na hora. A outra ficou atordoada mas nada sofreu. A que estava com Maria José no colo havia atravessado a sala em direção a cozinha, nem ela e nem Maria José nada sofreram.

Laura não conseguia acreditar se o que ouvia era verdade e, repentinamente, rogou:

– “Meu São Francisco de Assis, valei me... fazei de mim um instrumento de vossa paz... onde haja o ódio, permita que eu leve amor... é morrendo que se nasce para a vida eterna...”

A minha tia Laura continuou a morar na Guaxima até a morte do tio Zeca que a deixou viúva com sete filhos, o mais novo com quatro anos de idade. Foram todos de mudança para Uberaba. Nas férias escolares minha mãe me levava para Uberaba, onde eu podia brincar e conviver com meus primos.

Eu muito curiosa, gostava de ouvir ela contar sobre o raio que caiu na sua casa. Pacientemente, ela repetia a história e dizia:

– Foi São Francisco que nos salvou. E retrucava, mas e a moça por que morreu?

E ela respondia tranquila:

– É o fim de todos, filha. “É morrendo que se nasce para a vida eterna”.

Como era de costume, ela colocava a mão na minha cabeça e dizia:

– São Francisco de Assis, ilumina os caminhos desta filha e a faça muito feliz.

Tornou-se hábito tia Laura benzer-nos desta maneira. O tempo passa e não perdoa. A prima Maria José telefonou avisando que a mãe não estava bem e pela idade, o médico não dava muita esperança.

Ceguei em Uberaba e fui direto para casa da tia Laura e prima Maria José me levou até o quarto dela.

Ajoelhei-me ao lado da cama e vi a tia Laura velhinha, rostinho fino e pálido, mas percebeu minha presença. Ela esboçou um sorriso e moveu as mãos debaixo das cobertas.

Entendendo seus gestos, tomei suas mãos e coloquei-as sobre minha cabeça firmemente e um leve sorriso pareceu iluminar sua face. Então eu rezei:

“Senhor, Fazei de mim um instrumento de vossa paz!

Onde houver ódio, que eu leve o amor,

onde houver ofensa, que eu leve o perdão.

Onde houver discórdia, que eu leve a união.

Onde houver dúvida, que eu leve a fé.

Onde houver o erro, que eu leve a verdade.

Onde houver desespero, que eu leve a esperança.

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.

Onde houver trevas, que eu leve a luz!

Ó Mestre, fazei que eu procure mais.

Consolar, que ser consolado.

Compreender, que ser compreendido.

Amar, que ser amado.

Pois é dando, que se recebe.

Perdoando, que se é perdoado

e é morrendo, que se vive

para a vida eterna!”

Quando terminei, havia serenidade em seu semblante.

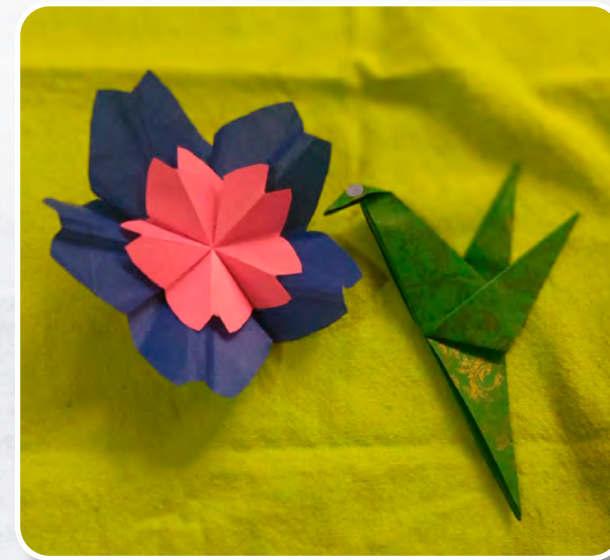
Voltei para Jundiá com um certo alívio, mas preocupada com a saúde dela.

Tia Laura faleceu logo depois, aos 104 anos, serena e tranquila como foi a sua vida toda, sem reclamar das adversidades, com a certeza que São Francisco de Assis a estava protegendo.



Foto: Divulgação

São Francisco de Assis



São Francisco de Assis,
um homem simples com uma presença feliz.

São Francisco de Assis,
tem uma intensa e amorosa relação com a natureza.

Ele pessoalmente conseguiu a paz,
em vários conflitos nas cidades.
Seu forte desejo de paz, era sua marca registrada.

O que encanta nele é que fazia o que Cristo recomendava aos seus apóstolos. Ele dizia:

– Que a Paz do Senhor esteja nesta casa!

Assim como anunciava a paz pela boca a todos, estava certo de que essa paz estaria também nos seus corações.



IRACI FERREIRA DA SILVA

Nascida na Fazenda Boa Sorte, no município de Pederneras/SP. Mãe de dois filhos e tem três netos: Alice, Igor e Theo. Em 2022, lançou o livro *Aromas e Sabores ao redor do mundo*. Iraci está presente nas antologias literárias da Editora In House.

Paz e Bem – lema de sua Ordem.
E também sua intensa e amorosa relação com a natureza.



Foto: Divulgação

“Consta-se que na floresta, em sua presença, os peixes saltavam da água e os pássaros pousavam em seus ombros”.

Uma poesia em forma de sua ação tão singela, simples e correta.

Questionava: “Como pode haver tanta injustiça, tanto luxo, ao lado de tanta, pobreza?”.

Tão atual como nunca essa indagação.

Era um homem com um olhar e postura firmes diante das injustiças. Francisco administrava uma ética que estava ligada à beleza e ao desejo de harmonia.

Dante Alighieri disse:

“Ele foi uma luz que brilhou sobre o mundo”.

E como sempre a Oração da Paz
como símbolo da sua grandeza...

Oração de São Francisco

Senhor, fazei-me instrumento de vossa Paz!
Onde houver ódio que eu leve o Amor,
Onde houver ofensa, que eu leve o Perdão,
Onde houver discórdia, que eu leve a União,
Onde houver dúvidas, que eu leve a Fé,
Onde houver erros, que eu leve a Verdade,
Onde houver desespero, que eu leve a Esperança,
Onde houver tristeza, que eu leve Alegria,
Onde houver trevas, que eu leve a Luz,

Mestre, fazei que eu procure mais,
consolar que ser consolado
compreender que ser compreendido
amar que ser amado
Pois é dando que se recebe
é perdando que se é perdoado
e é morrendo que se vive para a vida eterna”.



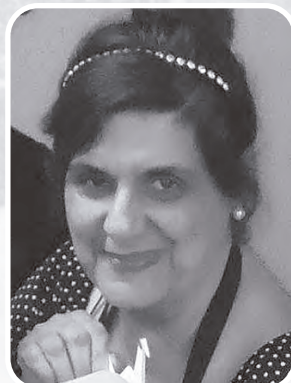
Foto: Divulgação

Oração tão preciosa que vai
de encontro a cada coração, hoje e sempre.
Abraça os sentimentos do mais profundo de nosso ser.

Há muitos anos fui Catequista, com muito orgulho.
Foi um grande aprendizado para todos,
pais, crianças, eu e a comunidade.

O carinho para com as crianças,
que estavam conhecendo a vida de Jesus,
e o quanto era importante,
o sentimento da Paz.
Foram anos de uma vivência esplendorosa,
que ficarão na minha memória para a eternidade.
Emocionada ao escrever, lembrando...

Que a paz de São Francisco esteja com todos!



LAURINDA AUGUSTA DE MORAES

Natural de São Paulo. É Arte-Educadora. Brincadora de Histórias e Contadora de Origami. Participou de várias antologias da Editora In House.

VANDERLEI NEGRO

São Francisco de Assis

Homem, que em sua vida, foi do oito ao oitenta. Foi bagunceiro, sofreu, teve dúvidas sobre o que fazer, e pior, o que ser. Foi grosseiro e amável. Foi rico e pobre. Foi de receber milagre e de fazer milagres.

Criou a ordem dos Franciscanos e a Regra Bulada, que ditava a conduta dos Franciscanos, posteriormente, a Regra não Bulada, contendo revisão, melhorias a pedido de seus seguidores mais próximos. Lá, se encontram:

“Quem não quer trabalhar, não coma” (Cfr. 2 Ts 3,10).

“Faz sempre alguma coisa boa, para que o diabo te encontre ocupado” (S. Jeron. Ep. 125,11).

“A ociosidade é inimiga da alma” (S. Bem. Reg. 48,1).

Como se entendia muito bem com pássaros e adorava a natureza, foi denominado Protetor dos Pássaros e do Meio Ambiente.

Reconciliador, sempre trabalhou pela união, tanto que é reconhecido como Santo da paz, dos pobres e dos ricos doadores para suas campanhas.

Um homem, frade, que pela sua fé, sua transformação e realizações chegou a ser canonizado, admiro-o muito e me tornei um de seus devotos. Já fui a Assis, na Itália, e tive a oportunidade de conhecer sua casa, onde morou, sua vila e a igreja onde atuou, constituindo-se, para mim, uma honra, pisar onde São Francisco de Assis pisou.



VANDERLEI NEGRO

Natural de Jundiá. Administrador financeiro aposentado. Ex-consultor de empresas, ex-professor de ensino técnico e universitário. Realiza trabalho voluntário em instituições sem fins lucrativos. É escritor e poeta. Publicou os livros: *Pontos de vida ou de vista*, que contém 50 anos de crônicas escritas ao longo de sua vida, e *Mexendo com a Educação e Terapia na Pandemia no Século XXI - Reflexões* – todos pela Editora In House.

Oração e Poesia

Eu não sei rezar: não sei!
Entretanto, quero dizer.
“Senhor, fazei-me instrumento da vossa paz”.
Acredito que já aprendi a amar!
Preciso levar esse amor por
onde eu passar.
O perdão é sublime!
Certamente, eu preciso aprender a perdoar.
Realmente não gosto da contenda!
Todavia, preciso levar a união.
Quantas vezes me perdi dentro das dúvidas,
entretanto, eu conheço o poder da fé!
Já errei muitas e muitas vezes
e sempre presenciei a verdade prevalecer!
Houve dias em que fiquei em completo desespero
E conheci o poder da esperança!
Fiquei abraçada à tristeza,
a fé me trouxe alegria!
Caminhei pelas trevas e a luz prevaleceu!
Amém.



CLAUDEVALDA SOUZA-CLAUDIA

Assistente Social, especialista em Gestão do Sistema Único de Assistência Social-SUAS, pedagoga, nordestina, parda, mãe, avó que carregava em seus sonhos o desejo de se expressar pela escrita. Tendo ficado muitos anos sem escrever, a partir de uma circunstância a vida apresentou a poesia como uma fonte de superação. No ano de 2021, iniciou sua participação em antologias: *De Eva a Frida – As Dores e Amores de Ser Mulher* (Editora In House); *Pandemim – a pandemia em mim* (Editora In House) entre outras. Autora dos livros *Do Outro Lado da Janela* e *Retrato Poético de Superação*.

Francisco amigo...

Irmão do Sol
Irmão da Lua
Irmão nosso
Benfeitor de homens e animais
De plumas, bicos, pelos e garras
Trilhastes caminhos
Na terra e no céu
A nós, criaturas
Entre pecados e falhas
Permita-nos segui-lo
Permita-nos bendizê-lo
Permita-nos aproximar de ti
Nem que seja
Para tirarmos o pó
Das tuas sandálias...



JEFFERSON LUIZ MOREIRA DIECKMANN

Escritor, poeta, técnico em eletrônica e graduado em Direito. Possui cinco livros próprios e tem participação em mais de uma centena de antologias poéticas. É membro de várias Academias e entidades literárias. Foi coordenador, pelo Brasil, de dois Encontros de Escritores do MERCOSUL. Tem seus livros catalogados na Casa Fernando Pessoa e na Fundação José Saramago, ambas em Lisboa, Portugal. Foi patrono da Feira do Livro de São Lourenço do Sul/RS, em novembro de 2019.

Viagem ao coração. Um encontro com São Francisco



Foto: Divulgação

Três da tarde. O sol entrava pelas frestas de minha janela e, com sua potência, inspirava-me, também eu, a despertar! Um convite da natureza que me trouxe ao coração São Francisco de Assis...

Era um tempo confuso aquele que eu vivia. Medos, angústias... o que poderia ter de futuro? Teria eu a possibilidade de continuar? Como eu daria conta de perseverar a despeito daquele inóspito contexto que me apertava e consumia?

Sentia mesmo como se precisasse de um bálsamo e, experimentando uma conexão profunda com o divino em mim, deitei-me ao som de "*Fratello Sole, Sorella Luna*"...

Daí por diante, a lembrança que nutro é de uma viagem... fechando os olhos, tive a sensação de levitar e voar até a cidade de Assis, na minha segunda pátria do coração, a Itália. Era como se pudesse mesmo subir as ruelas que me encaminhavam à Basílica de São

Francisco, no topo daquele lugar que outrora já me havia recebido de braços abertos! Transcendi!

Sentia cada passo e, a cada um deles, meu corpo se arrepiava por inteiro em um misto de emoções indeléveis... podia ouvir o canto dos pássaros, sentir o vento no rosto, sentir os cheiros, perceber cada ruído que me atravessava como um recado do alto de que eu precisava seguir adiante!

Chorei... lágrimas e sorrisos me invadiram com a mesma intensidade e eu transbordei minha fé... ali, deitada em meio às minhas dores e dúvidas, senti a paz de Francisco me tomar! Senti cada poro de meu ser se expandir pelo amor de Deus em mim, por intermédio da poderosa intercessão de Francisco...

Senti comunhão entre dor e amor, entre luz e sombra, entre morte e vida, exatamente como os versos da canção que embalava a minha estranha viagem ressoavam...

Foram instantes que ganharam a eternidade em mim! Voltei à minha casa envolta em um sentimento de plenitude que jamais esquecerei... rezei, agradei e, de joelhos, compreendi que ainda preciso estar aqui para muitas viagens; para viver muitos sonhos; para espalhar todo o amor que recebi!

Em comunhão comigo e amparada por São Francisco de Assis, eu despertei... abri os olhos e o coração e escolhi seguir...



Sou Gabriela Weber Buonocore, filha de Gabriel e Cecília e uma mulher sonhadora! Escrever, para mim, é um exercício que promove autoencontro. A cada linha traçada, eu me conheço mais e me permito seguir adiante por meio das palavras do meu coração. Para além disso, escrever também é um sonho da minha Gabi, uma menina esperta que, hoje curada, me habita e me expande! Sou Relações Públicas, Psicopedagoga, Pedagoga Sistêmica, Consteladora Familiar, Escritora e Cantora! Quantos sonhos realizados! Grata!

Um chamado de Francisco

Em fevereiro de 2013, vi a divulgação de mais um Retiro Internacional de Yoga Arhática, em Assisi, na Itália.

Encantei-me com as fotos do hotel e com a ideia de conhecer a cidade onde Francisco nascera. Esse interesse por São Francisco nasce quando conheço a Pranic Healing, a qual orienta a Meditação dos Corações Gêmeos como uma importantíssima ferramenta de serviços humanitários. Nessa prática são utilizadas as palavras da oração de São Francisco de Assis.

O desejo de estar lá, acende em mim uma fagulha que toma proporções além do meu controle. Daquele momento até o início do retiro, restavam apenas 30 dias. Não possuía reservas financeiras, nem um cartão internacional, ou seja, nada preparado!

Bastou o primeiro passo: falei com meu irmão, que mora em Londres e é comissário de bordo, sobre a possibilidade de desconto na passagem concedido a familiares. No dia seguinte, ele me liga dizendo que já estava tudo reservado!

Como voltar atrás agora?

Fui empurrada com muita força para frente! Se não fosse assim, já teria arrumado mil desculpas para não dar certo – como a maioria dos medos atuam em nossas vidas.

Várias resistências a esse movimento vieram também com a mesma intensidade: prazos, horários, confirmações... tudo mais difícil, porém com uma ascendência inevitável.

Inscrição em italiano: ai, meu Deus! Dá-lhe Google!!

Empresa autoriza minha ausência por uma semana!

Pagamento do retiro: cartão internacional! Eu não tinha e não daria tempo de solicitá-lo. Uma amiga do trabalho que acompanhava minha história, ofereceu-me para usá-lo para a inscrição. Ela também me emprestou umas camisas e blusas para a viagem.

O pedir, o aceitar, o agradecer, o acreditar: alguns exercícios novos, outros nem tanto...

Viagem até Londres: okay. Meu querido irmão que viabilizara tudo isso, faz questão de me acompanhar até a Itália.

Passamos um dia turistando em Roma e no Vaticano. Ele escolheu as terras de Vatica de maneira inspirada. Naquele dia, os cardeais se fechavam para o Conclave, após a saída de Bento de XVI. À tardinha, duas horas de trem para Assisi, em uma paisagem incrível. Acordando na primeira manhã, ouvíamos pela TV que o Papa escolhido optara pelo nome de São Francisco!!

O aprendizado às vezes dói. Dói muito. Hoje, claramente entendo que só doeu porque escolhi o caminho da dor: Expectativas Irrealísticas.

Coloco o pé no lindo e desejado Hotel Cenacolo (A Santa Ceia) e inicia-se o meu martírio. Eu não havia entendido que para ter reservado o quarto triplo, deveria ter os outros dois hóspedes (risos). Eu tive que pagar a diferença de hospedagem em quarto *single*. Até aí, tudo bem! Só o bolso afetado. Quando disseram que por dois dias – os principais – teria que ficar em outro hotel, pois este estava lotado. Entrei em pânico. Como assim? Eu fiz a reserva, o pagamento e ninguém me avisou nada sobre isso!!

Quantas vezes eu falei essa frase!!! Chorando, não chorando, em português, inglês, “italiano” (risos)... de tudo quanto é jeito, e para todas as pessoas possíveis!! E sempre a mesma resposta: “Não há o que fazer!”

E mais e mais choro e tristeza quando conheço os outros hotéis (sim, eu testei dois). Hoje eu sei que só eram mais simples. Naquele dia, porém, pareciam o pior castigo para alguém. A ironia era que o valor cobrado seria o mesmo.

Os primeiros dias do retiro eram um *plus* dedicado para purificação pessoal. E como foram importantes! Um desses dias, nem do quarto consegui sair.

O retiro inicia com suas atividades principais no fim de semana, e um dos primeiros ensinamentos foi sobre o tema “Expectativas Irrealísticas”. Bingo! Já poderia ir embora. Eu estava vivendo um grande milagre de estar ali para me desenvolver espiritualmente e tudo que eu via era a parte negativa quanto ao quarto que eu iria repousar. Esse impacto quase acaba com toda a experiência.

Da segunda até a sexta-feira, essa foi a minha missão: sofrer, curar-me e levantar. Depois, entender e aprender!

Foi um final de semana maravilhoso, repleto de amor, energias positivas, *insights* etc. Tantas sementes foram plantadas em meu coração!

O tema principal do retiro foi: “*Let us be divine chanel*” (Sejamos canais divinos).

E é isso que Francisco nos ensinou, a sermos alegria onde houver tristeza, paz onde houver guerra...

Os caminhos que me levaram a Francisco foram unicamente ricos e complexos. Ouvi um chamado por intermédio de um coração receptivo, segui-o depois de um primeiro passo e um pouco de fé. O resto construiu-se ao caminhar, tropeçar e levantar. E ao chegar, entendi que o caminho estava só começando.

Obrigada, São Francisco!

Album de São Francisco

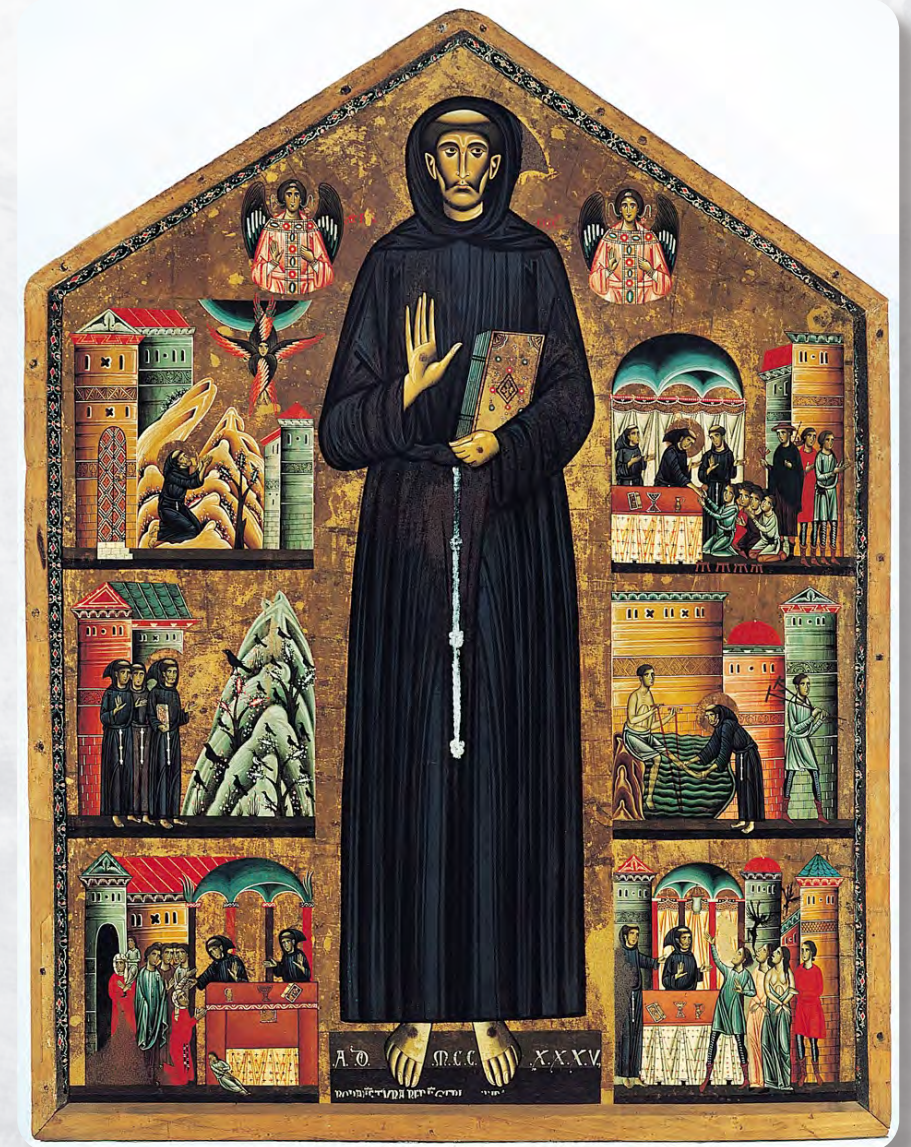
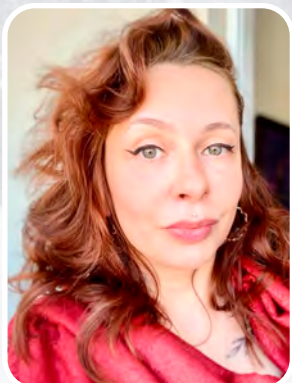


Foto: Divulgação



JULIANA BORGES DE CEZARE

Administradora, com MBA em Gestão Empresarial pela FGV e vasta experiência no mundo empresarial. Com formação em Pranic Healing, é entusiasta de práticas meditativas, principalmente, Yoga Arhática. Estreia no mundo literário por meio da antologia *São Francisco de Assis - Mensageiro da Paz*.



Saint Francis in Prayer, Caravaggio (1606).



Obras de Clayton Silva.



Estigmatização de São Francisco, Giotto.



Enviado por Ivonete Piccinato de Freitas.



Obras de Edson Lufaa. Acervo de Márcio Martelli.



Enviados por Luiz Alberto Carlos.



Il Signore ti benedica e
ti custodisca+
Ti mostri la Sua Faccia
ed abbia misericordia
di te+
Volga a te il Suo sguardo
e ti dia pace+
Il Signore ti benedica+

PREGHIERA SEMPLICE

O Signore, fa' di me uno strumento
della tua Pace:
Dove è odio, fa ch'io porti l'Amore.
Dove è ofesa, ch'io porti il Perdono.
Dove è discordia, ch'io porti l'Unione.
Dove è dubbio, ch'io porti la Fede.
Dove è errore, ch'io porti la Verità.
Dove è disperazione, ch'io porti
la Speranza
Dove è tristezza, ch'io porti la Gioia.
Dove sono le tenebre, ch'io porti
la Luce. ✝

O Maestro, fa ch'io non cerchi tanto:
Essere consolato, quanto consolare.
Essere compreso, quanto
comprendere.
Essere amato, quanto amare. ✝

Poiché:

Si è; Dando, che si riceve;
Perdonando che si è perdonati;
Morendo, che si risuscita
a Vita Eterna. ✝

S. Francesco

Assisi - Basilica di S. Francesco
S. Francesco (Cimabue)
142 CASA EDITRICE FRANCISCANA - ASSISI



Enviados por Roberta Bassani Federizzi.



Porziuncula, local onde morou e começou a
pregação. Está situada no interior da Basílica de
Santa Maria Degli Angeli, distante 5 km de Assis.

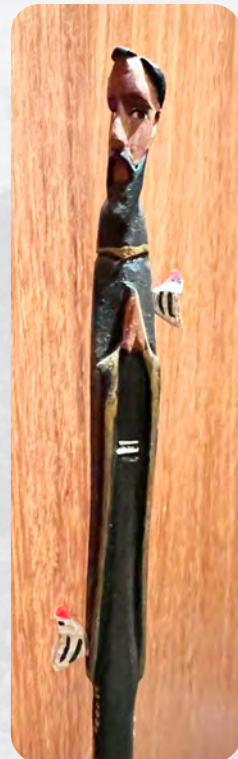


Na frente da Basílica Superiore em Assis.

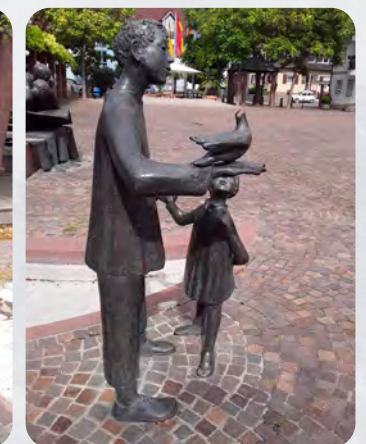
Foto: Divulgação



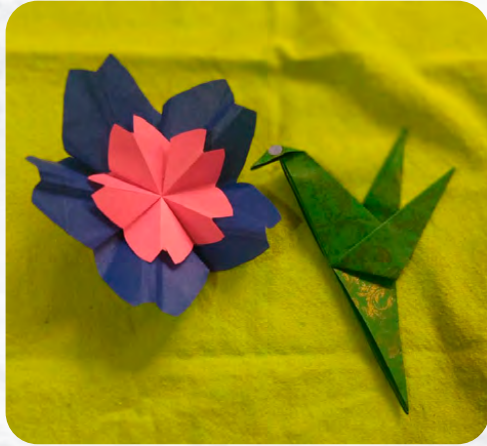
Enviados por Vera Mussi Hage.



Enviados por Ariadne Rodrigues de Moraes.



São Francisco, escultura numa cidadezinha chamada Neunburg, no sul da Alemanha fronteira com a França.



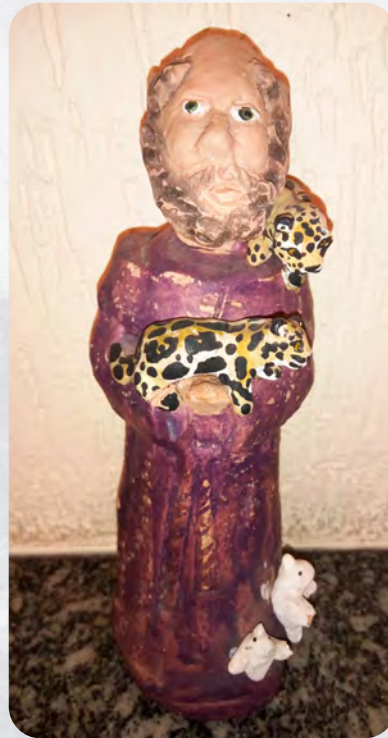
Enviados por Laurinda Augusta de Moraes.



Enviado por Maurício Moura.



Enviados por Ana Celeste Pereira Ferreira.

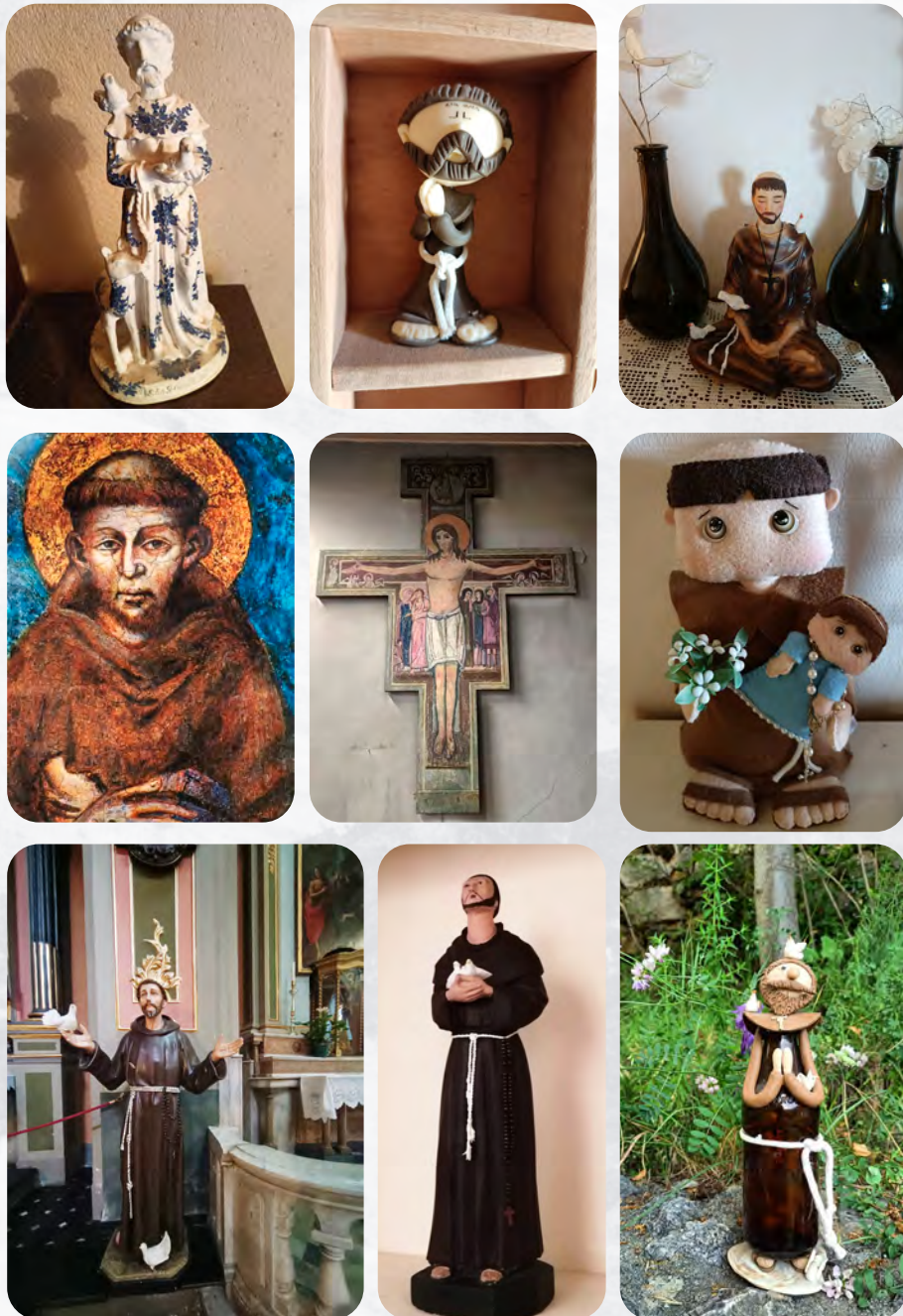


Enviado por Nadime Boueri.

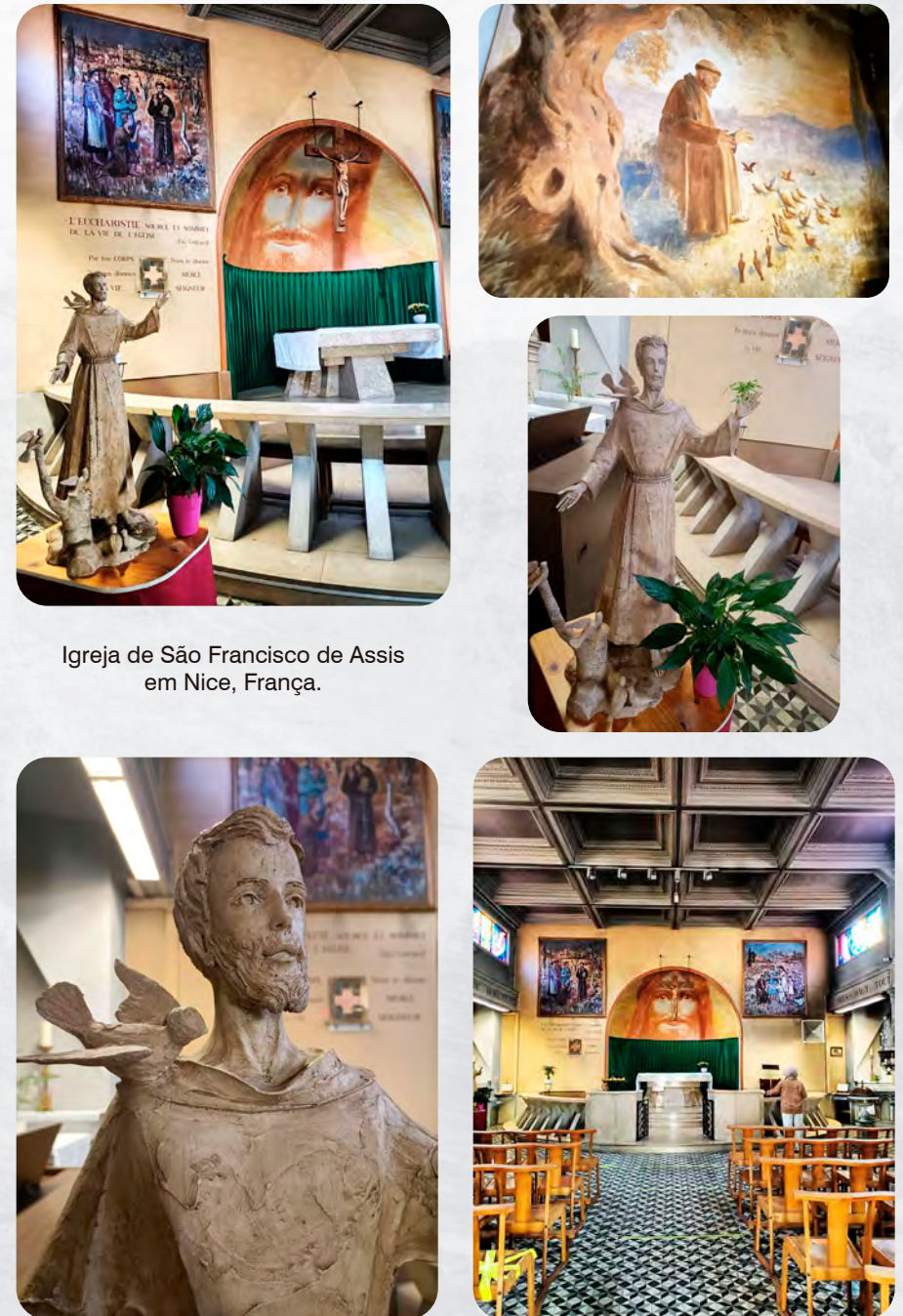
Enviados por José Felício Ribeiro De Cezare.



Enviados por Martha Cimiterra.



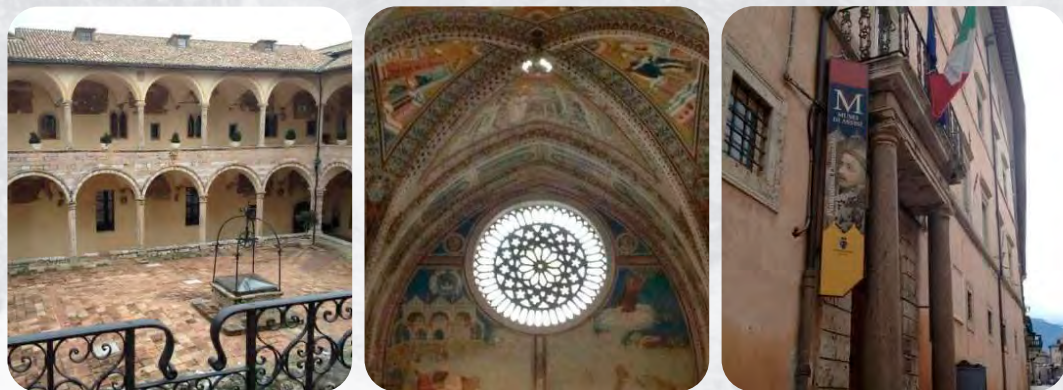
Enviados por Martha Cimiterra.



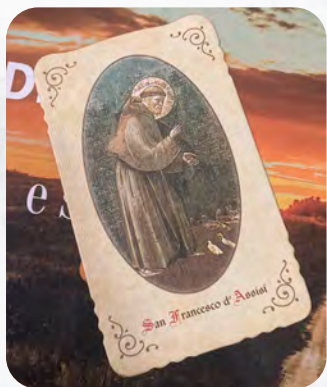
Igreja de São Francisco de Assis em Nice, França.

Uma viagem por Assis, Italia

Fotos: Juliana Borges De Cezare e Nelson Borges Jr.



São Francisco, o Mensageiro da Paz





*Senhor, fizeti de mim
um instrumento da Vossa paz.*

Oração de São Francisco

ISBN: 978-85-7899-702-1



9 788578 997021



editorainhouse
www.editorainhouse.com.br

st. fr. :